

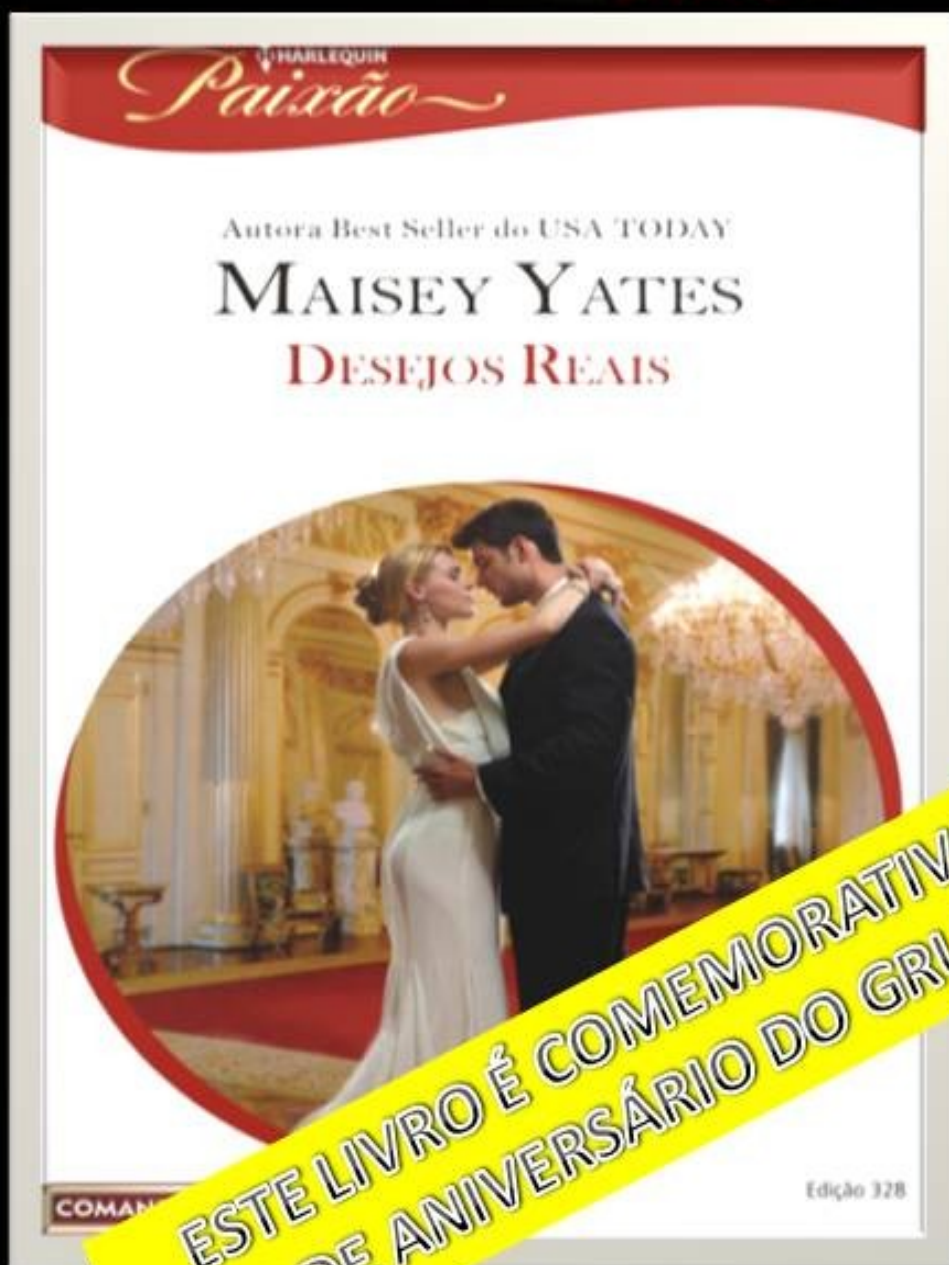
# LANÇAMENTOS ARE

*Adoro Romances em Ebook*

*Tradução: Fabia Vitiello*

*Revisão: Gigi (ARE)*

*Formatação: Gigi (ARE)*



**ESTE LIVRO É COMEMORATIVO DO  
MÊS DE ANIVERSÁRIO DO GRUPO ARE**



*Zuerida leitora,*

*O príncipe Drakos procura uma mulher à sua altura para desposar. E a pessoa perfeita para ajudá-lo nessa tarefa é a casamenteira Jessica Carter. O problema é que nenhuma das belas, socialites que Jessica apresenta ao príncipe o excita como ela faz. Então, ele irá propor a ela que, antes de escolher quem deverá ser sua rainha, Jessica deverá passar um mês com ele para que, juntos, exorcizem uma ardente paixão. Não perca essa tentadora proposta!*

*Boa leitura!*

*Equipe Editorial Harlequin Books*



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO- NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ Yates, Maisey

Y36d Desejos reais [recurso eletrônico] / Maisey Yates; tradução Fabia Vitiello.  
— Rio de Janeiro: HR, 2013.

**Recurso digital** (Paixão; 328)

**Tradução de:** *At His Majesty's Request*

**Formato:** PDF

**Requisitos do sistema:** Adobe Digital Editions

**Modo de acesso:** World Wide Web

ISBN 978-85-398-0795-6 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Vitiello, Fabia. II. Título. III. Série.

13-1921 CDD: 813 / CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

*Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.*

*Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.*

**Título original:** AT HIS MAJESTY'S REQUEST

Copyright © 2012 by Maisey Yates

Originalmente publicado em 2012 por Mills & Boon Modern Romance

**Projeto gráfico de capa:** Nucleo i designers associados

**Arte-final de capa:** Isabelle Paiva

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

Editora HR Ltda. Rua Argentina, 171, 4º andar São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

**Tradução** Fabia Vitiello

**Contato:** virginia.rivera@harlequinbooks.com.br



## CAPÍTULO UM

– ENCONTRAR O par ideal de cada um é uma ciência. – Jessica Carter colocou uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha e desapareceu por trás da tela de seu notebook ultramoderno e estiloso.

O que foi uma pena, porque Stavros estava gostando bastante de olhar para ela. Ainda que Jessica usasse roupas formais e pérolas em vez de algo justo e sensual e diamantes. Ela continuou a falar sem tirar os olhos da tela à sua frente:

– A combinação de posição social, valores morais, experiência de vida e educação é muito importante para a criação de um casamento bem-sucedido e duradouro. A maioria das agências matrimoniais entende isso, claro. Mas eu resolvi ir além. Saber unir pessoas, seus desejos, suas vidas e almas não é apenas uma ciência. É uma arte. A arte está na atração, e isso não pode ser subestimado.

O príncipe Stavros Drakos, segundo filho da família real kynosiana e herdeiro nomeado do trono, recostou-se na cadeira com as mãos na nuca.

– Não estou muito preocupado com arte, Srta. Carter. O essencial é que sejamos compatíveis, possamos conviver de maneira civilizada e que ela esteja à altura do meu reino. Quadris largos e fertilidade ajudariam.

O rosto pálido de Jessica ficou cor de framboesa, e ela apertou os lábios.

– Bem, não é o que todos os homens querem?

– Não tenho certeza. E, francamente, não me importo. A maioria dos homens não tem que levar em consideração a opinião de todo um país quando selecionam uma esposa.



Stavros não dava a menor importância ao que a maioria dos homens faria naquela mesma situação. Ele não era a maioria dos homens. Desde que fora forçado a ocupar o lugar de seu irmão mais velho, aceitando ser o futuro rei de Kyonos, tivera que mudar para acompanhar uma nova vida. Não importava o que era normal, não importava o que ele queria. Tudo o que importava era que fosse o melhor rei possível para Kyonos.

Seus métodos poderiam ser pouco ortodoxos e causar estranhamento em seu pai, mas tudo o que ele fazia era para o bem de seu povo. Não era de sua natureza ser convencional.

Jessica suspirou.

– É claro. – Ela deu um sorriso brilhante e puro, e por um instante, pareceu uma modelo.

Ah, ela parecia tão certinha que quase não lembrava uma mulher de verdade. Parecia uma garota propaganda da televisão dos anos 1950.

– Não que eu esteja reclamando, claro, mas por que exatamente fui contratada para encontrar uma esposa para o futuro rei? Pelo que pude ler nos artigos de jornais e revistas, o senhor é perfeitamente capaz de atrair mulheres sozinho.

– Quando preciso de um terno para um evento, contrato um estilista. Quando preciso organizar uma festa, contrato um coordenador de eventos. Por que essa situação deveria ser encarada de forma diferente?

Jessica inclinou a cabeça. Seu cabelo estava preso em um coque elegante, seu vestido era de gola alta, abotoado até o pescoço. Ela praticamente implorava para ser despenteada.

E em outras circunstâncias, seria exatamente o que Stavros teria feito.

– Vejo que o senhor é um homem prático.

– Tenho um país para dirigir, não tenho tempo para lidar com assuntos de menor importância.



– Bem, fiz uma lista com as melhores candidatas para que...

Com um movimento brusco, Stavros virou o computador de Jessica em sua direção e tocou em algumas teclas.

– Que diabo é isso? Não sei mexer nesta coisa.

Jessica virou o aparelho de volta para si.

– É um notebook de última geração. Devo eliminar mulheres tecnologicamente experientes de sua lista?

– Não é necessário, mas avise-as que mulheres muito falantes e sabidas não precisam se candidatar.

– Bem, então vamos encontrar alguém para mantê-lo na linha.

– Ninguém tem que me manter na linha. Sou o futuro rei e posso me cuidar sozinho.

Bem, a verdade era que a perspectiva de ser rei não mantivera Xander na linha. Ele abandonara seus deveres para com Kyonos, colocando Stavros em uma situação constrangedora. Não havia mais ninguém para assumir a coroa depois que o pai morresse, e Stavros tivera que aceitar ser o rei. E agora que havia feito isso, não recuaria, não desistiria. Jamais abandonaria suas obrigações.

Jessica digitou alguma coisa.

– O que a senhorita digitou?

– Fiz uma anotação sobre o senhor. Fortes tendências tirânicas. Uma possível dificuldade em interações sociais, e chances de grande habilidade em A.Q.

– A.Q.?

– Atividades no quarto – disse ela. – Eu lhe disse, a atração é um ponto a ser considerado. Dito isso, há exigências protocolares quanto à... Bem, quanto à experiência de sua futura noiva nesse assunto, príncipe Drakos?



– Por favor, me chame de Stavros. E respondendo a sua pergunta: não.

Ele não deveria estar surpreso pela franqueza dela. Jessica tinha a reputação de ser corajosa, ousada até. E também de realizar uniões que levavam a relacionamentos bem-sucedidos. Mais do que uma casamenteira, Jessica era uma estrategista em relações, e Stavros sabia que era a melhor em seu ramo.

– Melhor assim – disse ela. – É sempre desagradável pedir que uma mulher forneça seu histórico sexual.

– A senhorita faz isso?

– Tenho que fazer. Embora não apenas com mulheres.

– Ora, ora... Para quem a senhorita já trabalhou? – perguntou ele.

– Ah, se eu lhe dissesse teria que matá-lo. A discrição é importante no meu ramo. A menos que os envolvidos estejam buscando publicidade, não falo sobre meus clientes.

– Mas as histórias se espalham. Sua reputação é impressionante. – Stavros se encontrara com um antigo colega de escola três semanas antes, que exibia com orgulho sua noiva, uma moça adorável, linda como uma modelo, e educada em Oxford.

E quem encontrara aquela joia rara?

Jessica Carter.

A mulher que a mídia chamava de A Casamenteira dos Ricos e Famosos. Ela atendia a bilionários, diretores de empresas, magnatas. A realeza. E era conhecida por fazer casamentos que duravam.

Era disso que Stavros precisava. Ele não permitiria a si mesmo nenhum tipo de interesse pessoal na escolha de sua mulher. Era o futuro rei, seus desejos não importavam. Precisava de uma mulher que pudesse ser uma princesa, um ícone para seu país, preparada para ser uma peça importante para o governo. Bem, ele tinha



algumas exigências, é claro. Tinha que ser bonita. Inteligente. Fértil. E interessar-se por obras de caridade. Não deveria ser tão difícil encontrar alguém assim.

– Isso não é sobre mim, Srta. Carter, isso é sobre Kyonos. Minha família tem visto muitas tragédias, muita confusão. Tenho que projetar uma ideia de estabilidade, firmeza. E um casamento sólido é essencial.

A morte de sua mãe, dezenove anos atrás, chocara o país. A decisão de seu irmão Xander, o herdeiro por direito, de abandonar o reino, renunciando ao trono, gerara meses de instabilidade. As finanças do país entraram em crise, o comércio estagnou, o mercado imobiliário congelou.

Stavros tomara para si a missão de colocar o país de volta nos eixos. E realmente fizera isso. Revitalizara Thysius, a maior cidade da ilha, com hotéis de luxo e butikues da moda. Incrementara a receita do reino fazendo da ilha a sede de suas empresas, um conglomerado gigantesco e próspero. Stavros puxara o país da beira do precipício com grande coragem e firmeza.

– Entendo que esse seja um grande contrato – disse ela. – Não só nos termos de seu país, mas para o senhor. A escolhida será sua esposa.

Ele deu de ombros.

– Uma aquisição que eu, há muito tempo, sabia que teria que fazer.

Jessica suspirou longa e profundamente.

– O senhor poderia deixar de ser tão sincero? É difícil oferecer como marido um homem que, claramente, não tem interesse algum em romance.

– Tente isso como chamariz: case-se com o príncipe exausto e receba um título, uma pequena ilha, um castelo e uma tiara de brilhantes! Talvez isso sirva.

– Dinheiro não pode comprar o amor.





– Ótimo. É um clichê, é exagerado e, possivelmente, teremos que pagar direitos autorais para os Beatles, mas ótimo. A senhorita pode considerar completar isso com a outra frase batida: dinheiro não traz felicidade.

Algo mudou nos olhos de Jessica. Um pedaço de gelo ocupou o lugar do tom verde-escuro que tornava o olhar dela tão suave até um momento atrás.

– Sim, eu já entendi isso, senhor. Mas estamos falando de uma estratégia de vendas. Tenho que oferecê-lo como um produto. E o senhor não está ajudando.

Stavros começava a achar Jessica uma pessoa intrigante. Apesar de se mostrar como uma mulher quase recatada e distante, era franca, direta e durona.

O que seria necessário para fazê-la amolecer? A ideia fez o peito dele se apertar.

– E a senhorita acha que uma das mulheres cadastradas em seu serviço é minha rainha?

– Se ela não for, andarei por toda a Europa balançando saquinhos cheios de ouro até encontrar alguém adequado. Seu casamento é minha prioridade.

– Bem, até onde sei, a senhorita é a melhor. Conseguiu fazer com que meu amigo solteirão convicto se casasse.

– Em meu ramo, como na vida, não há certezas, nem garantias. É tudo sobre fazer a melhor combinação possível e lidar com os problemas conforme eles se apresentam. – Jessica olhou para a tela de seu computador. – O casamento da sua irmã é em apenas algumas semanas, e não quero que o senhor esteja acompanhado, estamos combinados?

Stavros franziu a testa.

– Não levaria uma acompanhante ao casamento de minha irmã, Srta. Carter.



Festas de casamento eram lugares perfeitos para encontrar mulheres, portanto ele não via sentido em levar uma consigo. O pensamento o lembrou de que fazia um bom tempo que ele não saía com alguém.

– E nada de escapulir com uma das madrinhas – completou ela. – O senhor tem que aparecer na mídia como um solteirão disponível, acessível e... Ah, sim, disponível.

Ele sorriu.

– A senhorita está se repetindo.

– É que isso é muito importante. Obviamente, não queremos ligar para todas as mulheres elegíveis do reino, convidando-as para aparecer no casamento, então teremos de fazer isso sutilmente.

Ele franziu novamente a testa.

– Por que não convidamos todas as mulheres elegíveis?

– Entenda Príncipe Encantado, a menos que o senhor queira colocar um sapatinho de cristal em um pé suado, faça do meu jeito.

– Eu não escolheria uma das madrinhas. As amigas da minha irmã são muito jovens para me interessarem.

– Ah, então o senhor tem preferência por uma faixa etária. Isso é importante.

– Sim, claro, ninguém tão jovem quanto Evangelina. Diria que 23 anos é o mínimo. Uma diferença de dez anos não é tão ruim. E talvez o limite seja... bem, 28 anos.

Jessica franziu a testa.

– Oh. Certo.

Ela baixou os olhos para a tela e pareceu pensar sobre o assunto. Depois, tornou a olhá-lo.

– Por que, exatamente, ninguém com mais de 28 anos?



– Preciso de uma mulher que possa ter filhos. De preferência, mais de um. Mulheres muito mais velhas do que isso não...

– Certo – interrompeu, ela. – Entendi.

– Se eu perguntar quantos anos a senhorita tem, piorarei a situação, não é?

– Não tenho problemas com minha idade. Tenho 30 anos. E isso não é assunto seu.

– Não é pessoal.

– Eu sei – respondeu ela. – E, de qualquer forma, não estou me candidatando.

– Uma pena – comentou ele, percebendo o quanto o rosto dela ficou corado.

Jessica fechou o computador e colocou as mãos sobre o colo, tentando loucamente parar de tremer. Ela estava dizendo todas as coisas erradas. Falando sem pensar. Não era uma grande surpresa, já que tendia a ficar atrevida quando nervosa.

– Pedi três convites aos organizadores do casamento de sua irmã – disse ela. – Vamos convidar três mulheres que selecionaremos juntos. No casamento, o senhor falará com cada uma delas por 20 minutos, não mais. Depois disso, quero que escolha uma que irá para a etapa seguinte. Fiz uma lista de itens que o senhor deve considerar.

– Não terei um encontro completo? – perguntou ele.

Ela se mexeu na cadeira. Ele era tão sensual que a enervava. Jessica não conseguia avaliar a beleza dele de forma distante, como observava um quadro ou uma escultura. Era assim que olhava para os homens nos últimos anos. Como se fossem objetos encantadores, agradáveis aos olhos, mas sem nada que exigisse envolvimento real. Jessica deixara essa parte de si mesma para trás e não sentira falta dela. Até agora.



Stavros fez uma faísca se acender em seu peito. Algo que estivera completamente ausente de sua vida por tanto tempo que Jessica acreditara, até então, que aquela fosse uma situação permanente.

Sentir-se assim de novo era desastroso.

– O senhor não precisa de um encontro completo. Não nessa fase. Escolhi algumas candidatas com base na conversa que tivemos por telefone. E agora refinei a pesquisa e tenho algumas candidatas apropriadas para lhe apresentar.

A maneira como Stavros a olhava era intensa, os olhos castanhos fixos nos dela. O príncipe era lindo. E Jessica quase engasgou.

A sensualidade dele era um perigo. Queixo quadrado, nariz reto, e seus lábios eram muito atraentes. Firmes e inflexíveis às vezes. E em outras ocasiões, quando ele sorria, pareciam macios. Macios e... Beijáveis. Jessica fez uma careta e tentou não pensar em quanto tempo fazia que tinha sido beijada.

Tentou com ainda mais empenho não pensar em como seria beijar os lábios de Stavros.

– Bem, vamos continuar – disse ela, respirando fundo. Sabia o que dizer a seguir, conhecia o sistema de cor. Poderia explicá-lo dormindo. – Começamos com a atração básica. Que eu chamo de “raio da atração”... – Como o que ela sentira quando conhecera Stavros naquela manhã. – Ou o que muitos confundem com amor à primeira vista. É provável que sinta uma forte atração imediata por pelo menos uma das mulheres que vai conhecer no casamento. E, conforme avançamos, tentaremos e encontraremos aquela pela qual o senhor sentirá uma atração mais duradoura. Siga meus conselhos e confie em mim. Tracei cada um dos passos que deverá dar para que, no fim, acabe se casando com a mulher mais adequada.

– E a senhorita me acusa de não ter interesse no romance! Ora, seu plano milimetricamente elaborado para me arrumar uma



esposa é frio e calculado. Não estou reclamando, mas devo ser... qual é a palavra que você usou? Sincero. Vamos ser sinceros um com o outro. – Um sorriso se formou nos lábios dele, e Stavros se levantou e lentamente começou a dar a volta na mesa. – A senhorita não é mais romântica do que eu.

Jessica se ergueu.

A voz dele era como manteiga quente. Era tão boa e, ao mesmo tempo, tão, tão, tão ruim para ela.

Jessica deu um passo para trás. Ele estava se aproximando.

– Certo, não sou romântica. Não de verdade. Quero dizer, fui certa vez. Mas não sou mais. O que é romance? Recadinhos carinhosos e ideias não realistas que projetamos um sobre o outro quando estamos no começo de um relacionamento. Romance é uma ilusão. É por isso que acredito na combinação de pessoas baseada em algo concreto. Dentro destes princípios básicos o amor pode crescer. E quando a fundação é sólida, acredito que o amor possa ser real e duradouro. Quando as pessoas se unem apenas por atração irracional, sem nada que sustente isso, os problemas começam.

Ele ergueu o braço e correu a mão pelo cabelo, gesto que fez com que seus músculos peitorais se retesassem debaixo da camiseta. Jessica se perguntou como seria acariciar o peito dele. Nunca tocara nada parecido.

Oh, meu Deus, divagando novamente. Vamos voltar à realidade...

– Então, é nisso em que a senhorita acredita? A atração física leva ao desastre?

Jessica riu e deu as costas para ele, começando a se afastar, esperando que aquilo não parecesse uma fuga.

– Algo assim. – Um tanto mais complicado que isso, mas ela não queria enveredar no assunto. – O ponto é que meu método funciona.



– Mas a senhorita não é casada.

Ela parou e respondeu sem se virar:

– Sou divorciada. E feliz. Estou bem melhor assim. – Feliz talvez fosse um exagero. – Faz quatro anos que vivo só.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– E a senhorita ainda acredita em casamento?

– Sim. O fato de meu casamento não ter funcionado só faz com que eu me lembre, todos os dias, da importância do que faço. Entendo o que leva as coisas a ruírem. E entendo como construir uma base sólida. Presumo que o senhor conheça a história do homem sábio que construiu sua casa sobre a rocha, não?

– Está enterrada em algum lugar de minha mente enevoadada. Lembranças de minha infância, dos ensinamentos da escola dominical e de fábulas edificantes estão aqui, em algum lugar. – Stavros sorriu para ela de forma encantadora e impertinente.

Não era de se admirar que ele fizesse tanto sucesso com as mulheres. O sorriso dele faria um iceberg derreter em cinco minutos.

– Excelente. Bem, vou ajudá-lo a construir um casamento sobre a rocha, em vez de sobre a areia.

Ele se aproximou ainda mais.

– É bom saber – disse ele.

– Vamos trabalhar juntos e encontrar a melhor candidata. Para o senhor e para seu país.

Stavros diminuiu a distância entre eles e estendeu a mão grande, bronzeada e máscula. Jessica apenas a encarou por um momento, tentando se lembrar do que era para fazer quando alguém lhe oferecesse a mão. Seu cérebro voltou a funcionar de repente, e ela também ergueu a mão.



O calor a inundou quando as mãos deles se tocaram, quando os dedos dele tocaram sua pele nua.

Jessica não fazia ideia de que seria assim encontrá-lo. Claro, tinha visto uma foto dele, mas a foto não fazia justiça ao homem.

Stavros era quase um palmo maior que ela, e tinha um cheiro maravilhoso. Pele limpa, com um toque de sândalo. Fazia com que Jessica se sentisse pequena e feminina. E como se estivesse perdendo a cabeça.

Ela balançou a mão dele uma vez, depois escondeu-a na dobra da saia, enquanto cerrava o punho, desejando que a sensação de queimadura diminuísse.

– Conto com isso. E estou lhe avisando, serei um cliente difícil.

Ela prendeu a respiração.

– Eu sou... Eu... Eu posso lidar com o senhor.

Ele deu uma risada grave e sombria.

– Veremos.

## **CAPÍTULO DOIS**

– A SENHORITA gostou de suas acomodações?

Jessica se virou com o coração disparado. Stavros estava parado ali, no corredor de seu hotel, com um pequeno sorriso no rosto.

– Sim, adorei meu quarto. Não esperava vê-lo aqui.

Ele olhou à sua volta, como se estivesse verificando para ver se estava no lugar certo.

– Ora, esse é um de meus hotéis.



– Sim, eu sei, mas pensei que...

– Pensou que eu não trabalhasse de verdade em meus hotéis e cassinos. Mas trabalho. Em outra vida, poderia ter sido um homem de negócios. – Seu tom de voz ficou estranho e o sorriso desapareceu. – Assim, divido meu tempo entre os deveres de um príncipe e as obrigações profissionais de um diretor de uma corporação. Ambos são igualmente importantes.

Ela tentou sorrir e deu um passo para trás.

– Então, para resumir, de todos os hotéis que existem na ilha, o senhor entrou justo no que eu estou?

– Oh, foi de propósito. Tinha negócios a resolver e decidi procurá-la depois de lidar com eles.

Jessica sentiu o sangue congelar em suas veias. Calma, garota. O que havia de errado com ela? Fazia tempo que homem nenhum a deixava naquele estado. E além disso, Stavros era um cliente.

De qualquer forma, Jessica não estava interessada. O término de seu casamento, quase cinco anos antes, ocorrera em circunstâncias dolorosas. Ela não teve condições de voltar a encarar o mundo dos namoros. O que não tinha sido de todo mal. Jessica tomara coragem para finalmente abandonar seu emprego e concentrara toda sua força em criar e aperfeiçoar sua própria empresa.

O trabalho ocupava um espaço enorme em sua vida. A princípio, ser uma casamenteira tinha a ver com seu encantamento pelo romantismo. Jessica se deixara levar pela ideia do amor, com todas as qualidades místicas que certa vez acreditara que o romance possuía.

Mas não pensava mais da mesma forma. Sabia que relacionamentos eram mais do que frio na barriga. Seu trabalho parecia cada vez mais importante. Ela provava a si mesma, a cada





dia, que as pessoas poderiam se casar e permanecer casadas. Era quase divertido. Jessica criava, praticamente do nada, relacionamentos e casamentos bem-sucedidos. E ia para cama toda noite sozinha tentando não pensar em seu relacionamento fracassado.

– E o senhor conseguiu resolver seus problemas por aqui?

– Acho que sim. Eu tinha que tomar providências para que os hóspedes do casamento de minha irmã ficassem bem acomodados.

– Bem, e depois de tomar todas essas providências, veio dar uma espiada em mim.

– Na verdade, vim buscá-la. Se vamos trabalhar juntos na seleção de minha futura noiva, acho que a senhorita precisa me conhecer melhor e saber quem sou. E para isso, deve entender meu país.

– Já fiz uma boa pesquisa sobre Kyonos e...

– Não. A senhorita precisa ver meu país. Como eu o vejo.

Apesar de saber que era essencial para seu trabalho conhecer seus clientes, Stavros a perturbava. Jessica não queria passar um tempo com ele.

– Ora, o senhor está me oferecendo uma visita guiada? – Ela não deveria aceitar. Tinha que inventar uma desculpa.

– Isso mesmo.

– Tudo bem. – Ah, meu Deus. As palavras erradas saíram de sua boca.

Bem, era melhor permanecer calma. Stavros era um cliente importante. E eles falariam o dia todo sobre o casamento dele com outra mulher. Ela ficaria bem.

– Ótimo. Precisa pegar alguma coisa?

– Eu estava saindo para almoçar, então acho que estou pronta.

– Seus sapatos vermelhos de saltos altos não eram a melhor



escolha para caminhar, mas Jessica tinha sapatilhas pretas em sua bolsa para emergências. E de qualquer maneira, eram sapatos incríveis e valiam um pequeno desconforto.

Os olhos de Stavros percorreram-na de cima a baixo e ele ergueu uma sobrancelha.

– O que foi? – perguntou Jessica.

– Nada.

– O que foi? – repetiu ela.

Ele se virou e começou a andar pelo corredor, e ela o seguiu.

– Por que o senhor olhou para mim daquele jeito? – ela quis saber.

– A senhorita sempre se veste assim?

Jessica olhou para seu vestido. Branco com bolinhas pretas, um cinto largo de couro marcando a cintura. Era um de seus favoritos, especialmente os sapatos e sua bolsa vermelha brilhante.

– Assim como?

– Como se tivesse saído de um filme em preto e branco.

– Oh. Sim. Gosto de coisas antigas. É meu hobby.

E sua nova situação financeira permitia que ela alimentasse sua preferência por roupas e acessórios das décadas de 1940 e 1950. Sua cama poderia estar vazia, mas seu closet estava cheio.

– Como é que comprar roupas antigas pode se tornar o hobby de alguém?

– Porque é todo um mundo diferente do nosso, e tão divertido! Freqüento leilões, mesmo os virtuais, vou a brechós e a vendas de garagem para encontrá-las.

– Parece um monte de problemas por roupas de segunda mão.



– Bem, eu amo a história dessas roupas. Além disso, não se fazem mais roupas assim.

– Não, de fato não fazem, graças a Deus.

– Ei, não ria de mim e das minhas roupas!

Stavros parou de andar, alarmado com o tom de voz dela, e a encarou com uma expressão severa.

– A senhorita sabe que eu sou da realeza, não é?

Ela assentiu.

– Sim.

– E mesmo assim fala comigo nesse tom?

Jessica franziu a testa, dando-se conta do que fizera. Ela não recuaria agora, o orgulho impediria.

– Desculpe-me, tenho o hábito de não pensar antes de falar. Algumas vezes, preciso que alguém me contenha.

Ele sorriu.

– Srta. Carter, a senhorita não tem ideia do quanto isso soa interessante.

Oh, mas Jessica tinha. Especialmente com o sorriso perverso que cruzava os lábios dele. E havia muito, muito tempo que ela estivera com um homem. Mais ainda: desde que desejara isso. Ainda mais: desde que se divertira com isso.

– Jessica. Chame-me de Jessica apenas. – Porque por alguma razão, quando ele a chamava de srta. Carter com aquela voz rouca, ela o imaginava chamando-a assim na cama.

E isso não era nada, nada bom. Jessica não estava interessada em sexo. Não estava interessada em se envolver e nem na dor resultante disso.

– Jessica – disse ele, lentamente, como se estivesse saboreando a palavra.



Bem, isso também não ajuda.

– Príncipe Stavros?

– Stavros. Por favor.

O coração dela tamborilava, uma espécie de batida irregular, como se tropeçasse.

– Suponho que senhor não tem o hábito de pedir aos plebeus para usarem seu primeiro nome, não é?

Ele deu de ombros.

– Títulos são ótimos. De vários modos, eles são necessários para que o lugar de alguém na sociedade fique claro e estabelecido. Gosto deles para negócios e para lidar com a mídia. Não gosto deles em conversas. Chame-me de Stavros e de “você”.

– Tudo bem então, Stavros.

– Começaremos aqui – disse ele, indicando os saguões do hotel quando começou a caminhar. – Este hotel, e muitos outros como ele, tem sido essencial para meu país. Depois da morte de minha mãe, meu pai começou a negligenciar a indústria do turismo. Negligenciou várias coisas. Eu tinha 14 anos à época. Meu irmão, o herdeiro do trono, tinha 16. Ele foi embora poucos anos depois disso. Ficou claro que Xander não voltaria e não cumpriria seus deveres. – Stavros não se incomodou em esconder a amargura em sua voz. – Isso serviu de desculpa para um levante civil. E, é claro, turistas não querem visitar lugares onde há confusão e desordem. Tão logo eu fui capaz, fiz o que pude para que a indústria do turismo renascesse. Fui para a faculdade, fiz contatos. Estudei administração, relações públicas, economia. Tudo que pensei que poderia ser útil para levar meu país ao lugar onde ele precisava estar.

– Você transformou Kyonos em um negócio.

– Essencialmente. Mas não para meu próprio ganho. Para o ganho do meu povo.



– É verdade, mas ainda assim você também ganhou dinheiro.

– Ganhei. Não vou mentir. – Ele se virou para ela. – Informações detalhadas de minha situação financeira são importantes, não é, para atrair candidatas?

– O quê? Oh, não. Acredito que elas se sentirão seguras o bastante em relação a suas posses. Duvido que precisem de algo mais do que o patrimônio real como garantia de segurança financeira.

– Você é bastante honesta.

– Sim, eu sei. – Jessica respirou fundo e tentou ignorar o aperto em seu peito. – Não encarar a realidade não adianta nada.

– Você tem razão.

Pela frieza do tom de voz de Stavros, Jessica percebeu que ele tinha experiência no assunto. Do mesmo modo que ela. Não deixava de ser interessante notar que, depois de voar por meio mundo, Jessica encontrara um príncipe de uma ilha no meio do mar Mediterrâneo que parecia ter mais em comum com ela do que qualquer pessoa em sua vida real. Ela ainda tinha amigos, claro, pelo menos aqueles que não ficaram do lado de Gil depois do divórcio. Mas eram todos casados, tinham filhos.

Jessica sentiu uma dor fantasma em suas entranhas, onde antes estivera seu útero. A mesma que a incomodava tantas vezes antes. Geralmente, quando ela via bebês. Crianças pequenas em balanços. E algumas vezes, o golpe de dor acontecia sem motivo. Como agora.

Havia uma limusine esperando por eles na frente do hotel.

Stavros abriu a porta para ela e os dois entraram no carro. Jessica suspirou grata pelo ar-condicionado. Kyonos era linda, mas se a brisa do mar não estivesse soprando poderia ser mais quente do que um incêndio para uma garota norte-americana de Dakota do



Norte. Assim que se sentaram e a limusine se colocou em movimento, ela se virou para Stavros.

– Então, por que uma limusine?

– É como as coisas são feitas. – Stavros puxou um painel que se abriu, revelando duas garrafas de cerveja no gelo. – Mais ou menos.

Ela riu.

– Você faz as coisas de seu jeito, não faz?

Ele sorriu e estendeu uma garrafa para ela.

– Faço?

– Sim. Contratar uma casamenteira para lhe encontrar uma esposa, beber cerveja em uma limusine. Eu diria que você não é exatamente o que as pessoas esperam de um príncipe.

– Há protocolos que devem ser observados, responsabilidades que devem ser assumidas. Mas muitas coisas podem ser... manejadas.

– E você aproveita.

Ele deu de ombros.

– Você tem que procurar os pequenos prazeres da vida, certo?

– Se por prazeres você quer dizer sapatos, então sim.

Ele gargalhou e abriu a garrafa dela com um abridor.

– Um verdadeiro cavalheiro – disse ela. – E claramente um profissional. Praticou muito na faculdade?

– Como a maioria das pessoas.

– Onde você fez faculdade?

– Fiz dois anos na Inglaterra, dois anos nos Estados Unidos.

Ela assentiu.



– Você combinaria melhor com uma mulher viajada, habituada a conviver com culturas diferentes. Provavelmente, alguém poliglota.

– Porque eu, claramente, sou muito culto?

– Bem, sim, você parece ser capaz de se comunicar com sua esposa.

– Não precisei de grande capacidade de comunicação com a maioria das mulheres que namorei. Para ser franco, nos entendíamos quase sem palavras.

Jessica tossiu, sabendo que ficara ruborizada. Pelo amor de Deus. Conversar sobre sexo era normal em seu trabalho. Era parte dele, porque era uma parte dos relacionamentos. E o assunto nunca a fizera corar.

– Bem, tenho certeza disso – respondeu ela tentando se recompor. – Mas espera-se que vocês se entendam também do lado de fora do quarto.

– Claro – respondeu Stavros. – E como disse, tenho minhas prioridades. Mesmo a atração sexual não é mais importante, para mim, do que a capacidade de produzir herdeiros.

– Certo. E como iremos nos certificar de que sua candidata estará apta a produzir herdeiros?

– A maioria das mulheres pode, presumo. – Disse isso com se a ideia de uma mulher não ser capaz de conceber fosse ridícula.

Ela apertou os lábios.

– E algumas não podem. – Por que o assunto sempre a fazia se sentir como um fracasso?

Bem, discutir a capacidade de gestar uma criança como uma qualidade essencial a uma rainha – a uma esposa – nunca seria fácil, não importando quanta paz ela imaginara ter na vida.

– Bem, Jessica, acho que quando finalmente escolhermos alguém, pediremos a ela que faça alguns exames.



– Será requisitado que você faça o mesmo – disse ela.

– Será?

– Sim, não permitirei que nenhuma das mulheres que eu selecione durma com você até que eu possa ter certeza de que você está com a saúde em perfeito estado.

– Acontece que acabei de fazer esses testes. Estou limpo. Você pode ter os resultados se quiser.

– Eu gostaria disso. E presumo que você não terá mais nenhuma parceira sexual enquanto estivermos neste processo, certo? – Ela sentiu o rosto esquentar de novo.

Os olhos dele brilhavam sobre ela, deixando o calor para trás.

– Naturalmente não – disse ele, e as palavras saíram lentamente. Pouco convincentes. – E faz um tempo que não tenho uma namorada.

– Bom. Você também não deverá dormir com as mulheres que eu lhe apresentar. Elas conhecem as regras. Não permito sexo entre meus clientes.

– Não? – perguntou ele, com um tom divertido e incrédulo de voz.

– Não até que o casal tenha sido estabelecido e que eu não esteja mais envolvida. Lógico que o relacionamento ainda pode ser dissolvido, mas não sou uma cafetina, não estou prostituindo ninguém e não permito que se prostituam. Meu negócio visa criar relacionamento, um verdadeiro e duradouro relacionamento. Não estou aqui para ajudar as pessoas a terem encontros casuais.

– Então, você tem um método?

– Sim. E um método altamente bem-sucedido. Ajuda quando há mediação feita por uma terceira parte. Alguém cujos sentimentos não se envolvam no processo. Eu ajudo as pessoas a pensarem de





forma racional. Imponho regras para que a luxúria não embace tudo o mais, não crie uma falsa euforia.

– E por que você não aplica seu método em si mesma?

– Porque, primeiro, não posso ser a terceira parte em um assunto que envolva o meu coração. Segundo, não tenho a energia nem o desejo de fazer isso novamente. Já me casei uma vez. Chega.

– Ainda assim, você ajuda outras pessoas a se casarem.

– Sim. E isso restaura um pouco da minha fé na humanidade.

– Seu ex-marido era assim tão ruim?

Ela balançou a cabeça lentamente.

– Algumas vezes, em um casamento, as pessoas mudam juntas. Algumas vezes, só uma delas muda. E a outra pessoa não consegue lidar com isso.

Ela mudara. O corpo dela mudara. E isso alterara tudo no que seu casamento estivera baseado. Os sonhos deles para o futuro desapareceram de um momento para o outro.

– Hum, pelo jeito você defende mesmo a instituição – disse Stavros para depois apertar o botão de intercomunicação na divisória da limusine. – Leve-nos ao Gio’s – disse ao motorista.

– Não estou defendendo a instituição, nem tentando convencê-lo a se casar. Você tem que se casar.

– Verdade.

– A maioria das pessoas que vem até mim deseja ou precisa do casamento por alguma razão. Quase nenhuma delas se interessa por minha vida pessoal.

– Acho difícil de acreditar – disse ele, enquanto a limusine diminuía a velocidade e começava a subir a estrada estreita de uma colina.

– Você acha?



– Você é interessante. Suas roupas, por exemplo, são muito interessantes. As coisas que saem da sua boca também são. Você implora para que perguntas lhe sejam feitas.

– Você seria minoria com essa opinião.

– Novamente, acho difícil de acreditar.

– Sou muito entediante. Tenho uma casa em Dakota do Norte. Cresci lá. Obviamente, não trabalho com muitos milionários, a realeza ou socialites em Dakota do Norte. Faço muito trabalho on-line, viajo bastante. Diria que minha casa fica vazia por pelo menos oito meses no ano. Vivo sozinha. Não posso ter um gato porque viajo. E acho que é só.

– Você evitou diversos assuntos.

– Evitei?

Ele se aproximou dela.

– Você não explicou por que é tão irritadiça.

Ela se inclinou um pouco.

– E não tenho a intenção de fazê-lo. Pare de flertar comigo.

– Estou flertando com você?

– Acho que sim.

– Não posso evitar. Você é bonita.

Ela tossiu.

– Olhe, conheço mulheres que se desmanchariam a seus pés e tudo o mais, mas tenho um trabalho a fazer, então o melhor é você me deixar inteira, certo?

Ele sorriu e se ajeitou em seu assento.

A limusine parou em frente a um lugar pequeno, caiado de branco. O deque, que era amplo, estava repleto de mesas



redondas, a maioria ocupada por clientes. As mesas tinham vista para a praia.

– Pronta? – perguntou ele.

Jessica assentiu e colocou a cerveja no descanso de copo. Stavros saiu do carro antes dela e abriu sua porta.

– Não era para o motorista fazer isso? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Sempre abro a porta quando estou na companhia de uma mulher.

– Mais uma coisa para seu arquivo – disse ela.

– Não estou certo se estou nervoso ou excitado com a conversa sobre esse arquivo. Isso me faz sentir como se estivesse com problemas, o que leva aos mesmos sentimentos conflitantes.

O calor correu pelo rosto dela, por seu peito.

– Isso é inapropriado.

– Você é a única que pode fazer piadas?

– Não... mas eu não fiz nenhuma que fosse assim tão ruim.

– A.Q.? Atividades no quarto?

– Isso era sério! – retrucou ela, enquanto entravam no restaurante.

– Príncipe Stavros. – A hostess correu para a porta. Sua vontade de servir ao príncipe era óbvia, assim como o rubor que tingia o rosto dela. – Eu não estava ciente de que o senhor viria hoje.

Ele piscou.

– Foi uma decisão de última hora.

– Claro – disse a mulher. – Sua mesa de costume está disponível. Devo trazer o de sempre? Para... dois?



– Isso seria ótimo. Pode deixar que encontro minha mesa sem ajuda.

Saíram do salão de refeições por duas portas de vidro que levavam a uma varanda. Havia poucas mesas por ali, cada uma parcialmente coberta com um tecido franzido, que as deixava parecidas com tendas em miniatura.

Stavros puxou uma cadeira para Jessica, que se sentou, olhando para o oceano, porque era muito mais seguro do que olhar para o homem sentado diante dela. Jessica não tinha certeza do motivo de se sentir assim. Já tivera reuniões com clientes do sexo masculino, claro. Mas estar perto deles não fazia com que se sentisse como se estivesse em um encontro. Isso só acontecia com Stavros.

Jessica abriu a bolsa e pegou seu computador.

– Nós vamos trabalhar? Agora?

– Bem, não, mas eu não estava esperando vê-lo até amanhã, então... não precisamos. Mas pensei sobre o que você me disse e pesquisei no meu sistema. Também telefonei para duas das três mulheres nas quais estou pensando e, se você concordar em vê-las, elas viriam para uma avaliação.

– Meu Deus, é como um daqueles casamentos arranjados de antigamente.

– Bem, você é o primeiro príncipe com quem trabalho. Já lidei com bilionários que têm interesse em preservar suas fortunas. Mulheres com herança que desejam uma aliança com homens de negócios que possam ajudá-las a manter seus bens. Enfim... os motivos variam. Olhe essa moça inglesa, por exemplo. Victoria Calder. Rica, família nobre, procurando um marido à sua altura.

– Ah. Um título, mas sem dinheiro e uma necessidade de um marido com fortuna.

– Bem, se você acha que vale a pena conversar com ela...



Stavros tomou o computador das mãos de Jessica e olhou para a foto da mulher na tela. Ela era bonita. Mais do que bonita, na verdade. Um nariz pequeno e arrebitado, lábios belos e bem delineados, maçãs do rosto rosadas e olhos azul-claros. Ainda assim, ela não chamou sua atenção. Não fazia seu sangue ferver. Não despertou seu interesse. Mais do que isso, apenas olhar para ela fez com que Stavros sentisse sua garganta se apertar.

Stavros preferia o rosto de Jéssica. Seu nariz afilado, seus lábios carnudos, seus olhos verdes puxados como os olhos de uma gata. E sua figura... ela era como uma pin-up. Ele imaginou, não tão brevemente, se ela usava roupa de baixo antiga para combinar com seus vestidos. Meias de seda e cinta liga. Pensar naquilo fez com que seu corpo fosse varrido por uma onda de calor. Bem-vinda, de várias formas.

– Sim. Quero conhecê-la. – Ele não deveria permitir-se nenhuma distração agora. Estava focado em encontrar uma noiva.

Mas não conseguia deixar de pensar que a srta. Jessica Carter seria uma amante incrível. Suas curvas macias, sua pele pálida. Os olhos escondiam um fogo que ele achava intrigante. E ela era rápida, afiada como uma navalha em seus comentários, inteligente, sem dúvida.

– De qualquer modo – continuou Jessica, interrompendo os devaneios de Stavros –, ela é a única que eu gostaria de convidar para o casamento de sua irmã.

– E ela saberá dos nossos motivos para convidá-la?

– Sim. Todas as mulheres com as quais estou trabalhando procuram maridos adequados, da mesma classe social e nível financeiro. Como você.

– Entendo. Então, invariavelmente, minha futura mulher estará atrás de um título e fortuna... – Ele olhou novamente para a foto de Victoria. – Assim como eu.



– O que é justo é justo. Os dois sabem no que estão entrando. Sem falsas expectativas. Não se eu puder ajudar.

– Sem falsas expectativas? Então, posso supor que você está incluindo uma lista dos meus defeitos no arquivo que enviará para as mulheres envolvidas?

– Apenas se elas avançarem até certo ponto do processo. Por discricção – disse ela.

– É claro. – Ele olhou para o rosto dela, iluminado e banhado pelo dourado do sol da tarde.

Jessica era linda. Não devido à perfeição de suas feições, ou por sua maquiagem muito benfeita. Havia mais. Algo mais profundo.

Ela era cativante. Diferente.

Sensual.

O peito dele se apertou.

– E a primeira etapa do processo começa no casamento da minha irmã.

– Correto. Tudo bem? Ou você acha que isso prejudicará...

– Tudo bem – interrompeu-a. Era estranho pensar em Evangelina casada. Pensar nela como uma mulher em vez de uma menininha. – Minha irmã está apaixonada.

– Isso é bom, já que ela está se casando.

Ele a olhou.

– Mas você sabe que não é assim que as coisas funcionam aqui. Não necessariamente.

– Verdade.

– Eva devia se casar para o bem de Kyonos. Em vez disso, se casará com seu guarda-costas.



– Você ficou irritado com isso? – Os olhos de Jessica encontraram os dele; o brilho verde neles era muito perceptível.

– Nem um pouco. A raiva é uma emoção completamente improdutivo.

– Bem, o reino depende de você, então.

Ele deu de ombros.

– Não importa. Posso fazer isso.

– E seu irmão...

– Estaria melhor morto. Ele não se importa com seu país, não se importa com sua família, seu povo. Poderia muito bem ter morrido com nossa mãe. – As palavras deixaram um gosto amargo em sua língua, e ele desejou ter um pouco de ouzo, a aguardente grega, para limpar a boca. A amargura também não era útil.

Como se lesse os pensamentos do príncipe, o garçom apareceu com uma bandeja com comida e bebidas e colocou-a sobre a mesa deles. Stavros pegou primeiro a bebida enquanto Jessica se serviu de um charuto de uva.

– Estou feliz por Eva. E o futuro marido dela trouxe bastante para o país em termos de posses e segurança. Mak é um bilionário. Dificilmente ela se casaria com alguém financeiramente abaixo dela, mesmo ele não sendo da realeza.

Sob o comportamento casual de Stavros, Jessica pôde sentir seu humor sombrio. Ele era muito bom em bancar o despreocupado, muito bom em atuar como o príncipe excêntrico, sempre pronto para sorrir para uma fotografia. Nunca pego fazendo cara feia em público, pois uma manchete maldosa diria ao público que sua expressão mal-humorada seria a prova de alguma crise nacional.

Ainda assim, ela pôde sentir que algo não estava certo. As responsabilidades sobre ele eram enormes. Aquilo tinha que afetá-lo de alguma forma. Claro. Sua irmã abandonara seus deveres para



com o país por amor, seu irmão os abandonara por egoísmo e prazer pessoal. Sobrava apenas Stavros agora.

– Bem, encontraremos uma noiva à altura de seus deveres, uma boa rainha para Kyonos – disse ela injetando a confiança e o entusiasmo em sua voz que não tinha certeza de que sentia.

Um raio de sol banhou o rosto dele, e a imagem deixou Jessica sem fôlego.

Por que Stavros tinha que ser tão sensual? Mais do que isso, por que ela repentinamente tinha que se importar com o quanto ele era sensual?

Ela desviou o olhar para a tela de seu computador. O belo rosto de Victoria Calder sorria para ela. E pela primeira, Jessica sentiu o coração apertado de ciúme por um cliente. Era a primeira vez que isso acontecia, e seria a última.

Jessica sabia não poderia se arriscar assim. Não financeiramente, e, sobretudo, não emocionalmente.

Ela já perdera tudo. Nunca mais baixaria a guarda, nunca mais se exporia tanto.





## CAPÍTULO

## TRÊS

JESSICA TENTOU não se desesperar enquanto observava sua noiva em potencial favorita daquele momento, Dominique Lanphier, parada perto da mesa do bufê parecendo uma gazela sob os holofotes. Havia uma espécie de energia nervosa nela, como se estivesse prestes a sair como um dardo de seu lugar a qualquer momento e arrancar Stavros de perto de Corinthia, a ruiva mignon com quem ele conversava no momento.

Aquela não tinha sido a melhor ideia de Jessica. Era uma pena ter percebido isso tão tarde. Suas noivas em potencial, normalmente tão bem-comportadas, ficaram um pouco fora de controle com a chance de competir por um príncipe, e todas as boas maneiras com as quais tinham sido criadas pareceram ter desaparecido de suas cabeças no momento em que entraram no palácio.

Victoria, sua grande aposta para Stavros, estava indisponível para o casamento, o que forçou Jessica a trazer Dominique no último minuto para substituí-la. Algo de que ela estava amargamente arrependida.

– Não saia daí – sussurrou Jessica, esperando que a outra mulher miraculosamente a ouvisse e obedecesse do outro lado do salão.

A cada minuto que passava, parecia ficar mais quente no salão de baile, e Jessica poderia jurar que o decote em forma de coração de seu vestido de festa estava prestes a escorregar, o que o faria ir do sensual para o burlesco. E isso traria mais atenção para si do que ela queria.

Jessica ergueu o corpete do vestido discretamente, sentindo-se, por um momento, apenas uma garota vulgar de Dakota do Norte. Sentindo a personagem que montara começar a se desfazer.



Não. Você não é vulgar. Você é uma empresária. Você está em um castelo. É sua própria princesa interior.

Sim. Princesa interior. Tinha certeza de que possuía uma dessas.

Ela respirou fundo e sentiu sua ansiedade diminuir um pouco quando Stavros checkou seu relógio e se despediu de Corinthia na hora certa. Mais um pouco e haveria comentários maldosos. E agora seria a vez de Dominique.

Esse tipo de encontro breve e público era, na experiência de Jessica, um modo perfeito de começar. Prevenia que um sentimento de intimidade forçada se instalasse.

Jessica observou Stavros se aproximar de Dominique e começar a conversar com ela de forma tão casual que o encontro poderia ter sido acidental. Ele era bom.

Ela viu quando ele se inclinou. Sua linguagem corporal indicava interesse, o sorriso em seu rosto era caloroso. Genuíno. O ar pareceu deixar os pulmões de Jessica quando ele roçou o braço de Dominique com a mão.

Foi um gesto breve.

Stavros nunca a tocara. Nada mais do que um aperto de mão. E um breve toque no restaurante. Ela não deveria ter uma lista das vezes em que a pele dele fez contato com a sua. Não deveria importar que ele estivesse tocando outra pessoa. Não importava. Ela estava ali para encontrar uma esposa para ele. Não havia espaço para ciúme na equação, esta emoção terrível e perturbadora. Que consumia quem a sentia. Que colocava em evidência o pior das pessoas, dela em particular.

Quando Jessica descobrira que Gil estava se casando novamente, sentira aquilo. E quando descobrira que a esposa dele estava grávida, também.



Jessica sentiu vergonha de si mesma. Não deveria ter ciúme da mulher de Gil. Ou da capacidade dela em gerar uma criança. Aquilo era pequeno e mesquinho.

Mas ele encontrara a felicidade que ela desejava. Fora capaz de seguir em frente e tornar reais, com outra mulher, todas as esperanças e os sonhos que eles tinham quando se casaram. Fora capaz de deixá-la.

Jessica não poderia deixar a si mesma.

Seu corpo era seu corpo. Suas limitações não mudariam com um novo parceiro. Seguir em frente para ela significava algo muito diferente do que tinha sido para seu ex-marido. Seguir em frente significava reconstrução, encontrar novos sonhos. Ela era feliz. Tinha um negócio de sucesso. Era financeiramente independente e estava arranjando uma noiva para um príncipe, pelo amor de Deus.

Um príncipe pelo qual ela não deveria ter nenhum sentimento. E certamente não esse tipo de sentimento de desejo. Era loucura o que ela sentia. Loucura.

O tempo de Stavros com Dominique acabou e ele fez uma saída educada, não estendendo a conversa. O que sugeriu que ele não poderia ter se perdido nos olhos dela ou algo assim.

Jessica sabia que não deveria se sentir satisfeita com isso.

Ela sentiu o coração disparar quando Stavros mudou seu rumo de repente e começou a caminhar em sua direção. Seus movimentos despreocupados, seu jeito acessível. Ele conseguia fazer todo mundo se sentir especial e merecedor de sua atenção, ainda que não parasse mais do que um breve instante para cumprimentar os conhecidos que estavam em seu caminho. A cada vez que os olhos escuros dele pousavam nela, Jessica sentia como se ele fosse seu destino. E, bem, Stavros era um príncipe, e era um cliente. Então, ela não o evitaria.

– Adoraria conversar com você em particular – disse ele quando se aproximou.



Ela olhou ao redor.

– Contanto que não chamemos muita atenção. Estou longe de ser o rosto mais reconhecível do mundo, mas...

– Venha. – Tomando a mão dela, ele se encaminhou para a saída do salão de baile, seu caminhar mais cheio de propósito do que um momento antes.

Jessica pegou uma taça de champanhe da bandeja de um garçom que passava e o seguiu.

– Espere. Estou de salto alto – disse ela, caminhando de forma rápida e cambaleante no corredor. – Ei, Tarzan, Mim não ser Jane. Você não pode me arrastar pelo cabelo.

Stavros a ignorou, continuando a descer pelo corredor até que alcançaram uma porta de madeira ornamentada que Jessica reconheceu ser a entrada do escritório dele. Ela nunca a teria encontrado sozinha. Não no labirinto de corredores do palácio de Kyonos. Stavros soltou-lhe a mão, digitou um código de segurança e abriu a porta.

– Entre.

Jessica olhou para ele e entrou no cômodo, secando a mão na saia de seu vestido, tentando se livrar da sensação de calor que o toque dele deixara em sua pele.

– Bem, estamos aqui, Stavros. O que foi?

– Nenhuma delas era aceitável.

– Nenhuma?

– Não.

– Mas... Mas... – gaguejou Jessica. – E sobre Dominique? Você tocou o braço dela.

Ele deu de ombros.

– Sei como flertar.



– Bem, sim, eu sei disso. Mas por que flertar se você não ia querer seguir em frente?

– Não estou tentando ferir os sentimentos de ninguém. Estava entediado, queria me distrair. Por que você escolheu mulheres tão entediantes?

– Entediantes? Dominique é uma modelo importante, Corinthia é médica, pelo amor de Deus, e Samantha...

– Tem uma risada irritante.

– Certo. Sim, a risada dela é meio irritante. Mas é do tipo cativante.

– Não. Não é.

– Você está sendo cruel.

– Talvez. Mas não tenho toda a eternidade para encontrar uma esposa, e você, supostamente, é uma especialista.

– Eu sou. Posso encontrar uma esposa para você.

– Jessica, eu não quero conviver com uma mulher cuja risada me irrita, ou com outra que parece não saber falar sobre nada além do tempo.

– Isso se chama conversa educada, Stavros. É como as pessoas começam a se conhecer – disse ela.

– Entediante.

– Então, casamento quer dizer mais para você do que você disse. Fico feliz em ouvir isso.

– Não estou feliz por você ter me apresentado candidatas inaceitáveis. Isto não é sobre fazer sentido ou emoções. Isto é sobre eu ser capaz de suportar a mulher com quem tenho que me casar.

– Você está realmente sendo ridículo. Elas não são inaceitáveis. Qual é o problema? Você não as achou atraentes?



– Elas eram atraentes. Mas não gostei de nenhuma delas.

– Você diz como se isso fosse minha culpa.

– É culpa sua. – Ele se virou para encará-la. Seus olhos escuros deslizaram até os seios dela, que seguiu seu olhar.

Jessica olhou de volta para ele.

– Fale mais sobre isso. – Ela cerrou os dentes.

– Espera que eu possa manter a atenção em outras mulheres quando você aparece vestida assim?

– O que está errado com meu vestido? – Ela agarrou a saia de tule num gesto reflexivo.

– Além do fato de você estar mostrando muito mais dos seus seios do que qualquer homem heterossexual poderia conseguir ignorar? Bem, suas pernas também são uma questão. Este é um casamento formal. Todas as outras mulheres, incluindo aquelas com que eu falava, estão usando vestidos longos. Você... Você...

– Este vestido vai até os joelhos. E eu não percebi que você era um garoto de 14 anos disfarçado de príncipe. – Jessica o insultara só por desabafo, porque na verdade adorara o elogio.

Stavros deu um passo na direção dela, e Jessica respirou fundo, obrigando-se a permanecer imóvel. Ele se inclinou, seu rosto ficou próximo ao dela, seus olhos escuros estavam intensos.

– Posso lhe assegurar que não sou um menino.

Ela fez uma careta, lutou contra a urgência de colocar a mão sobre o rosto dele e ver se a sombra escura que havia ali era mesmo áspera.

– Acredito nisso.

– Então, não me teste. – Os olhos dele permaneceram fixos nos dela por um longo instante, o coração dela ameaçando bater fora de seu peito.



Stavros se afastou finalmente, e Jessica suspirou de alívio; seu corpo tremia.

Ele estava mesmo flertando com ela? Tratando-a como um brinquedo?

Jessica realmente gostara de ouvir o que ele dissera. Fazia um bom tempo desde que fora capaz de sentir qualquer coisa positiva em relação a seu corpo. Era bom ter um homem olhando para ela e simplesmente vendo uma mulher bonita, em vez de uma mulher cheia de problemas.

– Desculpe-me. Eu não quis provocá-lo.

– Ora, vamos você sabe como se parece. Você ofuscou a noiva.

Ela não poderia acreditar nisso. Não seriamente. A princesa Evangelina era linda. Pele morena, cabelo escuro e longo, e tinha um corpo adorável. Em seu vestido de casamento, estava insuperável. E mais, a princesa tinha apenas 21 anos. E não tinha as cicatrizes que Jessica possuía em seu corpo.

– Duvido disso, Stavros.

– Meus olhos estavam em você a maior parte do tempo.

O calor subiu pelo pescoço de Jessica e alcançou seu rosto, para depois se espalhar por seus seios.

– Não deveríamos ter esta conversa.

– Deveríamos. Porque se você vai estar presente em todos os meus encontros com noivas em potencial, precisa se vestir de maneira mais adequada.

– Vou me vestir como quiser príncipe Stavros – disse ela, sentindo a indignação crescer.

A pulsação de Stavros acelerou. Todo o seu fluxo sanguíneo parecia estar se desviando para a linha ao sul de seu cinto. Ele lutara contra a urgência de puxar Jessica para seus braços, beijar seus lábios, beijar seu colo e seus seios. Aquele vestido ridículo a



fazia parecer como a fantasia de todos os homens do mundo.

Ele se lembrou das mulheres que conhecera naquela noite. Mas elas pareceram... insípidas. Jovens. Não o tinham interessado. Certamente não fizeram disparar faíscas por seu corpo como Jessica fazia. E isso não era parte do plano para essa noite.

Quando ela entrara no salão de baile, foi como se um interruptor tivesse se acendido dentro dele.

A luxúria o inundara como um fogo; a necessidade de ver as curvas delas, aquelas curvas maravilhosas, sem um vestido cobrindo-as o enlouquecera. Isso o fez desejar pressioná-la contra a parede e colocar de lado todo aquele emaranhado de babados. Fazê-la gritar com o tipo de desejo que parecia realmente tentar comê-lo vivo toda vez que ela estava por perto.

Stavros não queria ser esse tipo de homem. Controlava seus desejos, sempre.

– Alguém já lhe disse que você é muito teimosa?

– Ouvi isso muitas vezes sim. E sou capaz de jurar que você também.

– Sim, acho que tem razão – disse ele. – Mas espero que você faça o que peço.

– Então, espero que você saiba lidar com a frustração.

– Era para você estar trabalhando para mim. – Stavros não tinha certeza de onde vinha o desejo de irritá-la. Mas era isso que ele estava fazendo.

Irritando-a. Desafiando-a.

– Se é assim que você se sente, talvez deva procurar sozinho por uma esposa.

– Ora bolas, Jessica. – Ele cruzou os braços. – Você tem outras candidatas?





– Victoria, lembra? E há outras garotas, claro. – Ela se mexeu, fazendo com que seu decote dançasse.

Stavros voltou a se excitar.

– Podemos discutir isso mais tarde. Vamos voltar para o casamento?

– Sim. – Ela fez uma careta e ergueu uma sobrancelha. – E você vai se comportar?

Jessica não estava falando apenas sobre aquela noite. E Stavros não sabia como responder.

– Suponho que eu possa tentar. Você vai se arriscar? – Ele estendeu braço, e ela não se moveu um centímetro.

Então, Jessica deu um passo e passou o braço em torno do dele.

– Não tenho medo de você, Stavros.

Ele tomou as palavras dela como um desafio. Encarou-a.

– Confia em mim, Jessica?

– Sim.

– Ah, Srta. Carter, você não deveria confiar nem um pouco em mim.

Stavros tentaria se convencer de que a forma como reagira a Jessica era apenas um resultado direto de sua longa luta com o celibato. Ele encontraria outras candidatas até achar aquela com quem deveria se casar, e então poderia focar todo seu desejo nela.

Se Theos, Stavros sempre dizia a palavra “deus” em grego, o ajudasse, ele encontraria felicidade e satisfação em seu casamento.

– Estarei na Grécia pelas próximas semanas e quero que você arranje meus encontros com as noivas em potencial lá. Tenho negócios a tratar. – Negócios que poderiam ser adiados, mas ele precisava sair de Kyonos. Agora.



Ela piscou.

– Eu... eu posso fazer isso. Mas tenho outros clientes, e eu...

– Não, agora você não tem. Preciso que se dedique a mim, e só a mim. Preciso de você comigo, organizando encontros e me ajudando a resolver logo essa história.

– O que as pessoas pensarão se simplesmente nos levantarmos e formos para a Grécia um dia após o casamento de sua irmã?

– Quem sabe não pensarão que estamos tendo um romance selvagem?

A ideia fez o corpo dele acender. A ideia certamente tinha mérito. Mérito que ele deveria considerar. Apenas a ideia de baixar o vestido dela, revelar aqueles seios perfeitos...

Ela riu.

– Oh, eu duvido disso. É mais provável que pensem que você está procurando por uma esposa grega.

– Não me oponho a isso também. – Não mais do que se opunha à ideia toda.

– Acho que não importa se trabalharmos na Grécia ou em Kyonos.

– Bom. Então, partiremos para a Grécia pela manhã. – Ele abriu a porta de seu escritório e a manteve assim para que ela passasse.

No dia seguinte, ele deixaria Kyonos e colocaria sua cabeça no lugar. Por agora, estava determinado a voltar para a recepção e aproveitar o dia mais feliz da vida de sua irmã.





## CAPÍTULO

## QUATRO

O QUE vestir em um jato particular que rumava para a Grécia com um príncipe como companheiro de cabine? Essa última parte era importante.

Aquela foi a primeira pergunta que Jessica fez a si mesma pela manhã, e que ainda a atormentava quando ela embarcou no jato particular, usando um vestido de verão amarelo, decotado e de alças, e um chapéu amplo combinando.

Qualquer pensamento mais sério do que roupas faria sua cabeça explodir. E Jessica não queria correr o risco, ia precisar de sua cabeça por mais alguns anos.

Stavros já se encontrava na aeronave, acomodado em um dos espaçosos assentos de couro, as mãos atrás da cabeça. Pura provocação, sua linguagem corporal dizia “vamos mexer com a compostura de Jessica”. As coxas dele eram firmes e bem definidas? Sim. O peito era largo e convidativo? Sim. O abdome era plano e musculoso? Sim, sim, sim.

Ele a estava enlouquecendo.

E o que você fará a respeito? Ainda que pudesse tomar alguma providência...

Nada. A resposta era essa, absolutamente nada. Flerte e brincadeiras de duplo sentido seriam uma coisa divertida, mas ir mais longe do que isso teria apenas dor como consequência. Dor emocional, e não física. Bem, provavelmente as duas.

– Bom dia – cumprimentou ela.

Ele se levantou quando a viu e não voltou a se sentar até que ela estivesse acomodada.

– Gosto disso – disse ela. – Muito cavalheiresco.



– Etiqueta é, claramente, algo muito importante para um príncipe aprender – afirmou ele com humor.

– É uma arte moribunda nos dias de hoje, acredite-me. Tanto para homens quanto para mulheres.

– Imagino que você tenha mais conhecimento nisso do que a maioria. – Ele prendeu seu cinto de segurança, e ela o imitou, conforme o avião se aprontava para decolar.

– Provavelmente. Lido com pessoas, e elas nem sempre se comportam bem. Mas todos tendem a se comportar da melhor forma quando estão procurando por um relacionamento ou começando um. Então vejo também grande quantidade de boa educação fingida.

Ele assentiu.

– Suponho que eu também.

– Posso apostar que não muitas pessoas perdem a calma na frente do futuro rei.

– Você não parece se deixar afetar por minha posição.

– Bem, diferente dos meus clientes, não vejo sentido em esconder quem sou. – Mentira. Jessica escondia quem era. Atrás de uma armadura que era muito mais dura do que ela. Mas qual o sentido em usar uma armadura se você admitia isso?

– Sério?

– Sério.

– Não acredito em você. – Os olhos escuros de Stavros eram muito perspicazes para o gosto dela.

O que ele era? Um leitor de mentes?

– Por quê?

– Porque você tem segredos. Você não me contou por que é tão irritadiça. Quem a deixou tão brava?



Ela mordeu o lábio.

– Eu lhe disse para não flertar comigo.

– Você diz isso quando me aproximo das coisas sobre as quais não quer falar – disse Stavros, inclinando-se levemente.

Ele ainda estava do outro lado do corredor, mas ela sentiu o movimento. Sentiu a proximidade aumentar.

Ela se inclinou na direção oposta.

– Ter segredos é algo normal. Eu imagino que você também os tenha.

– Não, não tenho. Cada detalhe da minha vida é publicado em arquivos mantidos no escritório do meu pai. Minhas façanhas mais públicas estão nos jornais, tabloides e nos sites de fofoca sobre a realeza.

– Então, isso significa que você é um livro aberto?

– Não tenho nada a esconder. Mais do que isso, não posso esconder nada. Naturalmente, tento ser discreto em algumas áreas de minha vida. Não faço alarde quando arrumo uma amante, por exemplo, embora os tabloides sempre descubram. Você, por outro lado, Jessica, tem segredos.

– Você acha que descobriu tudo sobre mim?

Ele sorriu. Perverso. Perigoso.

– Não. De modo algum.

– Bem, isso é bom. Odiaria pensar que sou previsível.

– Você não é nem um pouco previsível. Olhe a forma como se veste! Quem poderia esperar isso? – disse ele, olhando para o chapéu dela. – Você é muito mais interessante do que imagina. – Os olhos dele encontraram os dela e Jessica ficou sem ar. – Isso me faz querer descobrir todos os seus segredos.

A voz rouca e grave dele, um tipo de voz que a assaltava em suas fantasias no meio da noite, a deixou arrepiada.



E os olhos de Stavros... Olhos escuros e profundos, cor de chocolate.

A cor favorita dela.

Jessica fez uma careta e tentou desacelerar o coração.

– Moro em Dakota do Norte quando não estou viajando, como você já sabe. Não tenho animais de estimação. Gosto de roupas. Faço uma dancinha realmente idiota quando bato meus recordes nos jogos do computador. – Ela tentou sorrir. – Um livro aberto.

– Gostaria de vê-la dançar. Mas também não acredito em você.

– Eu danço. Mas não farei isso na sua frente.

– Não, eu acredito que você dance. Mas não acredito que seja um livro aberto.

– E eu não consigo acreditar que você se importe. Você não tem tempo para perder comigo ou com minhas idiossincrasias, príncipe Stavros, pois tem uma esposa para encontrar.

– Não, você tem uma esposa a encontrar. Traga-a para mim quando o fizer.

Ela riu, tentando dispersar a tensão.

– É esse o plano, mas você tem que concordar com minha seleção.

– Admito que gostei da aparência de... Victoria, é esse o nome dela?

– Hum... Sim. – Ela se inclinou procurando seu computador.

– Tudo bem. Você não precisa pegar a foto dela. Eu me lembro.

Essa sensação de calor que queimava em seu peito era ciúme? Sim. Ridículo. Jessica queria que Stavros gostasse de Victoria. Ela era uma candidata fabulosa.



– Victoria provavelmente gostará de encontrá-lo aqui na Grécia. Ela ficou desapontada porque o trabalho não permitiu que viesse para o casamento. – Jessica fez uma pausa, como se estivesse tomando uma decisão. – Vou chamar mais algumas garotas para afastar a pressão.

– Concordo.

– Quando você terá tempo?

– À noite. Posso jantar com elas.

Ela digitou uma nota rápida.

– Você gostaria de ver fotografias das mulheres que chamarei?

– Acho que não.

Jessica suspirou.

– Stavros, se eu não lhe mostrar as fotografias, você irá me acusar de escolher mulheres que não o atraem.

– Você não pode ouvir uma risada em uma fotografia. E aquela risada foi indesculpável.

Jessica tentou e falhou em suprimir uma risada.

– Você é malvado!

– Não sou malvado. Isso é uma daquelas coisas que me irritariam. A mulher ria como um ratinho. Eu me divorciaria dela pela risada, e isso seria uma indelicadeza muito maior do que não deixar as coisas prosseguirem.

Ela suspirou.

– Certo. Não puxarei o assunto da risada novamente. Você tem direito à sua opinião.

– Tenho – disse ele, baixando as mãos, segurando nos braços de sua poltrona.





Stavros tinha mãos grandes. Imensas. Oh... Deus. Qual era o problema dela?

Jessica baixou a cabeça e se concentrou em seu computador.

– De qualquer forma, estou pensando em chamar Cherry Carlisle e Amy Sutton. – Ela olhou para Stavros, que estava com uma expressão entediada e olhando pela janela. – Cherry é morena. Amy é ruiva. E Victoria é loira.

Ele manteve o olhar longe dela.

– É realmente muito bom, porque é como o começo de uma daquelas piadas. Uma loira, uma morena e uma ruiva vão para a Grécia...

Ele olhou para ela, sério.

– Para que uma delas se case com um príncipe. Você realmente está se esforçando.

– Eu tento. Vou falar com elas assim que pousarmos na Grécia e tomar todas as providências.

Ele pareceu pensar por um segundo.

– Você parece tão solar. Suave – disse ele, e seus olhos escuros pousaram nos seios dela. – E ainda assim... é cínica. Mais do que eu, acho. O que, realmente, quer dizer alguma coisa.

Jessica fez uma careta e desviou o rosto do dele. Podia senti-lo olhando para ela.

– Chame isso de cinismo se quiser, eu chamo de realismo. A natureza humana é o que é. Não importa o quanto alguém pense que ama você, se estar com você começa a ameaçar os objetivos da pessoa... Bem, não levará muito tempo até que esse alguém entenda que não o amava tanto assim. É por isso que trabalho para encontrar pessoas que têm metas e interesses em comum. Metas são confiáveis. Muito mais confiáveis do que o amor. Sou realista, isso é tudo.



– Cínica. Realista. Qualquer que for o caso, você certamente não é suave.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Ser suave magoa muito.

Jessica não tinha ideia do motivo de estar contando tanto de sua vida a Stavros. Era simplesmente fácil falar com ele. Que estranho.

Pare com isso já.

– Você está certa. Os sentimentos podem comer você vivo. Roubar cada boa intenção, prejudicar seu senso de responsabilidade. – Depois de uma pausa, ele disse, mudando completamente de assunto: – Ficaremos na minha villa. Tenho uma casa na Grécia.

– Nós? Nós dois? Pensei que ficaríamos em um hotel e eu teria meu próprio quarto. – Talvez um andar, ou 12 longe dele.

– A villa é grande. Você não terá que encontrar comigo a não ser que seja para falar de trabalho. Ou se quiser encontrar comigo para falar sobre outras coisas, é claro.

A voz de Stavros caiu um tom quando ele disse a última parte; suas palavras eram um rouco convite ao qual o corpo dela ansiou responder.

– Por que eu iria querer isso? – perguntou ela, e sua voz estava um pouco trêmula.

– Você é a única que pode responder a essa pergunta – afirmou ele.

Jessica sabia qual seria a sua resposta. E seria uma resposta completamente inapropriada.

– Bem, não vou procurá-lo para nada além de trabalho.

Stavros assentiu lentamente e se recostou em seu assento.

– Provavelmente, uma sábia decisão.



Provavelmente. E ela  
tomá-la.

não se arrependeria de

Mas arrependeu-se.



## CAPÍTULO

## CINCO

A VILLA era tudo que a casa de um príncipe grego deveria ser. As janelas iam do chão ao teto, oferecendo uma vista incomparável do mar Egeu.

– Seu quarto fica no segundo andar. Com vista para o oceano – disse Stavros.

– Há algum quarto sem vista para o oceano? – perguntou Jessica.

– Não muitos. Gosto de ficar próximo do mar. Fruto da minha criação na ilha imagino. Eu costumava... – Uma estranha expressão passou pelo rosto dele. – Costumava observar os navios que vinham para o porto. – Tossiu. – Até me tornar adolescente, quando os biquínis passaram a ser minha grande distração. De qualquer modo, sempre gostei da praia.

– Dakota do Norte não tem vista para o mar.

– Eu sei. E a ideia me faz sentir claustrofóbico. Como você suporta isso?

– Eu viajo. Bastante.

Sua cidade natal a fazia se sentir claustrofóbica, especialmente desde que passou a correr o risco de ver Gil e Sarah se fosse ao supermercado. E agora eram Gil, Sarah e Aiden. De repente, a brisa fresca do oceano pareceu muito salgada, muito áspera. Sua garganta se apertou.

– Essa é uma solução.

– Uma solução temporária.

– Por que não fazer dela permanente?

Porque assim ela realmente teria que se desapegar.

– Tenho uma casa lá. É ótima. Tenho petúnias.



– E eu tenho buganvílias. Há flores em qualquer lugar.

– Mas elas são minhas flores. – E era um lugar para onde ela poderia ir e se refazer, onde seus sonhos tinham começado. E onde tinham terminado.

Não. Não terminado. Mudado. Jessica estava apenas procurando por alguns novos agora.

– Você pode transplantá-las.

Ela suspirou.

– Oh, por favor, Stavros, são apenas petúnias.

Ele riu, o som foi rico e genuíno, baixando a guarda dela.

– Talvez você ache uma mulher para mim com quem você não se importe em passar um tempo.

A sugestão de Stavros deixou Jessica zozna.

– O que quer dizer com isso?

– Você é divertida. Rápida. Imagino que não goste de sair com quem a deixa entediada.

– Bem, eu quase só saio com pessoas relacionadas ao trabalho, mas você está certo, não gosto.

– Nesse caso, encontre para mim alguém com quem você se divertiria. Alguém que fale sobre coisas mais interessantes do que o clima.

– O clima aqui é maravilhoso – brincou Jessica, incapaz de resistir.

– Coisas assim – respondeu Stavros, parecendo divertir-se também. – Encontre uma mulher que me faça rir.

– Alguém como eu, mas não eu.

– Exatamente.



Stavros a estava provocando. E mesmo que não estivesse, não tinha meio algum de Jessica ser a mulher adequada para ele. Ela não era doce e recatada. E não era fértil.

O único requerimento que Jessica preenchia era ser uma mulher. E isso não era o bastante.

Ainda assim, quando olhava para a nova mulher de seu ex-marido, curvilínea e loira, sentia como se ele tivesse feito a mesma coisa. Uma mulher que era igual a ela, mas não ela. Ele tinha encontrado um modelo que a substituísse, com um útero intacto e ativo.

Aquilo a magoava, não importava o quanto fingisse que não. Ela não o amava mais. Não o queria de volta. Mas o modo como tudo desmoronara doía muito.

Jessica tinha que lidar com isso. E seguir em frente.

Alguns dias eram melhores do que os outros.

– Encantador – disse ela, virando-se e seguindo em direção à escadaria.

– Jessica. – Stavros pegou o braço dela e a virou para que olhasse para ele, para seus olhos escuros e intensos. – Desculpe-me. Foi uma piada ruim.

Ela deu de ombros e tentou se soltar. Distanciar-se de seu toque. Seu calor.

– Não é nada. Estou apenas cansada. Vou pensar sobre o que conversamos hoje e volto a falar com você, certo?

Stavros a soltou; a pele dela ainda queimava onde ele a tocara. Quanto tempo fazia desde que alguém a tinha tocado? E por toque ela não se referia a apertos de mão. Não significava roçar de dedos, ou mesmo a mão de um homem em suas costas enquanto ela era levada até um prédio.

Por reflexo, ela roçou os dedos sobre o lugar onde os dele estiveram.



– Não é nada. Estou bem.

– Você não parece bem.

– Stavros, estou bem – disse ela, achando mais fácil usar o primeiro nome dele agora. Ali, na casa dele, e não no palácio. – Não estou disputando a posição de esposa do futuro rei de Kyonos, lembra?

– Jante comigo – convidou ele.

– Aqui?

– Sim, aqui em casa.

– Isso seria ótimo. Podemos discutir algumas mulheres que podem ter habilidades conversacionais mais avançadas...

– Deixe seu computador em seu quarto.

– Mas...

– Vamos, Jessica, acho que podemos conversar sem seu equipamento tecnológico entre nós.

– Claro. Não tenho problema com isso.

– Bom. Vejo você em algumas horas. Isso lhe dará tempo suficiente para desfazer as malas e tomar um banho.

– Oh... qual é o caminho para o quarto?

– Pegue qual quarto desejar. No topo da escada e vire à esquerda. Estou à direita.

Então, ela deveria escolher o quarto que ficasse muito, muito no final do corredor. Tão à esquerda quanto pudesse ser.

– Ótimo. Obrigada. Vejo você aqui embaixo às 19horas?

Ele inclinou a cabeça para o lado dando um sorriso charmoso e fácil.

– Parece bom para mim. Mandarei suas malas para cima logo.



– Certo. Vejo você no jantar. – Ela se virou e começou a subir a escada, o mármore estalando sob seus saltos.

Jessica não trocava de vestido para jantar. Se fizesse isso, significaria que estava considerando o evento algo especial. Como um encontro. Não. Definitivamente, não trocava seu vestido.

JESSICA TROCARA o vestido. Foi a primeira coisa que Stavros percebeu quando ela desceu as escadas e parou no vestíbulo.

Ela trocara o vestido amarelo alegre e decotado por um vermelho, curto e também decotado, que marcava sua cintura fina. A saia caía até os joelhos dela, deixando à mostra aquelas panturrilhas sensuais e bem torneadas pelas quais ele começava a ficar obcecado. Não tanto quanto estava obcecado pelos contornos suaves dos seios dela. Mas quase.

– Olá – disse ele.

A postura dela enrijeceu. Seus lábios pintados de vermelho-cereja se estreitaram. O que era um desperdício, a seu ver. Se uma mulher fosse usar batom vermelho, deveria fazer um biquinho. Especialmente, essa mulher.

Mas não eram os pensamentos sexuais que ela despertava nele que o estavam perturbando. Era o modo como Jessica olhara para ele mais cedo... triste, magoada. E como ele desejou largar tudo, a parede que colocara entre si e todos com quem interagia, para confortá-la.

– Boa noite – disse ele, inclinando a cabeça. – Você está bem acomodada?

– Sim, obrigada. É uma casa maravilhosa. – Os cantos dos lábios dela se inclinaram suavemente. – Muito... agradável.

– Fale-me sobre seu vestido – disse ele, porque sabia que isso a pegaria despreparada.

Ela piscou rapidamente algumas vezes.





– Meu vestido?

Stavros indicou o terraço, onde o jantar estava esperando por eles, e continuou a falar enquanto se dirigiam para lá.

– Sim, seu vestido. Qual é a história por trás dele? Uma mulher que faz das roupas seu passatempo certamente tem um história para cada item.

– Sim. Bem, mas não acho que você estaria interessado. – Ela continuou andando, tentando manter o ritmo com seus saltos pretos e cheios de detalhes.

Ele não tinha pensado que se interessaria também. Estranhamente, estava interessado.

– Vivo para surpreendê-la – brincou Stavros.

Ele parou à mesa e puxou uma cadeira para ela.

– Sente-se aqui. E conte-me tudo.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não obedeço ordens.

O calor correu pelas veias dele, mergulhando em seu peito. Sua resposta veio muito facilmente. A intensidade do desejo que se agarrava a ele o arrebatou.

– Aposto que existem algumas ordens que eu conseguiria fazer com que você obedecesse.

Jessica se sentou rápido e pegou uma taça de vinho branco que estava a sua espera.

– Encontrei este vestido em um brechó cuja renda vai para a caridade – respondeu ela depois de um longo gole em seu vinho.

– Continue.

– É do fim dos anos 1940, ou começo dos anos 1950. As roupas da época eram muito femininas. Não tinham que ser óbvias para serem sensuais, e não tinham que ser fechadas para serem



respeitáveis. Essa é uma razão para eu gostar delas.

Certamente era. Mas Jessica pareceria feminina até em um terno masculino. Tinha curvas que não poderiam ser simplesmente ignoradas ou escondidas.

– Fica bem em você.

– Fico feliz que você pense assim, Stavros. Olhou para mim como se eu tivesse duas cabeças nos primeiros dias que passamos juntos.

– Olhei?

– Sim.

– Espero que você goste de peixe. – Ele indicou o prato.

– Eu gosto. Não sempre, mas, como falamos, minha casa é no continente, logo, os frutos do mar não são frescos. E peixe de rio tem gosto de rio, e não é uma boa experiência. Não para mim. Viajar expandiu meus horizontes de várias maneiras.

– Seu marido é de Dakota do Norte?

Um vinco apareceu entre as sobrancelhas dela.

– Sim.

– É por esse motivo que você não está mais com ele?

Ela abriu a boca.

– Você está perguntando se troquei meu marido... – ela colocou o garfo em seu prato – por frutos do mar frescos?

– Não com tantas palavras.

– Bem, não troquei. – Jessica soltou um suspiro. – Se tivesse sido assim tão simples...

– Não é simples?



– Agora é – disse ela, golpeando a carne branca do peixe no prato. – Porque estamos divorciados, e ele é meu ex-marido, não meu marido. Então, o que quer que tenha acontecido entre nós não importa realmente. Essa é a beleza do divórcio.

Uma pontada desconhecida de culpa o acertou.

– Você não seria a primeira pessoa a correr de uma situação infeliz. Tentar encontrar a paz em outro lugar. – Ele pensou em Xander quando falou aquelas palavras.

Xander, que tinha sido culpado pela morte da mãe deles. O pai o culpava, o povo o culpava. E, tristemente, no fim, até mesmo Stavros culpava o irmão.

– Fui eu que parti, se é isso que você quer saber – afirmou Jessica.

– Ele a maltratava? – perguntou Stavros.

Ela encontrou o olhar dele, seus olhos verdes brilhavam.

– Essa é uma pergunta complicada.

– Parece simples para mim.

– Certo. Bom, acho que ele era um cretino, mas sou a ex-mulher dele. – Ela baixou o olhar. – Ele é um paradigma moral. Entende, ele poderia ter tirado muito dinheiro de mim. Eu era a provedora da casa. E ele não fez isso. Não queria meu dinheiro. Queria ficar livre de mim. Ele se aproveitou de minha desistência e correu. – Empurrou o prato. – Não estou com fome. – Levantou-se e colocou seu guardanapo sobre a mesa. – Obrigada, mas vou para a cama agora.

Jessica se virou e se afastou a postura ereta. Stavros quis ir atrás dela. Pegar seu braço como tinha feito antes. Para acalmá-la. Com um toque. Um beijo.

Ele respirou fundo, tentando aliviar a pressão em seu peito. Beijar aqueles lábios vermelhos... eles pareciam ser tão macios. Queria oferecer conforto. Segurá-la nos braços. Mas não poderia



fazer nada disso. Então, deixou-a ir, enquanto seu corpo se ressentia amargamente de cada passo que ela dava para longe dele.

JESSICA CAIU na cama soluçando e repreendendo a si mesma, sua voz ecoando no quarto vazio:

– O que você tem na cabeça, garota?

Por que falar daquilo com Stavros? Certo, ele tinha puxado o assunto sobre Gil. E sim, ela se irritara porque não queria nenhum julgamento dele sobre seu casamento. Mas era difícil falar sobre isso sem falar sobre todo o resto. Sobre o motivo do fim do relacionamento. Sobre a dor, a vergonha. Sobre a amargura, o desapontamento em cada palavra. Sobre como ir para a cama à noite tinha se transformado em algo que ela temia. Ter que dividir a cama com alguém, talvez até fazer amor com alguém, quando eles eram, na melhor das hipóteses, distantes, e na pior, nem gostavam mais um do outro.

Sobre como, no fim, teve que encarar a mais difícil e amedrontadora coisa que já enfrentara na vida. Sobre como seu marido a deixara passar por uma grande cirurgia sem seu apoio, sem sua presença. Jessica teve que mentir para si mesma na cama do hospital. Seu corpo estava machucado, e seu coração, despedaçado. A vitória sobre sua condição crônica lhe custara seus sonhos mais queridos. Quando ela resolvera, enfim, telefonar para um advogado, odiou fazê-lo, odiou que ele a tivesse levado a fazer isso. Jessica honestamente acreditava que se não tivesse dado esse passo, Gil teria ficado com ela. Ele a teria punido fazendo-a viver com um homem que começara a odiá-la.

Ela se levantou e começou a andar pelo quarto. Sentia-se patética. Digna de pena. E onde estava sua armadura quando precisava dela?

Houve uma batida na porta, e Jessica ficou imóvel.

– Sim? – perguntou ela.

– Sou eu.



A voz máscula era inconfundível. Assim como o arrepio de excitação que a percorreu.

Jessica se virou e abriu a porta, colocando a mão no quadril, o que só destacava suas curvas deliciosas.

– O que você quer?

Ele apenas olhou para ela, seus olhos escuros brilhavam. Um músculo de seu queixo ficou marcado, seus ombros se flexionaram.

Eles ficaram assim por um momento, simplesmente olhando um para o outro.

Então, Stavros se moveu, rápida e decisivamente, e a puxou contra a parede dura que era seu peito. Ele inclinou a cabeça, e seus lábios encontraram os dela. Quentes. Famintos.

Muito bom.

Ela agarrou a porta com uma das mãos e a outra ficou sobre o peito dele, enquanto Stavros a beijava, enquanto as mãos dele passeavam por suas costas e sua língua pontilhava o contorno de seus lábios. E quando ele aprofundou o beijo deslizando a língua contra a dela, Jessica soltou a porta e jogou seus braços ao redor do pescoço de Stavros, passando os dedos por seu cabelo. Ele a virou de modo que suas costas ficassem contra o batente da porta, suas mãos se moveram para a cintura dela. Oh, sim, ela queria isso. Tudo isso. E mais.

Jessica acariciou os ombros de Stavros, deixando-as vagar pelas costas dele. Ele era sensual e forte, seus músculos estavam enrijecidos sob os dedos dela. Sua camisa parecia tão grossa e áspera, ela queria tirá-la dele.

Jessica se arqueou em direção a ele, seus seios pressionando-lhe o peito, e ela se deu conta do quanto o tecido atrapalhava.

Eles precisavam tirar suas roupas.

Jessica moveu as mãos pelo peito largo, brincou com o primeiro botão da camisa de Stavros. Ele gemeu um som másculo e



feroz que ela nunca associou com sexo, mas que fez seu corpo inteiro se retesar de desejo. Ficar com Stavros não seria como nenhuma experiência que ela tivera antes. Nem perto disso. Ficar com Stavros seria...

Uma ideia realmente ruim.

Ela parou os lábios deles ainda conectados, os dedos dela agarrando o tecido da camisa dele.

– Pare – disse ela.

Ele parou. Imediatamente. Afastou-se dela, sua expressão tão confusa quanto ela se sentia.

– Não foi para isso que vim.

– E para que você veio? – perguntou ela; suas palavras saíram trêmulas, seu corpo todo tremia.

– Eu... não sei. – Ele parecia chocado. Estupefato.

Ela não estava certa de que isso era um conforto ou um insulto.

– Mas não para... isso?

Ele balançou a cabeça.

– Desisti disso.

– Mas você chegou a pensar a respeito, então?

– Essa não é uma boa pergunta.

– Não, não é.

Ele deu mais um passo para longe dela.

– É compreensível que estejamos atraídos um pelo outro.

– Totalmente – disse ela.

– Mas isso não significa que temos que fazer algo a respeito.

– Não, – afirmou ela, enquanto seu corpo gritava para que deixasse de ser boba e tomasse uma atitude.



E o que aconteceria se ela fizesse? Suicídio profissional. E o que mais? Sexo para ela tornara-se algo relacionado a fracasso. Quando estava nua e vulnerável, Jessica se sentia emocionalmente exposta também. Ela não poderia engravidar. Nem chegava apropriadamente ao orgasmo. Como seu marido tinha lhe dito em uma discussão, de forma particularmente cruel, não havia motivo para ela fazer sexo.

– Desculpe-me.

– Oh, não – disse ela, seus lábios se curvaram de desgosto, seu corpo se rebelava. – Não se desculpe por me beijar, por favor, é que...

– Foi inapropriado.

– Você está agindo como se tivesse comprometido minha virtude ou algo assim. Isso foi há muito tempo. Logo, você não precisa se preocupar.

– Não importa, foi errado da minha parte fazer isso. Você está tentando me ajudar a encontrar uma esposa, estou lhe pagando para fazer isso. Não tenho direito de entrar no seu quarto e beijá-la.

– Eu correspondi ao beijo – disse Jessica incapaz de recuar. Estava cansada de ser a vítima.

A expressão dele era quase dolorosa.

– Nem me lembre disso.

– Foi bom?

– Se você continuar falando, serei obrigado a beijá-la novamente apenas para calá-la.

– Você diz coisas doces, príncipe Stavros, estou derretendo a seus pés. – Oh, ela poderia ter chorado. Estava tão aliviada por aquelas palavras atrevidas saírem de sua boca. Jessica precisava da distância e da proteção que elas providenciariam.

O queixo dele ficou tenso, seus lábios, tão macios e sensuais um momento antes, estreitaram-se.



– Você é... irritante.

– E você gosta – disse ela. – O que isso diz sobre você?

Por um momento, pareceu que ele poderia agarrá-la novamente, puxá-la contra seu corpo musculoso e pressionar seus lábios nos dela.

Em vez disso, ele se afastou.

– Vou telefonar para as garotas de quem falei. E vou trazê-las para cá.

Ele parou e se virou.

– Certo.

– Vejo você amanhã então.

– Estarei ocupado amanhã.

– Eu também. Tenho outros clientes para atender. – Ela tentava mantê-lo por perto.

Stavros ignorou sua última declaração e se afastou novamente, rumo ao corredor. Jessica suspirou e fechou a porta atrás de si.

Ela apanhou seu computador e abriu o arquivo que tinha feito para Stavros.

Beija bem. Corpo incrível.

Jessica excluiu as palavras, assim que as escreveu. Ah, se pudesse excluí-las de sua memória tão facilmente...





## CAPÍTULO

## SEIS

AS MOÇAS haviam chegado.

Victoria, Amy e Cherry.

Bonitas, bem-educadas e distintas. Estavam vestidas elegantemente, roupas caras, seus cabelos ajeitados, bem maquiadas.

Elas eram perfeitamente lindas. Perfeitamente entediadas. Stavros analisou as três mulheres que o esperavam, e se sentiu como se estivesse participando de um reality show. De repente, ficou difícil respirar.

Stavros estava com 33 anos. Algumas pessoas poderiam chamá-lo de playboy, mas ele preferia pensar que estava aproveitando as coisas boas da vida e protelando as questões sentimentais.

De qualquer forma, enfrentar sozinho aquelas três mulheres que tinham o casamento em seus pensamentos era algo novo para ele. Jessica não se encontrava ali para interferir e limitar o tempo. Estava tudo nas mãos dele.

Victoria falou primeiro:

– É ótimo encontrá-lo. Peço desculpas se não estava me esperando... esperando a nós.

Ele notou a irritação dela por ter que dividi-lo com as outras duas, que claramente se sentiam do mesmo modo que Victoria.

– Claro que vocês eram esperadas – disse ele, gentil.

Embora Stavros esperasse, fervorosamente, que elas ficassem hospedadas no hotel em Pireu, e não em sua casa. Duas pessoas eram diversão; cinco seria um pesadelo.



Ainda mais considerando o beijo que dera em Jessica e tudo o que aquilo o fizera contemplar. Novamente.

Victoria sorriu, parecendo artificial e falsa, mas Stavros não poderia culpá-la. Seu próprio sorriso também não era a coisa mais sincera do mundo.

Cherry, ou a garota que ele espera que fosse Cherry, falou a seguir:

– Esperei no aeroporto por um bom tempo.

– Peço desculpas – disse ele.

– Eu não tive que esperar – disse Victoria, sua expressão estava um pouco superior quando ela olhou para as outras duas mulheres.

– Porque o seu avião pousou por último – disse Amy, tossindo um pouco.

Ele ouviu o barulho de saltos altos atrás de si e se virou. Uma onda de calor o acertou quando Jessica entrou no terraço.

– Desculpem-me, senhoritas, não sabia que vocês tinham chegado. – Ela deu um largo sorriso, e ele pôde sentir as mulheres diante de si relaxarem quando Jessica se aproximou. Colocou as mãos nos quadris, ajeitando a saia, revelando um pouco daquelas curvas sensuais. – Eu tinha dito ao motorista para levá-las ao hotel. Peço desculpas pela confusão.

Efharisto con Theo, pensou ele. Que Deus me ajude.

Stavros não queria três mulheres, todas disputando a posição de rainha, debaixo do mesmo teto. Pelo menos não do mesmo teto que ele. Não era um pensamento muito alegre, já que era muito possível que uma das três pudesse dividir a casa com ele, e sua cama, pelo resto da vida dos dois. Gastariam o resto de suas existências sorrindo falsamente um para o outro. Não sabia de onde aquele pensamento tinha vindo, e não sabia o motivo de enchê-lo com um sentimento que ele só pôde identificar como terror.



Stavros gostara das três mulheres esbeltas diante de si. Todas diferentes em cor, peso e forma física. E ele tentou, de verdade, encontrar uma que o impressionasse mais do que as outras.

Uma loira, uma morena e uma ruiva...

Não conseguiu encontrar nada especialmente impressionante. Até Jessica aparecer. A visão dela incendiou seu sangue, e Stavros sentiu a pressão no centro de seu corpo. Seus lábios queimaram com a lembrança do beijo dela. Apenas um beijo. Algo assim, para um homem com a sua experiência, não deveria significar nada. Mas foi maravilhoso. O coração dele parecia prestes a explodir, e Stavros não sabia o que significava.

– Já que estamos todos aqui, penso que deveríamos beber algo antes de vocês serem levadas de volta para a cidade. – Jessica estava no controle, seu sorriso era inabalável, sua postura, sólida. – Tudo bem?

Amy pareceu que poderia protestar, sobre beber ou ser levada de volta para a cidade, mas em vez disso, assentiu junto com as outras. Jessica se virou e voltou para a casa de campo, sem dúvida para pedir que bebidas fossem servidas.

As três o encararam, olhos perscrutadores. Um borrão indistinto de beleza que não significava mais para ele do que a paisagem. Possivelmente menos.

– Peço licença por um momento – disse ele, levantando-se e seguindo Jessica. – Jessica...

Ela se virou.

– Eu sinto muito.

– Você sente?

– Sim. Eu realmente não gosto de todas as três mulheres juntas e... isso... Realmente não está indo de acordo com o meu plano. Mas está tudo bem. Nós improvisaremos. Vamos todos



tomar uma bebida, conversar, amanhã poderá escolher uma para ir jantar com você. Tudo bem assim?

– Tudo bem. – Stavros se divertia com a rapidez com que a compostura evaporara, uma vez que eles estavam fora de vista das outras. – Eu me senti como se estivesse em um...

– Reality show?

– Sim.

– Sinto muito, Stavros. Mas todas sabiam que estariam em competição por você.

– Então, como, exatamente, as mulheres a encontram?

– Eu faço anúncios. De uma forma discreta, é claro, mas consegui montar um grupo seletivo de homens e mulheres. Quando um cliente chega procurando um par, deixo que ele selecione em meu banco de dados e a coisa prossegue daí, se ambas as partes estiverem interessadas.

– De um modo complexo.

– Bem, de qualquer maneira, funciona.

– Então, quantas dessas mulheres que você me mostrou não combinaram com outros homens?

Ela tossiu.

– Praticamente todas elas. Onde está o vinho?

– Quais?

– Deste grupo, só Victoria nunca foi apresentada a ninguém. Você foi o primeiro pelo qual ela mostrou interesse.

– Ela é ambiciosa?

Jessica se manteve concentrada nas bebidas.

– Vinho?



– Bem, tirando o fato de eu ser da nobreza, não acho que tenha mais qualidades que nenhum outro homem.

– Correto. Onde está o vinho?

Ele riu e se aproximou de Jessica, puxando uma garrafa da prateleira acima da cabeça dela.

– Serve um vinho tinto? – Ele pegou as taças na prateleira.

– Ótimo. – Jessica apanhou a garrafa da mão dele, e depois se inclinou em sua direção. – Nós devemos... – Fez um gesto em direção ao terraço. – Porque não quero que elas arranquem os olhos uma da outra, ou algo assim.

– Lembre-me novamente do motivo pelo qual você pensou que esta seria uma boa ideia.

Ela franziu a testa.

– Bem, parecia lógico.

– Certo. Vamos lá. Coragem.

Ele pegou a garrafa da mão dela e voltou para o terraço. Victoria, Cherry e Amy estavam a uma distância saudável umas das outras e em silêncio.

– Bebidas – disse Stavros, levantando uma taça para si.

Stavros pensou que, mesmo sem envolvimento emocional, estar no meio do processo para achar um par era tão divertido quanto ser cozido vivo.

Mas Jessica, com seu raciocínio rápido e risada brilhante, salvou a noite. Ela juntou todos em uma conversa e fez com que as coisas parecessem leves. Mais leves, pelo menos.

Tão logo as mulheres ficaram fora de vista, Jessica soltou um suspiro alto e levou a taça de vinho aos lábios.

– Meu Deus, que provação.

– Você é boa em esconder como se sente.



– Assim como você – resmungou ela. – Imagem. É importante para nós dois, correto?

– Eu tenho que manter a compostura pelo meu país. – Se algo precisava ser feito, Stavros fazia sem discutir.

– E eu tenho que parecer calma para os meus clientes.

– Então, por que você está se abrindo comigo?

Ela fez uma careta.

– Bem, para todos os intentos e propósitos, vivemos juntos e eu preciso relaxar em alguma hora do dia. Além disso, você me beijou, o que faz com que seja um pouco mais do que um “cliente”.

– Você não permite que todos os seus clientes a beijem? – perguntou ele.

Stavros sentiu uma súbita pressão em seu peito. Ciúme. Possessividade. A lembrança de que ela trabalhava para outros homens fez com que Stavros desejasse puxá-la para si novamente, ter certeza de que ela não esquecera o que era ser beijada por ele.

– Dificilmente – respondeu Jessica. Incapaz de ler o humor dele, ela manteve seu tom casual: – Satisfaça minha curiosidade, já que eu agora confessei que eu não beijo meus outros clientes. O que exatamente você está escondendo?

– Não há esqueletos no meu armário – afirmou Stavros. – Mas é claro que tenho que viver de certa maneira, conduzir-me de certo modo.

– Você não é exatamente um seguidor das regras.

– Não quero apenas manter a tradição, entende? Preciso passar confiança. Permitir que minha estabilidade pareça um reflexo da estabilidade do país. Não posso lidar com situações altamente emocionais, preciso me conduzir com calma. E alguma frieza.

– É. Eu não consegui encontrar nenhuma fofoca sobre você.



Stavros contemplou a escuridão, o mar escuro, o luar cintilando na superfície agitada.

– Eu sei. Porque eu não escorrego. E quanto a você, a Srta. Carter? O que está escondendo?

Ela sorriu.

– Se eu dissesse, teria que matá-lo.

Um calor se espalhou por ele. Que mulher divertida e doce. E engraçada.

– E isso criaria um incidente internacional.

– Também atormentaria minha consciência, de modo que, talvez, eu devesse guardar só para mim os meus terríveis segredos – disse ela dando um sorriso triste. – Tenho uma pergunta para você. Se pudesse ser qualquer coisa, o que você seria?

Ele franziu a testa.

– Se não fosse obrigado a governar Kyonos?

– Sim, se pudesse ter qualquer coisa que desejasse, sem obrigações, o que faria?

Stavros nunca se permitia pensar nisso. Por um breve momento, teve a visão de uma vida alternativa. A vida com a mulher que escolhesse, em uma casa aconchegante. Com crianças que não conheceriam a dor, a responsabilidade de uma linhagem real dependendo delas. Um lar cheio de amor.

Stavros colocou a imagem de lado.

– Gostaria de dirigir minha corporação – disse ele.

– Você gostaria de se casar? – perguntou Jessica, com um estranho tom de voz.

– Sim – disse ele, e a resposta quase o surpreendeu. Mas naquele pequeno e caloroso vislumbre de fantasia, ele teria uma esposa. Filhos. – Sim – reafirmou.



– Hum. – Ela se virou e caminhou até a ponta do terraço, descansando as mãos no corrimão.

Ele a seguiu, parando atrás dela, observando a brisa do mar soltar, cacho a cacho, os cabelos de seu coque improvisado, deixando-os cair ao redor de seu pescoço. Queria colocá-los de lado. Beijar-lhe o ombro. A nuca. Não porque a desejava apenas, mas porque se sentia ligado a ela.

– Por que está fazendo isso, Stavros? Por que é tão importante que você se case?

– Eu... Quando minha mãe morreu, tudo desmoronou. Só o que pareceu importar foi Kyonos. Era a única coisa que eu poderia consertar. O único lugar de que eu poderia cuidar.

Assim que falou as palavras, Stavros percebeu que elas eram verdadeiras. Que suas decisões não visavam apenas ajudar seu país, mas encontrar um propósito para sua vida.

– E você, Jessica?

Ela se manteve quieta um bom tempo. Quando o fez, falou vagarosa e cautelosamente:

– Eu seria uma esposa. E mãe... – A voz dela falhou na última palavra. – E talvez continuasse fazendo o que faço. Talvez. Não sei se eu precisaria. Mas eu seria mãe. – Afastou-se do corrimão. – De volta para a realidade. – Jessica tentou sorrir, mas falhou. – Vou para a cama.

Ele assentiu e deixou que ela fosse.

Eu seria mãe.

Havia algo tão melancólico naquela afirmação que fez o peito dele se apertar, e Stavros não conseguiu identificar o motivo. Nunca os sentimentos de outra pessoa o tocaram desta maneira, mas tinha certeza de que algo estava acontecendo. De que o peso opressivo que o invadira era a mesma tristeza que a preenchia.

Talvez Jessica não fosse tão dura quanto queria aparentar.





MANEJAR STAVROS e seu harém não estava sendo tão fácil quanto Jessica imaginara. Não se sentia muito entusiasmada em lançar outras mulheres na direção dele; não quando tudo o que desejava era ela mesma se jogar sobre Stavros.

Não aconteceria claro. Mas ela estava tão perturbada com a situação que vinha desenvolvendo um tique nervoso.

E pelo amor de Deus, ela nunca deveria ter falado sobre ser mãe. Nunca deveria ter lhe perguntado o que ele queria. Nunca deveria ter tentado conhecê-lo. Porque isso não importava. Não importava mesmo. Não havia sentido em suspender a realidade, nem por um momento.

Não havia como escapar da realidade. É impossível fugir dela. Tente, se quiser, mas eventualmente ela surgirá para morder seus calcanhares.

Jessica sabia disso, sabia mesmo. Tentara ignorar o quão frequentemente ela e o marido ficavam em lados opostos da casa. Tentara ignorar o toque de Gil à noite, e, quando não conseguia, tentara ignorar o total desrespeito dele para com sua dor. Até mesmo tentara ignorar o abuso total que sofria por parte dele. Seus gritos, sua raiva e suas palavras de ódio.

Mas a realidade era uma força poderosa. Onipresente.

Os fatos eram simples. Stavros precisava de certas coisas, e Jessica não poderia oferecer nenhuma delas. Por que mesmo estava pensando sobre aquilo? Não tinha tempo para isso. Havia um grupo de mulheres para gerenciar por todo o dia.

Jessica suspirou e colocou seus imensos óculos de sol, apertando com mais força seu copo de café com leite. Ela reunira todas em um exclusivo Spa de luxo em Pireu, onde ficaram em segurança, sendo massageadas e depiladas, enquanto Jessica saiu para dar uma volta pelas ruas estreitas e lotadas tomando seu café.

Stavros chegaria em breve. Ele as encontraria para um almoço rápido e um passeio pela cidade. Depois, escolheria aquela que o acompanharia em um encontro à noite.



E ficaria a cargo de Jessica se livrar das outras duas, sem fazer com que sentissem como se estivessem realmente em um reality show de baixo orçamento. Jessica não estava acostumada a perder o controle da situação. Não desde aquele momento, quatro anos atrás, quando tomara as rédeas de sua vida. Gostava de sentir que tinha tudo organizado. Como se seu pequeno universo estivesse na palma de sua mão. Era uma ilusão, e ela sabia disso, mas ainda assim gostava dela.

Desde Stavros, Jessica nem mesmo pudera manter sua ilusão.

Oh, Deus... Bem a tempo. O homem que reacendera suas necessidades sexuais caminhava em sua direção. De jaqueta e calça clara, camisa aberta no colarinho. Jessica adorava um homem que sabia como se vestir. Um deus do sexo mediterrâneo com muito bom gosto.

– Olá, Jessica – disse ele sorrindo.

– Príncipe Stavros.

– Vejo que retrocedemos.

– O quê?

– Voltamos a usar o título.

– Oh...

Por que ele tinha que perceber todas aquelas pequenas coisas sobre ela? Por que ele se importava?

– Desculpe-me.

– Como vão as coisas?

– Boas. Ótimas. Ansiosa para que o rebanho diminua hoje.

– Você faz parecer que são mais do que três.

Ela suspirou.

– Elas parecem mais do que três.



Ele olhou para além dela, para o Spa.

– Vamos deixá-las lá.

– O quê? – Jessica olhou para trás.

– Se corrermos, elas não saberão que eu estive aqui.

Jessica riu.

– Você não está falando sério.

Ele franziu a testa.

– Não. Não estou. As coisas estão ficando... Preciso tomar uma decisão. Tenho que me assegurar de que o país sinta que há estabilidade.

– Você tem sido a rocha de Kyonos há muito tempo – disse ela, não tendo certeza do motivo de se sentir compelida a confortá-lo.

– E eu continuarei a fazer isso. Com uma esposa ao meu lado.

– A mais adequada das esposas.

– Sim. – Ele olhou de volta para o spa. – Elas estarão prontas logo?

– Em breve. Mas você pode esquecer essa história e simplesmente procurar alguém por si mesmo.

– Por que eu faria isso?

– Você ainda poderia se apaixonar.

– Não. Não posso.

– Estou certa de que poderia. E se você encontrar a mulher perfeita e ela for totalmente adequada?

Ele balançou a cabeça.

– Uma única fraqueza é tudo o que é preciso para desintegrar um homem que é forte em todas as outras áreas. Um líder fraco pode destruir o que seria uma grande nação.



– É isso que você realmente acha?

– Eu sei disso. Vi acontecer, em minha família, em Kyonos. Quando minha mãe morreu, tudo desmoronou. Meu pai não conseguiu trabalhar. Ele... Nós fizemos de Xander bode expiatório e o culpamos por todos os problemas, substituindo simplesmente o luto pela raiva. Tive que seguir em frente pelo bem do país. Vi meu pai fazer isso por anos. Ele é um rei, não teve o luxo do luto, ou da dor. As coisas são diferentes para nós.

Ela estudou o rosto dele.

– Sentir dor é o único modo que conheço para lidar com isso.

Algumas vezes Jessica se perguntava se estava apegada à dor. Se a usava para se proteger.

– Eu cheguei ao ponto em que não sinto nada. Kyonos vem em primeiro lugar, e todo o resto em segundo. Isso incluirá uma esposa. Ela terá que entender isso. Terá que entender que o seu papel não é o de me amar, mas amar meu país.

Uma profunda tristeza a tomou de assalto. Ele merecia mais do que isso.

Seu telefone tocou e ela acessou suas mensagens de texto:

Terminamos. Onde você está?

A mensagem era de Victoria.

Jessica digitou a resposta e depois apertou enviar:

Aqui na frente.

– Elas estão prontas, Stavros. Prepare-se.

As três moças se materializaram na calçada em frente ao spa, os óculos de sol fixados firmemente nos rostos impecáveis.

– Príncipe Stavros. Que amável esperar por nós! – disse Victoria com ar de surpresa, como se não tivesse sido informada por Jessica naquela manhã que ele estaria ali.



– Que agradável ver você, Victoria. – Ele inclinou a cabeça. – Cherry, Amy... Fiz reservas em um café próximo à praia.

– Parece adorável – disse Amy, aproveitando a chance de ser a primeira a falar.

– Meu carro está logo ali – informou Stavros.

Um silêncio estranho se instalou na limusine assim que todos se acomodaram, e Jessica se esforçou para encontrar sua facilidade em socializar. Ela era boa com pessoas. Uma de suas qualidades. Mas Stavros a levava à sua primeira atração sexual em anos, e suas pretensas noivas estavam sentadas a centímetros de distância. Era muito mais estranho do que qualquer situação tinha o direito de ser.

– Eu... – Ela tossiu – realmente estou ansiosa pelo almoço.

– Eu estou ansiosa pelo jantar – disse Cherry, dirigindo um sorriso a Stavros.

– Imagino que todo mundo jantará esta noite – disse Jessica, um pouco entusiasmada demais. Algumas vão jantar sozinhas.

Stavros sorriu, confortável, encantador. Falso. Fazia isso tão bem. Não importava a situação, ele parecia estar no controle. Mais do que isso, parecia estar alheio. Quanto mais paquerador e amigável parecia, menos presente estava realmente.

Nem sempre. A mente dela voltou ao momento do beijo. Não tinha sido, de modo algum, sem emoção. Ou distante. Tinha sido incrível. E selvagem.

Jessica o espiou com canto dos olhos, em seu horizonte estava a forte coluna de seu pescoço. Ela apostava que ele tinha gosto salgado. Pele limpa e homem.

– Estou certo de que todo mundo irá – disse ele fazendo com que Cherry ruborizasse.



A limusine parou, e Jessica quase disse uma oração de agradecimento em voz alta.

– Chegamos.

O restaurante ficava no porto; a área com as mesas estendia-se sobre o cais. Barcos, que variavam de tamanho, desde botes até iates, preenchiam o horizonte. Gaivotas grasnavam por perto, pousando próximo das mesas, lutando por migalhas, não mostrando nenhum respeito pelos arredores elegantes que as circundavam.

Jessica se certificou de que todos pedissem vinho junto com a comida. Deus era testemunha de que precisariam dele para atravessar a tarde.

Quando todos receberam seus pedidos, Stavros se inclinou, ostentando seu melhor sorriso político-encantador estampado no rosto. Como não percebi antes?, Jessica se perguntou. Aquele sorriso era falso. Não combinava de forma alguma com ele.

– Sei que isto é um pouco incomum. Mas acho que é melhor encarar a questão como uma entrevista de emprego. Espero que ninguém considere ofensivo. Todos concordamos com a ajuda de Jessica para encontrar um par adequado, não concordamos?

Jessica queria bater nele. Mas as garotas não pareciam ofendidas. Elas deveriam estar. Sua afirmação mercenária deveria tê-las enraivecido. Deveriam ter jogado vinho nele.

Elas não fizeram nada, apenas concordaram.

– A realidade é que meu país precisa de uma rainha. Essa é minha prioridade principal.

– Naturalmente – disse Victoria. – Somos práticas, nunca encaramos isso como uma questão romântica.

Cherry concordou, e Amy apenas olhou para sua taça.



– Logo, a rejeição não deveria ser pessoal também. – Seu charme nunca falhava. Stavros estava firme, ainda que perfeitamente gentil.

– Isso é realmente amável. – Jessica olhava para elas. – Não é amável?

Amy assentiu.

– Realmente é.

Ela tentou falar sobre a paisagem e o clima durante o resto da refeição, qualquer coisa para dissipar o cheiro persistente da honestidade horrível de Stavros.

Conseguiram sobreviver ao almoço, e as candidatas foram levadas de volta ao hotel.

O que deixou apenas os dois na limusine no caminho de volta para casa.

– O que foi aquilo? – perguntou Jessica.

– O que foi o quê?

– Aquilo. A coisa toda sobre ser uma entrevista de emprego. Eu não disse para você guardar sua sinceridade para si mesmo?

– Elas não pareceram se importar. De qualquer forma, não estou em busca de romance.

– Eu sei.

– E agora, elas sabem também. Se qualquer uma delas quiser desistir, melhor fazer isso agora; não tenho tempo para estragar o futuro do meu país.

– Ainda assim. Jesus! Não subestime o poder de uma pequena conversa amável.

– Eu, acima de qualquer pessoa, conheço o valor de uma conversa amável. Mas não enganarei ninguém que esteja envolvido neste processo.



– Aprecio isso. Não falava sobre enganar. Apenas ser amável.

– Não achei que você estivesse sendo amável – disse ele seus olhos escuros fixando-se nos dela.

– Hum, bem, eu não. Quero dizer, não com você, mas você tem que saber como falar com as mulheres.

– Você acha que sabe falar com as mulheres melhor do que eu? Quantas mulheres você namorou?

– Zero, mas eu sou uma mulher, então eu ganho.

– Isso não é sobre enganar alguém para se casar comigo, porque elas querem ser princesas, viver em castelos e ter seus “felizes para sempre”. Elas podem querer um título, mas têm que ser dignas dele. Têm que saber o que significa. Têm que entender que sou um homem ocupado e que o amor não está no topo da minha lista de prioridades. Nem mesmo na minha lista de opções. Por essa razão, pensei que fosse importante deixar o assunto esclarecido.

Pensar sobre isso, sobre o que significaria ser a mulher que, por fim, receberia toda aquela intensidade, encheu-a com um tipo de desejo profundo. Controle-se, Jess. Mesmo que ele fosse livre, ela não seria a mulher para ele. Ele tinha metas, sonhos e desejos que não eram sobre sua esposa, ou quem ela era, mas sobre o que poderia oferecer. E essas eram coisas que Jessica não poderia oferecer. Sabia tudo sobre tentar ser perfeita para alguém, quando se sentia longe disso.

– Respeito isso – disse ela.

– Victoria.

– O quê?

– É Victoria. É ela quem quero ver novamente. – A voz dele não tinha nenhum entusiasmo em particular. – Ela é amável. Mais do que isso, penso que é um pouco... Bem, ela se mostrou racional.





Stavros não pareceu muito entusiasmado, e Jessica odiou a pequena e ridícula parte dela que gostou daquilo.

– Victoria é... é muito inteligente. E estou certa de que ela faria várias coisas boas como rainha. Liguei para o hotel mais tarde.

– Eu farei isso, Jessica. Se você me der o número do quarto dela.

– Não posso – a sentença escapou antes que Jessica pudesse pensar melhor.

– Por quê?

O peito dela se apertou dolorosamente.

– Sem relação sexual, lembra?

– Não farei sexo com ela; não neste momento. Liguei e a convidarei para jantar.

Ela tossiu, ignorando a pequena onda de calor que tomou seu coração quando ele disse a palavra sexo. Porque quando ele dizia isso era tão evocativo...

Sua garganta doía, e não conseguia entender o ataque súbito de emoção. O que estava errado com ela?

– Bem, direi a Amy e Cherry que podem voltar para casa.

– Elas podem ficar na cidade por mais alguns dias se quiserem. Continuarei a pagar as despesas durante o tempo que permanecerem aqui.

– Tudo bem.

Não havia razão alguma para que a ideia de Stavros ir a um encontro com Victoria a deixasse infeliz. Mas era assim que ela se sentia. E não podia negar. Jessica estava mesmo perdendo o controle.

– Bem, se não nos encontrarmos novamente antes de seu encontro, boa sorte.



Ele sorriu, mas seus olhos tinham uma  
estranha e ilegível expressão.

– Vejo você. Depois do encontro, acho.

Nem pensar.

– Até mais, então.



## CAPÍTULO

## SETE

NÃO HAVIA nada de errado com Victoria. Ela era linda, agradável. Inteligente. Daria uma ótima rainha. Depois do jantar, ela falou sobre o quanto era apaixonada por caridade, fosse arrecadando fundos ou visitando hospitais.

Tinha todas as qualidades que ele queria em uma noiva.

No entanto, quando Stavros pensou em se ligar a ela, não sentiu nada, ainda que tenha tentado com afinco. Sentia como se estivesse sendo sufocado. Como se o peso da coroa pudesse esmagá-lo fisicamente.

Não pense em casamento. Pense em sexo.

Se ele pudesse encontrar uma conexão com Victoria naquele nível, então talvez nada mais importasse. Se pudesse flertar e deixar ambos à vontade, colocando uma parede emocional entre os dois. E, assim, talvez o aperto em seu peito diminuísse.

Quando a limusine parou em frente ao hotel, ela olhou para ele por debaixo dos cílios. Sua expressão, aberta e amigável, mudara. Sedução decidiu ele, era a intenção dela. Bom. Stavros conhecia o jogo. E até gostava dele. Então, por que não sentia nada? Nada.

Ele era um homem, com um apetite sexual saudável. E ela, uma mulher sexualmente atraente. O que Stavros deveria fazer era pressioná-la contra o assento de couro macio e reivindicar seus suaves lábios rosados.

Seu corpo rejeitou a ideia quando sua mente substituiu a imagem dos lábios rosados por lábios pintados de vermelho-cereja. E com ela, veio a pressão em seu peito, seu coração acelerou, sua mente foi preenchida, subitamente, pela imagem tentadora de Jessica.

– Eu me diverti muito no jantar – disse ele.



– Eu também. – Victoria inclinando ainda mais a cabeça para o lado.

Por que algumas mulheres pensavam que o comportamento de um cocker spaniel era sensual?

– Boa noite. – Stavros abriu a porta da limusine e saiu para a noite fria. Segurou a porta para Victoria, deixando claro que a noite estava terminada.

Ela franziu a testa e saiu do veículo; seu corpo ficou do lado oposto da porta dele.

– Eu realmente me diverti. – Seus olhos azuis estavam fixos nos dele; suas intenções eram óbvias.

– Você disse isso.

– Gostei de você ter me levado para sair.

– Sairemos novamente. Quando eu terminar meu trabalho aqui.

Onde estava o flerte? Por que ele nem ao menos conseguia fingir estar interessado? Seus sentimentos por Jessica, fossem quais fossem, não deveriam ter o poder de alcançá-lo ali, naquele momento.

– Oh, tudo bem... – Victoria sorriu. – Isso é bom, certo?

Deveria ter sido. Mas Stavros não conseguia se animar com isso.

– Você é uma ótima pessoa, Victoria.

Ótima? Onde suas habilidades de sedução foram parar?

– Obrigada. Você também é Stavros. – Ela tossiu. – Então, boa noite?

– Boa noite – disse ele.

Victoria saiu do caminho da porta, e ele a fechou firmemente. Stavros a levaria até o hotel, como era apropriado fazer, mas isso era tudo.



Ela olhou para ele mais uma vez no saguão, pedindo um beijo e, quando ele se afastou, Stavros pôde jurar que vislumbrou alívio nos olhos dela.

– Espero que nos vejamos novamente em breve – disse ela.

– Eu também. – Stavros se virou e a deixou no saguão.

Stavros não tinha nenhuma esperança naquele relacionamento. Contudo, tornaria a vê-la. Apenas porque algo nele não estava funcionando no momento não significava que ela não era a candidata certa para o emprego. Para o casamento.

Ele fez uma careta, levantou a mão para afrouxar a gravata, que, repentinamente, pareceu a corda de um enforcado.

Victoria era uma boa escolha.

Cerrou os dentes. Sim, ela era uma boa escolha. Não importava que ele desejasse outra pessoa. Desejo, não importava o quão forte fosse, não tinha nada a ver com o futuro de seu país. Desejo não abalaria sua decisão. Fechou os olhos por um momento e cerrou os punhos para disfarçar o tremor em seus dedos. Era apenas luxúria. Nada especial. Nada importante. Uma imagem de Jessica passou por sua mente, e ele sentiu um golpe em seu peito como resposta.

À parte suas intenções, o desejo parecia balançar suas estruturas. E ele realmente não queria acreditar que muito mais que desejo o estava fazendo tremer.

JESSICA PASSOU os braços ao seu redor e se afastou da vista do oceano, recostando-se contra o corrimão do terraço. A brisa marítima a envolvia e emaranhava seu cabelo. Perguntava-se o que Stavros estaria fazendo. Se o encontro dele com Victoria tinha sido bem-sucedido.

Parte dela esperava que sim. Ele poderia se casar com ela e eles teriam maravilhosos e nobres bebês que herdariam o trono de Kyonos. Poderiam ser sensuais e nobres juntos, e ela voltaria para sua casa vazia e contemplaria a enorme alegria de ter um gato.



Sim, aquele era um bom plano. Um plano sólido. Ela poderia chamar o gato de Mittens.

– E como foi sua noite?

Ela se virou e perdeu o fôlego, forçando assim um som agudo e engasgado. Stavros estava na porta, sua gravata preta jogada no ombro, os três primeiros botões da camisa desabotoados, as mangas puxadas até os cotovelos.

Parecia que tinha sido despido. Jessica tentou sorrir, enquanto seu coração se afundava corroído pelo ciúme.

– Acho que eu é que devia perguntar isso. – As palavras raspavam em sua garganta seca.

– Agradável. Não tanto quanto você... Mas agradável. – Stavros sorriu e entrou no terraço, diminuindo a distância entre eles.

Havia algo de estranho no comportamento dele.

– Andou bebendo?

– Nem um pouco. Mas você me faz sentir um pouco tonto.

– Sério. O que aconteceu, Stavros?

– Cuidado, Agápe. Você me fará pensar que perdi o jeito.

– Não me chame de amor. O que foi que eu falei sobre não flertar comigo?

Ele não tinha o direito de fazer isso com ela. Não tinha direito nenhum. Encontrara-se com outra mulher. Um encontro que, idealmente, seria o começo de um relacionamento “até que a morte os separe”.

– Você me disse para não flertar. – Ele se aproximou dela, seus movimentos eram ágeis. Graciosos como os de uma pantera.  
– Mas eu acho que não posso evitar.

– Então procure ajuda.



– Está com raiva de mim? – perguntou ele, com um brilho infantil nos lábios.

– Sim, estou chateada com você. Eu não o entendo. Você me beija, age como louco a respeito disso, pede desculpas, vai a um encontro com outra mulher e agora flerta comigo.

– O encontro com Victoria foi bom.

– Bom?

– Ela é adequada. Gostaria de vê-la novamente.

– O quê? Isso é tudo?

– Gostaria de me casar com ela – disse ele entre os dentes cerrados.

– E você veio aqui flertar comigo?

Ele deu de ombros.

– Eu lhe disse o meu motivo.

– Ótimo. – O aborrecimento abandonou Jessica, dando lugar a uma tristeza que ela não tinha direito de sentir.

– Prefiro quando você sorri.

– Não sinto vontade de sorrir. – Jessica se afastou dele, fixando a atenção na paisagem.

– Por que você faz isso?

– Por que faço o quê? – perguntou Jessica sem olhar para ele.

– Por que faz com que seja impossível para mim chegar até você?

– Por que você está tentando?

– Porque não consigo respirar sem pensar em você.

– Eu não...



– Jessica – disse ele, recuperando um pouco de sua compostura –, você conhece minha situação. Minhas obrigações. Mas isso não significa que não possamos ver aonde a nossa atração nos levará.

– Sim, Stavros, sim, isso significa que... – O pânico vibrava em seu peito. Pânico e um desesperado desejo de acreditar nas palavras que ele acabara de proferir.

Suas sobrancelhas escuras se juntaram.

– Aquele beijo está me assombrando. Está me devorando. Eu preciso... – Ele respirou fundo. – De você. Diga-me que precisa de mim também.

– Eu... – Jessica balançou a cabeça. – Não importa se eu preciso.

A expressão dele mudou, sua necessidade, sua fome. Algo doloroso demais para suportar.

– Vamos fingir que importa.

O desespero em seu tom, a necessidade primitiva, estava além dela. E ainda a chamava, ecoava dentro dela.

– Vamos fingir, como fizemos na outra noite, que nada disso existe. Que sou apenas um homem. E você é apenas uma mulher. Uma mulher que eu desejo acima de tudo.

Jessica respirou tão fundo que parecia rasgar seus pulmões, deixando-a ferida e sangrando por dentro, e tentou impedir que as lágrimas caíssem.

– Stavros, esse é o problema, tudo isso, essas coisas que tentamos ignorar são reais. E não podemos fingir que não são. Não mudará nada.

– Hoje à noite não têm que ser reais – disse ele, sua voz estava sombria, torturada.





– Não sou sua melhor aposta de última hora para sua fobia a compromisso – preveniu ela. – Sou a última mulher pela qual você deveria querer fazer isso.

– Por quê? A atração entre nós é real. E você mesma disse, não é como se você fosse virgem. Você é uma mulher experiente que sabe o que quer.

– Eu não valho nada, você não sabe? Não entende? Não posso ter um bebê. Sou uma assassina do desejo masculino. Faço um homem não se sentir realmente como um homem. – Jessica sabia que soava como uma louca, histérica. Não se importava. – Eu sou fria. E frígida. Uma à-toa que se importa mais consigo mesma do que com os sonhos de seu marido, com a esperança de ter uma família. Isso soa com o tipo de mulher com a qual você deveria ter um caso?

Ela parou sua respiração ofegante. Falar aquelas palavras, dar voz a cada coisa terrível da qual tinha sido chamada, cada horrível sentimento que vivia dentro dela, fazia com que se sentisse poderosa. Também a fazia se sentir um pouco mal.

– Jessica, quem lhe disse isso? – perguntou ele, sua voz estava rouca.

– Quem você acha?

– Seu marido?

– Ex-marido. – A expressão nunca pareceu tão doce.

– Ele estava errado.

– Você não sabe disso, Stavros. Vá embora.

– Não. Ajude-me a entender.

Era uma afirmação tranquila, um simples gesto. Era mais do que qualquer um tinha perguntado ou oferecido a ela.

– Isto é uma daquelas coisas que os homens não gostam de ouvir. E por isto quero dizer que envolve a palavra útero.



– Teste-me – pediu ele; seus olhos escuros não deixavam os dela, seu queixo estava tenso. – Assuste-me, Jess. Eu a desafio.

Ela forçou uma risada.

– Certo. Darei a você um vislumbre. Eu tinha endometriose. Poderei ter novamente um dia, já que ainda é possível ter algum surto. Não sei se você realmente sabe o que é, mas dói terrivelmente. Eu era uma das sortudas para as quais era especialmente ruim. Causava sangramento e dor. Muita dor. Muito sangramento. Para mim, causava dor durante o sexo. Depois do orgasmo. E eu comecei a não desejar mais. Nem ao menos queria desejar sexo. A recompensa era muito fugaz pelo que eu tinha que passar, e rejeitei meu marido. Diversas vezes. Fiz com que ele se sentisse indesejado. E quer saber? Ele era. – Tinha certeza de que conseguira. Que o tinha assustado. – Acho que é sua deixa para se virar e correr.

Stavros cruzou os braços sobre o peito, seus olhos sempre fixos nos dela.

– Não sou um corredor. Isso machucava você o tempo todo?

– A maior parte do tempo. Fiz uma... – Jessica sempre tropeçava na palavra histerectomia, porque dizê-la era como admitir a derrota. – Fiz um procedimento para ajudar, e ainda não testei para ver o quão bem funciona. Ainda me assusta.

– Jess...

Ela foi a única a dar um passo para trás. Balançou a cabeça.

– Não vale a pena, Stavros. Por uma noite? Não vale a pena. Tenho problemas demais. Se você quiser mais uma aventura antes de se casar, tenha com alguém menos complicado.

A ideia de tentar novamente, de falhar novamente, a destruía. Era mais do que poderia significar para ele. Era o que ela desejava muito, e o pensamento de desejar ainda mais uma coisa que



permanecia fora de seu alcance era muito dolorosa, até mesmo para considerar.

Jessica teve sucesso. Deixou para trás seus fracassos. Não tinha sentido algum repetir os mesmos erros.

– Estou cansada. – Ela se afastou dele e voltou para dentro da casa.

Stavros observou Jessica entrar, os braços em volta de seu corpo como se ela estivesse se mantendo inteira com sua própria força.

Sentiu-se dormente. Dormente e com dor ao mesmo tempo. Tinha vindo com o propósito expresso de seduzi-la. De encontrar um modo de colocá-la em uma categoria com a qual ele se sentisse confortável. Abraçar sua necessidade sexual e ignorar a estranha dor em seu peito, que parecia tomar forma quando ela estava por perto. Isso não funcionou. Jessica não permitira a distância, e ele certamente não fora capaz de recuar para trás da segurança do flerte, não depois daquela confissão.

Que canalha ele era por tê-la feito confessar algo como aquilo.

Jessica estava certa, ele deveria correr. Deveria aceitar seu conselho e se concentrar em seu casamento. Ou encontrar uma mulher que o ajudasse a gastar aquele desejo sexual. Respirou fundo e entrou na casa, rumando para seu escritório. Fechou a porta atrás de si, e se sentou na frente do computador. Deveria escrever um e-mail para seu pai, para pelo menos comunicá-lo de que estava quase certo de que tinha encontrado a futura rainha de Kyonos.

Em vez disso, abriu o navegador de internet e começou a olhar para o cursor, que piscava na caixa de texto do site de buscas. Então, digitou endometriose.

JESSICA QUERIA chorar e não conseguia. Gastara tanto tempo controlando-se para não desmoronar que, agora que realmente desejava isso, não conseguia. Era impossível forçar as lágrimas.



Deitou-se na cama e olhou pela janela, para o luar brilhando na superfície do mar. Era a perfeição da natureza, linda e imaculada. Nunca entenderia o motivo de algumas coisas serem tão perfeitas quando ela não era.

Por que seu corpo parecia todo errado quando tantas outras pessoas pareciam terem sido feitas corretamente? Por que ela não era capaz de seguir em frente e lidar com isso? Por que a vergonha e o fracasso ainda a corroíam?

E ela desejava Stavros tanto que mal conseguia continuar vivendo em sua pele. Queria tocá-lo, prová-lo. Queria beijá-lo novamente. Acima de tudo, desejava poder voltar atrás. Não contar a ele sobre sua endometriose. Tinha sido tão bom ter um homem olhando para ela como se fosse bonita...

Fechou os olhos e deixou a lembrança do beijo deles passar por seus pensamentos novamente. Permitiu-se reviver o que tinha sido sentir a pressão do corpo dele sobre o seu. Sentir os lábios dele contra os seus, tão quentes e exigentes. Tão diferente de qualquer homem que ela beijara.

O desejo tomou conta de seu peito, seu coração acelerou, seu corpo implorava por algum tipo de alívio. Algo a que ela se negara por tanto tempo. Talvez tempo demais.

Jessica se sentou e cobriu o rosto com as mãos. Sem pensar, levantou-se.

Seu coração pulsava descontroladamente quando ela entrou no corredor e olhou em direção ao quarto de Stavros. Ele estaria ali agora, dormindo. E a desejava. Tinha dito que desejava. Era como uma onda. Um golpe de adrenalina. Puro, feminino prazer. Ser desejada. Desejar alguém.

E se pudesse ter um pouquinho daquilo? Algo em que não pudesse falhar. A ideia de dormir com Stavros era a coisa mais eletrizante e amedrontadora que conseguia imaginar. Estar tão vulnerável diante de um homem que era tão perfeito. Correr o risco de falhar novamente. Revelar-se não boa o bastante.



O sangue rugiu em suas veias, enquanto caminhava em direção ao quarto dele. Ela secou as mãos, úmidas com o suor, em sua saia. Bateu de leve na porta, sem parar para pensar, porque, se parasse, teria se virado e saído correndo em direção à segurança de sua cama.

– Sim? – A voz rouca e sonolenta de Stavros se fez ouvir do outro lado da porta.

Jessica girou a maçaneta e o avistou apoiado nos cotovelos, os lençóis enrolados na cintura, revelando seu peito. O luar resvalava nos ângulos de seus músculos, sombreando-os, dando a impressão de que seu corpo era talhado na pedra.

Era a perfeição absoluta. A beleza dele a tragou, mas também a intimidou.

– Não consegui dormir – disse ela. Uma desculpa tão esfarrapada. – Obviamente, você conseguiu, então, eu não deveria ter vindo aqui.

– Não estava dormindo bem.

– Isso é bom, eu... – Deu um passo adiante. – Posso entrar?

– Por favor – disse ele, seu rosto meio escondido na sombra, sua voz estava tensa.

Jessica se sentou na beira da cama e colocou a palma da mão no peito dele, perdendo o fôlego quando um choque de fogo correu por suas veias.

Stavros era tão quente, seus pelos ásperos contra a pele dela, seus músculos enrijecidos, sua pele macia. Jessica deixou os dedos passearem pelos músculos esculpido suavemente, seguindo o contorno de seu corpo. Inclinou-se e beijou seus lábios. Stavros permaneceu impassível sob ela, seu abdome, duro como pedra, sob a mão dela, seu corpo rijo. Jessica podia sentir a tensão dele correndo por todos os seus tendões e entrando na ponta de seus dedos.



Talvez não pudesse ter tudo que desejava. Mas poderia ter algo disso. Ele a desejava. E ela poderia satisfazê-lo. Sem ter que abrir mão de nenhum poder. Sem ser vulnerável. Sem falhar.

– O que você está fazendo? – perguntou ele, a testa descansando contra a dela, seus lábios a um sussurro de distância.

– Se você tem que perguntar, não devo estar fazendo direito. Faz algum tempo, talvez o protocolo tenha mudado... – Beijou o pescoço dele; tinha gosto de sal e suor em sua pele.

Jessica deixou a mão deslizar embaixo do lençol, onde o encontrou excitado por ela, bem maior do que ela imaginara. Jessica ofegou, ao mesmo tempo em que Stavros deu um gemido gutural quando ela enlaçou sua ereção com os dedos.

Nisto ela estava certa. Dar prazer a um homem sem pedir nada para si tinha sido uma necessidade nos últimos dias de seu casamento. Um modo de manter a intimidade sem ter que lidar com o desconforto físico. Poderia fazer o mesmo agora com Stavros. Um modo de tê-lo sem arriscar nada. Parecia tão fácil.

Exceto que ela estava com mais desejo do que antecipara, e isso fez do pensamento de deixar a cama dele insatisfeita menos interessante do que pareceu alguns momentos antes. Ela estava gostando daquilo, do desejo que sentia, do corpo dele.

Jessica beijou o peito dele, descendo até seu mamilo, deslizando a língua sobre ele, sentindo-o enrijecer sob seu toque. A mão dele foi até sua nuca, seus dedos afundaram em seu cabelo. Jessica sorriu contra sua pele e continuou a dar beijos apimentados em seu corpo.

– Você tem um peitoral incrível – disse ela. – Entre outras coisas. – Apertou de leve seu membro. – Nunca, nunca vi um homem como você. Muito menos estive próxima o bastante para provar. E estou realmente ansiosa por isso. Você é incrível.

Ela levantou a cabeça e puxou o lençol para baixo, expondo-o.



– Oh, meu Deus, você é mesmo fantástico!

O coração dela acelerou, ecoando em suas têmporas, na junção de suas coxas. Ele era maravilhoso. Tudo que ela imaginara e muito mais. Inclinou-se e passou a língua pelos músculos de seu abdome. Então, baixou ainda mais a cabeça.

Ele tremeu sob sua língua, um gemido rouco escapou por seus lábios, enquanto apertava os cabelos dela.

Jessica sentiu como se estivesse solta em uma loja de doces. Todo o prazer que conseguia imaginar esparramado diante dela. E não estava pensando em ser comida. Ela deslizou a mão e colocou o máximo que conseguiu dele em sua boca, deleitando-se com o gosto. Conseguia sentir os músculos de suas coxas tremerem, a tensão em seu corpo, enquanto ele tentava manter o controle.

Não queria que ele se controlasse. Queria que ele perdesse a cabeça. Queria que se perdesse de uma forma que ela não poderia. Queria que Stavros fizesse isso por ela. Mais do que queria, precisava. Precisava que a força dele se dissolvesse sob ela. Queria exercer o poder que tinha sobre ele. E tinha. Jessica podia sentir. Conseguia sentir o quanto ele estava próximo de se perder completamente.

Era isso que ela queria. Precisava. Desejava. Para ser vitoriosa nesta noite, na cama dele. Para ser a perfeição para ele. Para si mesma.

– Jessica... – disse ele, e se moveu levemente, tentando distanciar-se dela.

Ela não parou. Passou a língua ao longo de seu desejo e sentiu seus músculos se contraírem sob sua mão.

– Jess... – ele tentou de novo; seu tom de voz era um aviso.

Ela ergueu a cabeça, seus olhos fixos nos dele.

O olhar de Stavros estava nublado, o suor escorria por sua testa. Uma onda de poder correu por ela.



– Isto é por mim – disse Jessica. – Quero você assim. E pretendo tê-lo.

Ela se inclinou outra vez, e os dedos dele se apertaram, emaranhando-se profundamente no cabelo dela, a pontada de dor aumentado o prazer que criara um vazio doloroso entre suas coxas.

Uma risada trêmula escapou de seus lábios.

– Será que não importa o que eu quero?

– Nem um pouco. Mas você gosta disso, não é? – Ela passou a língua pela ponta de seu membro. – Não gosta?

– Theos, sim – disse Stavros, murmurando seu consentimento.

Jessica continuou dando prazer a ele com os lábios e com a língua.

E ela sorveu tudo. O prazer dele, cada respiração ofegante, cada músculo trêmulo, cada praguejar, cada palavra de louvor. Este era seu momento. Seu prazer. Seu poder. Seu desfrute do que verdadeiramente queria. Um vislumbre do banquete que não poderia ter.

Jessica não parou até que ele chegasse ao orgasmo. O corpo de Stavros tremia, sua pele estava pegajosa de suor, cada centímetro de controle o tinha deixado quando ele encontrou êxtase.

Ele se deixou ficar deitado ali, acariciando o rosto dela. Jessica descansou a cabeça em seu abdome e fechou os olhos. Sentiu-o se mexer debaixo dela. Stavros se sentou e a trouxe consigo, beijando-a nos lábios. O beijo ficou mais intenso, a língua dele pontilhava seu lábio inferior, a excitação crescia dentro dela. Quando sentiu que estava no limite, Jessica se afastou. Seu corpo tremia, sua respiração estava ofegante e desigual. Tivera a intenção de empurrá-lo pelo abismo. Não percebera que isso a levaria com ele.

– É isso – disse ela, com a voz embargada. – Quero dizer, vou voltar para a cama agora.





Ele franziu a testa.

– O que quer dizer “é isso”?

– Quer dizer que terminamos, vou dormir. A maioria dos homens ficaria muito feliz com isso. – Seu rosto estava escondido na sombra, seu tom era sombrio.

– Então por que veio até mim esta noite?

– Porque eu queria você. E tinha que ter você.

– Você não teve um orgasmo – disse ele, suas palavras duras ecoaram no silêncio da sala.

– Eu sei, mas não foi por isso que vim. Amanhã falaremos mais a respeito.

– A respeito disto? – Ele indicou a cama.

Jessica balançou a cabeça sentindo o calor tomar seu rosto. Não um calor de vergonha, mas de raiva. Estava com raiva de tudo. De seu corpo, de Stavros, de si mesma. Pelo medo que vivia dentro dela. Um inquilino que não conseguia expulsar.

– Não. Sobre Victoria e como pretendemos sair daqui com isso como parte de nosso acordo. Você queria uma noite. Esta foi uma boa noite. Não vamos arruiná-la agora.

– Eu queria mais, Jessica. Ainda quero mais.

Ela assentiu.

– Eu sei. – Ela também queria mais. Mas seria mais do que poderia suportar. Teria que ficar muito vulnerável. Mais do que estivera esta noite.

– Fique comigo. Apenas para dormir – sugeriu ele.

Era muito tentador. Muito além de tentador. Dormir nos braços dele, com a cabeça em seu peito. Escutar a respiração dele a noite toda era algo que ela desejava mais do que tudo. O que significava que deveria dizer não.



– Preciso ir para a cama.

A expressão dele mudou, endureceu.

– Conversaremos amanhã – disse ele.

– Certo.

Jessica tinha uma sensação de que Stavros não se referia ao assunto que ela queria discutir. Se ela aprendera alguma coisa sobre Stavros era que, sob todo aquele charme, escondia-se uma teimosia que rivalizava com a sua.

O CORPO de Stavros ainda queimava. Fazia seis horas desde a visita noturna de Jessica, e ele ainda não tinha conseguido tirar aquela mulher deliciosa da cabeça. O modo com o qual ela o tomara, tão confiante, tão ousada e sensual. O modo como se retirou, parecendo que queria desaparecer.

Seus sentimentos sobre a questão não faziam sentido. Queria que ela ficasse. Mesmo que isso significasse abraçá-la a noite toda. Ele queria, mas não estava certo do que queria.

As ações dela não faziam sentido para ele também. Sexo era só sobre prazer e êxtase, e Jessica não tomara nada para si. Não tirara nenhuma de suas roupas, ele mal a tocara, e ainda assim, ela dera a entender que isso era tudo o que desejava. E depois, agiu como se eles não fossem falar sobre o assunto. Estava tão errada nisso...

A copeira repôs o café em sua xícara e se retirou do terraço. Havia outra xícara diante dele, e o seu conteúdo estava esfriando. Onde estaria Jessica?

– Bom dia.

Ele se virou e a viu usando um vestido amarelo que a cobria dos joelhos ao pescoço, um cinto branco marcava sua cintura. Estava segurando seu pequeno computador. Seu pequeno feudo eletrônico.



– Bom dia – respondeu ele, não se incomodando em disfarçar seu olhar avaliativo sobre ela.

Ela corou quando se sentou diante dele. Deu um gole de café e franziu a testa.

– Frio? – perguntou ele.

Jessica assentiu e intensificou a careta.

– Amargo?

Ela assentiu novamente. Engoliu devagar, seus lábios se curvando em mais uma careta.

– Preciso de café fresco.

– Leda trará em breve – disse ele.

– Então, as coisas foram bem ontem à noite?

Ele não disse nada, simplesmente a olhou até que o duplo sentido de suas palavras a atingissem. Stavros poderia dizer quando isso aconteceu, porque ela enrubesceu de novo, e seus lábios se contorceram.

– Com Victoria – completou ela.

– Muito bem. – Ele se recostou em sua cadeira.

Seu coração batia mais rápido do que o usual, e isso o surpreendeu. Stavros sempre estava no controle de si mesmo. Embora Jessica testasse isso a cada movimento que fazia, e bem naquele momento, quando ele tinha que dizer que ela o fazia se sentir nervoso. Que a reação dela poderia deixá-lo nervoso.

– Mas há um problema.

– Que é?

– O mesmo problema que discutimos na noite passada. Estou atualmente obcecado por outra mulher, e creio que não poderei ficar noivo de Victoria, muito menos me casar com ela, enquanto ainda estiver lutando com isso.



Jessica empalideceu, e seus olhos verdes pareceram mais vívidos contra a pele de cera.

– Eu? É sobre isso que você está falando? Por Deus, Stavros, o que uma mulher precisa fazer para espantá-lo?

– Dar prazer com a boca pode não ser o melhor jeito de espantar um homem.

– Certo – disse ela firmemente, um pouco de sua cor voltando.

– Li algumas coisas sobre endometriose na noite passada.

O queixo dela caiu, sua boca desenhou um perfeito O vermelho.

– O que você fez?

– Queria entender melhor. Entender o que você estava me falando. Estou com vergonha de dizer que não sabia nada sobre isso.

– Por que deveria?

A confusão total no rosto dela o intrigava.

– Porque o problema parece não ser incomum como eu pensava. Mas agora, quero saber especialmente sobre isso por sua causa.

– Não tenho mais isso realmente, como eu disse. Pelo menos, não estou sintomática.

– Você mencionou. Mas ainda assim, não quer fazer sexo.

– Não é que eu não queira. Quero, apenas não consigo. Sei que soa estúpido. Mas é complicado. Envolve uma série de pequenos problemas. – Seus olhos verdes estavam frios. – Como eu disse, não sou do tipo que tem casos. Muitos problemas.

– É compreensível. Mas você também disse que fez um procedimento. Talvez não sinta dor agora.



– Stavros, não é apenas a dor física. Fui ao inferno e voltei com ela. Um pouco mais dificilmente me quebraria. Mas o ponto é que não sei se conseguirei lidar com este tipo de relacionamento novamente. Não sei se conseguirei lidar com um homem olhando para mim como se eu personificasse todos os seus sonhos destruídos.

– Jessica, não sou seu ex-marido. Não quero nada de você além de...

– Sexo. Você quer sexo. E sou ruim nisso também. Minha própria dor era ofensiva para ele – disse ela, suas palavras saíram ásperas, amargas. – Tinha apenas que morder meu lábio e lidar com isso porque magoava os sentimentos dele. Porque gritar quando doía o fazia se sentir mal. Tinha que esconder todo meu sangramento, porque isso o enojava. E depois, mesmo quando eu fiz o que era preciso para aliviar a dor, quando não pude aguentar mais, isso foi um fracasso aos olhos dele também. Não quero mais nada disso.

Stavros se sentiu mal. Empurrou seu café para o meio da mesa.

– Conte-me.

Ela desviou o olhar dele.

– O ponto essencial foi que ele queria filhos; não posso tê-los.

– Vi que a endometriose afeta a fertilidade – disse ele.

Jessica sorriu.

– Sim. Pode acontecer. Mas não para todo o mundo. E não significa que não possa acontecer. Mas eu não posso. Porque, para tentar curar a minha doença, optei por uma histerectomia. Gil não queria que eu fizesse. Queria continuar tentando conceber uma criança, e eu não aguentava mais. Para ele, eu desisti de ter filhos. Desisti de nós. Matei nossos sonhos para meu próprio conforto. Sou uma desgraçada egoísta. Eu lhe disse, lembra? – Ela se levantou. – Desculpe-me, tenho que ir.



Jessica se virou e voltou para dentro da casa, o rosto tão pálido quanto mármore. O peito dele queimava, ácido, com raiva, comendo-o por dentro.

Não em razão dela. Nunca em razão dela.

Ele se levantou e olhou para o mar por um momento, antes de entrar. Estava mais determinado do que estivera momentos antes.

Precisava de Jessica. E ela precisava dele. Mesmo que fosse por um tempo, estava determinado a tê-la. Determinado a curar algumas das feridas que o ex-marido dela deixara para trás. Determinado a ter um momento de tempo roubado que pertencia exclusivamente a ele.

Não nascera para ser rei. Fora incumbido disso quando ficou claro que Xander não seria. Tinha desistido de tantas coisas. Tantos desejos que ele não se deixaria lembrar agora. Tinha consignado a si mesmo a um casamento que seria muito mais um acordo de negócios.

Desistira de tudo. Continuaria desistindo pelo resto de sua vida. Abraçaria o vazio que esculpira dentro de si, deixaria que todo o dever e a honra que pudesse aguentar o preenchesse.

Mas não agora. Agora, seu peito estava cheio dela. Era Jessica, e tudo o que ela o fazia sentir, que ocupava cada espaço dentro dele. Algo desconhecido o consumia. Algo que desejava abraçar com um desespero que não conseguia colocar em palavras. Por agora, só por enquanto, ele faria isso. Se ela permitisse.



## CAPÍTULO

## OITO

SE BATER a cabeça contra uma parede e repetir o mantra “você é uma idiota” tivesse feito alguma diferença no resultado de sua conversa com Stavros naquela manhã, Jessica teria feito isso. Infelizmente, a auto recriminação não corrigiria o fato de que ela despejara seus problemas emocionais para que ele os dissecasse.

Sim, ele pedira. Mas não sabia o que estava pedindo.

Li algumas coisas sobre endometriose.

Repetir essas palavras em sua mente fez seus olhos arderem, fez sua pele se retesar. Quando alguém em sua vida fizera isso por ela? Sua mãe, seu marido, seus amigos? Quando teve alguém que se importasse o bastante? Ou fora corajoso o suficiente? Já que todos em sua vida estavam preocupados com sua condição apenas na medida em que ela os afetaria. Apenas Stavros perguntara. Apenas ele fizera aquele esforço extra. Por quê? Por que ele se importava com ela, afinal? Não fazia sentido nenhum.

A batida exigente na porta só poderia vir de Stavros.

– Entre – disse ela.

Não tinha sentido evitá-lo. Ele não se afastaria. Stavros era assim.

A porta se abriu, e Stavros entrou, fechando-a atrás de si.

– Por que você não me deixa decidir o que é muito trabalhoso?

Ela piscou.

– O quê?

– Posso ser quem decide se você dá muito trabalho? Porque você continua me falando que dá e que eu não quero lidar com você, mas o fato é que eu quero.



Ele pareceu bastante sincero, mortalmente sério, e ela não pôde evitar a risada.

– Por quê? Isso não faz sentido. Vá, tenha um caso, se é o que você precisa antes de se casar. Ou se apresse e case com Victoria, assim poderão ter uma noite de núpcias cheia de paixão. Mas por que, pelo amor de Deus, você quer perder seu tempo comigo?

– Desejo você. E se você não me deseja, tudo bem, mas estou bem certo de que suas ações na noite passada significam o contrário. Então, se você me deseja, passe um tempo comigo.

– Não entendi.

– Quatro semanas. Quatro semanas e eu pedirei Victoria em casamento, e até lá, quero você. – Ele baixou o olhar. – Entendo que não é a proposta mais romântica do mundo, mas é tudo que posso oferecer.

O peito dela pareceu esfriar por dentro, e ela sabia que não era possível.

– Sim, eu sei. Passei dos 28 anos, não posso ter filhos, provavelmente tenho uma risada irritante. Os motivos de eu ser errada para você são muitos e variados. Esses são apenas os óbvios.

– Sim – disse ele; a palavra foi direta, honesta. – Mas isso não me impediu de desejá-la.

– Não sei se me sinto lisonjeada ou insultada. Na verdade, indo a fundo, não sei se deveria me sentir lisonjeada ou insultada. Acho que estou lisonjeada, apenas não tenho certeza de que deveria estar.

– Eu nunca a insultaria fingindo que poderia oferecer algo que não posso. Minhas responsabilidades não vão mudar. São o que são. Mas não consigo tirar você da cabeça. Não posso me forçar a desejar Victoria quando é você que vejo a cada vez que fecho os olhos.

– Ninguém nunca disse coisas como essas para mim.





– Nem mesmo o seu marido?

– Não. Ele era um estudante universitário quando ficamos juntos. Assim como eu. Jovem, estúpido e muito sincero, mas não tão poético. – Tossiu. – E não ficamos juntos pelo tempo que pensamos que ficaríamos.

– Nós também não ficaremos você sabe – disse ele.

Jessica concordou.

– Mas não fingiremos o contrário, fingiremos?

– Não, não fingirei com você, nunca. Promete fazer o mesmo comigo?

– Sim – sussurrou, não tendo certeza se concordava com o último pedido dele, ou seu pedido pelas quatro semanas.

De qualquer forma, estava perdida. Não importava o quanto fingisse estar indecisa, perdera-se nele. Em seu desejo por ele. Sua curiosidade. Sim, estava com medo, mas o desejava mais do que queria continuar escondendo. Fez uma careta, tentando afastar o medo. Medo que ela não queria. Não agora.

– Preciso de você – disse ele; as palavras eram cruas, desprovidas de charme, flerte, qualquer tipo de artifício. – Não tenho certeza de que você percebe o quanto. Mas preciso de você. Disto. Espero que você me queira.

Ela entendia. Precisava dele também. Tanto quanto precisava escapar do confinamento onde se colocara há tanto tempo.

Precisava se livrar disso e abraçar completamente sua nova realidade.

– Sim, Stavros, também o desejo. E agora que você desistiu deste negócio de pseudo flerte, realmente acho você mais irresistível.

– Eu não consigo resistir a você, Jess. Esse é o motivo de eu estar aqui.



O peito dela se contraiu, seu coração bateu mais rápido. Ter um homem grande e forte admitindo que não conseguia lutar contra sua atração por ela era além do imaginável. E isso restaurou algo dentro dela. Algo que pensou que estava tão mutilado, além do reconhecimento de que nunca poderia ser consertado.

– Isso é bobagem – disse ela rindo, porque se não fizesse isso poderia chorar.

– Eu sei. – Stavros deu um passo em direção a ela, tocando o seu rosto. Descansou a testa contra a dela, de olhos fechados.

Jessica inclinou o rosto e roçou seus lábios nos dele, um beijo suave, uma pergunta. Ele respondeu com um beijo mais forte, mais determinado. Sua língua a provocou, e ela entreabriu os lábios para ele, deslizando a língua contra a dele, o contado dando início a uma onda de calor em seu peito que se espalhou para seus seios, até o centro de seu corpo.

– Uau! Você realmente beija muitíssimo bem – disse ela, e um arrepio a percorreu.

– E você é bastante sincera.

Ela balançou a cabeça.

– Não costumo ser. Apenas faço o meu melhor para parecer durona o tempo todo, e ninguém questiona o que eu faço, ou o que falo muito diretamente. Desse modo, não tenho que ser honesta. Mas por alguma razão, sou honesta com você. Não estou certa do motivo. - Você tem o mesmo efeito sobre mim. Não consigo compreender.

– É o desejo. Ele mexe com nossos cérebros.

Stavros sorriu.

– É isso?

Ela assentiu.



– Não sou tão familiarizada a este nível, mas me lembro de me sentir assim algumas vezes na faculdade.

– Era de se imaginar que na nossa idade seríamos imunes. – Stavros sorriu levemente, e isso fez os joelhos dela enfraquecerem um pouco.

– Ei, cuidado. Sem piadas sobre idade.

Ele tornou a beijá-la.

– Você é uma mulher linda. O vestido que está usando é totalmente letal.

Jessica olhou para seu recatado vestido amarelo.

– Este?

– São os botões – retrucou ele. – E tudo que consigo pensar é em desabotoá-los.

O rosto dela queimou.

– Sério?

– Oh, sim, sério. Quero fazer isso agora, mas não quero me mover muito rápido.

– Não é nem meio-dia.

– E daí?

– Não há uma regra sobre não fazer sexo antes do meio-dia?

Ele sorriu.

– Sexo não é como álcool. E se essa foi sua experiência com isso, posso lhe dizer, precisa expandi-la.

Ela fez uma careta.

– Estou um pouco nervosa. Muito nervosa.

Não tinha certeza do que ele faria com ela, e aquele medo não estava enraizado em temer a dor física, mas sobre como a



completa perda do controle poderia ser. Sobre se ela seria capaz ou não de manter suas defesas.

Stavros acariciou o rosto dela.

– Conte-me, há algo específico que causa dor?

Ela assentiu, achando que se concentrar no físico ajudaria.

– O orgasmo pode causar dor. – Ela deixou escapar a última palavra junto com uma risada trêmula. – O pior disso vem sempre com a penetração. No final, pelo menos.

Ele concordou lentamente.

– Sem sexo. Não agora. Quero tirar seu vestido. Tocar seus seios. Prová-los também. Nada mais. Nada mais até você estar pronta.

Jessica mal conseguia respirar. As promessas dele, tão roucas, sensuais e perfeitas, o corpo dela estava tão apertado que ela teve a certeza de que quebraria.

– Você realmente sabe usar as palavras.

– Engraçado você dizer isso. Meu escritor de discursos geralmente se encarrega das minhas palavras. Orgulho-me de ser um homem de ação.

Stavros deslizou as mãos para baixo, para o primeiro botão do vestido, e lentamente puxou a parte pouco coberta de tecido através da casa do botão, deixando a gola do vestido aberta.

Jessica gostaria de conseguir recuperar a coragem que sentira na noite anterior. Mas, então, na noite anterior o jogo fora seu. Ficara no controle, em seu elemento. Deu prazer e se alimentou das sobras. Ali e naquele momento, Stavros tinha o comando sobre ela. O inverso da noite anterior, e ela achou que realmente gostava daquilo.

Stavros avançou para o próximo botão, depois o próximo, beijando o pescoço dela a, cada movimento. Quando alcançou o botão sob os seios, deslizou a língua pela linha de seu colo, e então



desceu um centímetro, até o vestido se abrir, até sua língua se curvar no contorno do sutiã, provocando a pele sensível.

Jessica estremeceu quando ele puxou o vestido por sobre seus ombros e o deixou cair no chão, deixando-a só de sapatos brancos de salto e um conjunto de calcinha e sutiã que combinavam.

– Você é incrível – disse ele, caindo de joelhos e beijando a barriga de Jessica, que ficou com os olhos cheios de lágrimas.

Ela não queria que Stavros tirasse sua calcinha. Ainda não. Agarrou os ombros dele, pedindo que se levantasse.

Abraçando-a de novo, ele deslizou as mãos nas costas dela, brincando com o fecho do sutiã, provocando a ambos.

Stavros se afastou um pouco, ainda com os braços em torno do corpo de Jessica. Dançaram lentamente até a cama, e ele abriu o sutiã quando ela se deitou, puxando-o e o colocando de lado.

Metade do corpo de Stavros estava sobre ela, sua respiração, ofegante, e Jessica a sentia em seus seios nus. Havia um brilho feroz nos olhos escuros dele.

– Você é muito mais bonita do que imaginei. Muito mais bonita do que eu sequer poderia ter imaginado.

Ele a tocou, deslizando os dedos gentilmente pelos seus mamilos enrijecidos.

Jessica se arqueou em direção a ele; o prazer fazia sua respiração falhar.

– Diga-me se eu fizer alguma coisa que você não gosta – disse ele. – Diga-me e eu pararei.

Jessica não queria que ele parasse. Nunca. Sentira imenso prazer com seu toque, em sentir suas mãos ásperas e masculinas em sua pele macia. E quando ele substituiu os dedos pela boca, ondas de prazer percorreram seu corpo, umedecendo sua feminilidade, fazendo com que ela ansiasse por Stavros.



Ela acariciou o cabelo dele, puxando-o de leve em seguida, sentido prazer em cada toque, em cada gesto.

Jessica estava muito perto, nunca estivera tão perto, tão rápido. Não conseguia se lembrar de desejar alguém tão desesperadamente.

– Oh, sim... – Ela suspirou, deixando sua cabeça cair para trás.

Ele ergueu a cabeça.

– Mais?

Jessica assentiu, mordendo o lábio.

– Sim.

Stavros moveu a mão pela barriga dela, e Jessica teve certeza de que sentiria a linha da cicatriz que estava logo abaixo do cós da calcinha, mas preocupou-se sobre isso apenas por um instante. Nada, nada poderia alcançá-la agora além das mãos dele, da boca dele, do corpo dele e de suas promessas de êxtase.

Como poderia algo que parecia tão surpreendentemente delicioso terminar em dor? Talvez alguma dor valesse a pena se ela pudesse ter momentos como aquele.

Stavros deslizou os dedos por baixo da calcinha, roçando-os na cicatriz e prosseguindo, descobrindo-a molhada e pronta para ele. Provocou-a na entrada de seu corpo com os dedos, antes de deslizá-los sobre o centro de seu prazer. A sensação parecia fogo, queimando a partir daquele ponto e se espalhando por todo o corpo de Jessica.

Ela cerrou os dentes, sua respiração ficou mais ofegante, desigual. Agarrou os lençóis enquanto ele continuava a tocá-la. Suavemente, mesmo que os movimentos a levassem cada vez mais ao limite.

Stavros se inclinou e beijou-lhe os lábios, enquanto aumentava a pressão de seu toque, e tudo nela pareceu explodir ao mesmo tempo, uma inundação de prazer rugia através de sua pele,



reverberando, abafando o pensamento e seus gemidos. Jessica gritou não se importando com a altura, não se importando se era dia, não se importando que o relacionamento deles duraria apenas um mês.

Porque não havia mais nada. Não naquele momento. Havia Stavros. E tudo que ele a fazia sentir.

Só quando a realidade começou a tomar forma de novo, o medo a assaltou. Mas não sentira dor alguma. Jessica esperou pela sensação aterrorizante, sua velha conhecida. Mas não veio nada. Nada além da total sensação de felicidade e satisfação. Não parecia que tinha desistido de seu corpo e se perdido. Jessica sentia como se tivesse ganhado algo. A si mesma.

Um soluço estremeceu seu corpo, e ela sentiu uma lágrima rolar por seu rosto. As lágrimas que não conseguiu encontrar antes. Lágrimas que não conseguira encontrar por um longo tempo. Algo nela mudara. Como se uma barragem tivesse sido rompida dentro de seu peito, a barragem que a protegia. Proteção de que ela não precisava mais. Não agora.

Stavros segurou seu rosto, sua expressão estava feroz.

– Eu a machuquei?

Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça.

– Não. Não machucou. Eu não consigo me lembrar da última em vez que... Obrigada.

Ele a envolveu com os braços e a puxou para si, assim a cabeça dela descansou em seu peito.

– Não me agradeça. Não posso aceitar agradecimentos por isso. Tive muito prazer também.

Depois de um instante de silêncio, tentando escapar do momento de intimidade, algo quase impossível, já que ela estava quase nua e embalada em seus braços, Jessica disse:



– Stavros... Você e Victoria têm que sair como um casal algumas vezes, antes que possa pedi-la em casamento.

Ele concordou.

– Certo.

– Sei que isso ocorrerá durante nosso relacionamento. Mas acredito que você não...

– Serei fiel a você, não precisa se preocupar quanto a isso. E serei fiel a ela quando me casar – disse ele.

Era a coisa certa para ele dizer, para fazer. Stavros deveria respeitar seus votos. Ela acreditava em casamento, respeitava isso. Por mais que ela e Gil tivessem estragado o casamento deles, ninguém traiu ninguém.

Ainda assim, uma parte dela morreu quando ele disse aquilo.

– Fico feliz.

– Essa pode não ser a melhor ideia. Mas não me arrependo dela.

– Eu também não – concordou Jessica.

Isso era verdade absoluta. Como poderia se arrepender do que tinha se passado entre eles? Como poderia lamentar a perda do medo? Tinha outros, é claro, mas estava livre de um deles. E não era algo pequeno.

– Então, diga-me, Stavros, o que uma mulher deve esperar quando concorda em ser sua companhia temporária?

– Não tenho certeza. Nunca tive um relacionamento como esse. Claro, nunca encontrei uma mulher como você.

– O que você costuma fazer?

– Há um certo pudor que se emprega em um relacionamento sexual. Presentes, conversa superficial, referências somente ao aqui e ao agora, nada dito sobre o futuro, de um jeito ou de outro. E com você, não há essa reserva, isso é certo.





Ela sorriu.

– Não gosto de falsidade.

– Percebi. – Ele a apertou ainda mais. – Toda a minha vida me devotei a preencher as necessidades dos outros. Agora... bem, agora quero encontrar as minhas.

Então o relacionamento significaria a mesma coisa para os dois. Jessica gostou de saber disso. Sentiu-se valorizada. Talvez pudesse ser aquela que lhe daria momentos de felicidade. Momentos puramente dele, assim poderia ter lembranças doces nos próximos anos, quando a vida de Stavros não mais pertencesse a ele.

– O que você quer? – perguntou ela.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela.

– Quero dormir com você esta noite. Apenas dormir se é o que você quer.

– Isso é muito fácil. O que mais?

– Ir para a praia. Isso deveria ser simples, desde que estamos em uma ilha. Eu sou um homem com o mundo ao meu alcance em termos materiais. A coisa de que mais sinto falta é de uma companhia que faça minha vida interessante. Que a torne divertida. Você, querida.

– Sério você também é legal. Mais ou menos.

– Adoro suas provocações. Ainda mais quando as entendo.

Jessica se sentou.

– Eu deveria me vestir.

– Não estou com pressa.

– Tenho algum trabalho para checar, bem rápido, e depois, poderemos fazer o que quisermos. Porque é isso que decidimos fazer, não é?



Ele sorriu para ela, e Jessica sentiu seu coração se apertar.

Poderia fazer isso por um mês. Um período curto o bastante. Tão curto que ele não começaria a desejar que ela fosse um milhão de coisas que nunca poderia ser.



## CAPÍTULO

## NOVE

OS PROGRAMAS que Stavros quis fazer com ela acabaram se revelando muito mais discretos e menos eróticos do que Jessica pudera imaginar.

Stavros a levou para um passeio pelas ruínas do lado de fora da cidade, e depois para os mercados ao ar livre para fazer compras. O mercado ia até os limites do porto, pequenas barracas amontoadas entre edifícios, com o oceano logo à frente deles.

Ele poderia tê-la levado a qualquer lugar em Pireu. Para os bairros mais modernos da cidade, para as boutiques exclusivas com a moda de vanguarda.

Mas ele a levou ao mercado do porto. Porque sabia que Jessica gostaria disso. Ele entendia o que a alegrava. Ela fez seu melhor para ignorar o aperto no coração e para se concentrar nas pessoas exóticas, nos objetos coloridos.

Havia uma mistura eclética de bugigangas sem valor e tesouros requintados em oferta, coisas que ela teria encontrado em uma venda de garagem em sua cidade natal, frutos do mar frescos e antiguidades. Tudo misturado.

Jessica comprou um colar feito de linha de pesca e contas de vidro, e brincos de moedas antigas.

– Isso certamente é antigo – disse Stavros olhando as compras dela mais tarde, em um restaurante ao ar livre.

– Sim, definitivamente.

– Você precisa de um pallas para usar com isso.

Ela tirou o colar da bolsa e o segurou, assim a luz do entardecer fluiu pelas contas de vidro.

– Certo, o que é isso?



– Um vestido tradicional, drapeado. Uma toga. Ficaria lindo em você.

– Embora roupas drapeadas não façam meu gênero.

– Não. De modo algum.

Ela estava usando uma saia ampla branca que ia além de seus joelhos e uma blusa vermelha. Jessica estava linda.

– Você me enche de maus pensamentos vestida assim.

– Sim, mas você não gosta das minhas roupas.

– Não, gosto muito das suas roupas, só as considero uma distração. E agora que tenho permissão para ser distraído, bem, gosto ainda mais delas.

O rosto dela queimou. Ele a fazia sentir-se tão renovada. Flertar, comer juntos, andar pela cidade. Tudo era revigorante. A antecipação ao sexo. E ela queria muito isso. O grande evento.

Jessica sorriu e baixou os olhos para seu prato.

Ignorou a pequena pontada de medo que se instalou em seu peito. Sentia-se tão próxima a Stavros agora, o que aconteceria depois? Jessica realmente nunca fora uma garota de aventuras. Tivera apenas um homem na vida. Conhecera Gil ao terminar o ensino médio e se casara com ele.

– O que foi? – perguntou Stavros.

– Nada.

Ele estendeu a mão e pegou o queixo dela entre os dedos, erguendo seu rosto.

– O quê?

Era difícil encontrar os olhos dele. Íntimo, repentino.

– Estou feliz. Eu não me divertia assim fazia bastante tempo.

– Eu também.



– Stavros, por que casamento é tão importante para você? – Ela não estava certa de onde tinha vindo a pergunta, apenas que, de repente, parecia essencial. – Quero dizer, sei que você precisa fazer isso eventualmente. Mas é mais do que isso. Eu só... Bem, só quero saber o motivo.

Ele franziu a testa.

– Eu sou o único, Jessica.

– Eu sei.

– Quando Xander foi embora, tudo ficou um caos. Meu pai estava arrasado, minha mãe tinha morrido. Eva era apenas uma criança. Era somente eu. Minha vontade era fugir. Eu era um adolescente, mas nunca falhei com meus deveres. Passei os anos seguintes me dedicando a reconstruir a economia de meu país, e isso fez toda a diferença.

– E Victoria o ajudará a continuar com isso.

– Victoria é apenas uma peça do quebra-cabeça. Eu o estive montando por anos.

– Eu sei – disse ela, desviando o olhar dele novamente. – Planos... Desejo algumas vezes que alguns dos meus deem certo. E algumas vezes... Fico feliz por não darem.

– Bem, os meus têm que funcionar. Por meu povo.

– Xander abdicou oficialmente?

– Não. E ele não fará isso até meu pai morrer, o que não parece que acontecerá logo. Estou grato por isso.

– Mas você está jogando xadrez.

– O que quer dizer?

– Na verdade, sou péssima em xadrez, mas tive um irmão que jogava muito bem, e ele costumava conversar comigo enquanto jogava quando éramos jovens. Nunca consegui ganhar, porque estava sempre respondendo aos movimentos dele. Ele conhecia



bem seus movimentos do começo e seguia sua estratégia. Você tem seu xeque-mate planejado.

Ele riu e colocou a mão sobre a dela.

– Mas este é um movimento que eu não me vi fazendo.

– Você está arrependido? Não fizemos nada de que não possamos voltar atrás.

– Não, não me arrependo de nada. Mas deveria liberá-la de nosso acordo, eu sei, a coisa toda é muito injusta com você.

– Injusta? Como? Não sou uma jovem, inexperiente. Fui casada, sou divorciada. Experimentei o amor e a perda. Sou um tanto cínica para ser magoada por um romance temporário. – Jessica esperava que fosse verdade. Certamente acreditou nisso antes de conhecer Stavros. Antes de começar a se importar com ele.

E como isso acontecera? Como aquele sentimento começara a crescer? Stavros vivia em um mundo tão distante do mundo dela. Um príncipe, pelo amor de Deus. E um cliente. Ainda assim, ela sentia como se ele fosse a única pessoa a entendê-la. E ela sentia que o entendia. Como ele passou a importar tanto?

Ele assentiu.

– Eu sei. Mas seu marido a magoou. Eu não quero nenhuma parte disto. Não quero magoá-la.

– Pela lógica, você deveria estar preocupado consigo. Sim, ele me magoou. Mas eu o magoei também. Casamento é uma via de mão dupla, e muito raramente algo é culpa de uma só pessoa. Sou capaz de partir o coração de um homem, Stavros, então talvez seja eu que deva lhe dar o fora.

– Não tenho um coração para partir, Jess.

– Não acredito nisso.

– Quando tive tempo para me preocupar com meus sentimentos? Tenho que cuidar de Kyonos. Enquanto meu pai



descontou sua raiva e tristeza em Xander, enquanto Xander se afundava em sua culpa, alguém tinha que colocar tudo de lado e aguentar. Fiz disso minha missão, nunca permiti que a emoção ditasse meus atos.

Os olhos dele encontraram os dela; o vazio neles era preocupante. Jessica estava tão acostumada ao seu charme brilhante que vê-lo distante fez com que sentisse frio.

– É isso que eu devo fazer ser o melhor rei que posso ser. Ser melhor do que meu pai.

– Entendi.

E ela realmente entendia. Se não tivesse sido capaz se esconder atrás de seu muro de sarcasmo, nunca poderia ter feito seu trabalho. Nunca poderia ter encontrado pares para outras pessoas.

– Mas por enquanto tenho você, e não vou deixá-la escapar, Jess. – Ele se inclinou e deu um beijo suave nos lábios dela.

Mal a tocara desde o encontro deles pela manhã, e isso era mais do que bem-vindo.

– Aprecio sua atenção – disse ela, a respiração entrecortada agora.

Jessica tentou não parecer tão óbvia, tentou reaver o controle. Mas ela poderia dizer, pela expressão no rosto de Stavros, que ele não tinha mais controle do que ela.

– Não posso pensar em mais nada quando você está por perto.  
– Ele deslizou os dedos pelo cabelo dela.

– É difícil acreditar que você precisa da minha ajuda para encontrar uma esposa. Você parece saber tudo sobre o assunto romance.

– Romance é uma área na qual sempre estive em falta. Não em sedução ou flerte, mas são coisas diferentes de romance, não são? Não requerem sinceridade.



– Eu sei – disse ela, cobrindo a mão dele com a sua. – Mas não estamos preocupados com isso, certo?

– Ah, suas táticas de negação são excelentes.

– A realidade tem o seu lugar. Mas não aqui.

– Normalmente, eu discordaria. Do conceito todo deste relacionamento. Mas não tenho forças para fazer isso agora.

– A única razão pela qual você não tem forças agora é porque tem sido mais forte do que qualquer homem tem que ser. Você abriu mão de coisas demais.

– Talvez. Mas até agora não tinha sentido falta de nada. Mas se eu deixar passar a chance de estar com você, acho que me arrependerei disso por toda minha vida.

As palavras ficaram suspensas entre eles, densas, sérias. E mais do que verdadeiras.

Ela fez uma careta, piscando para tentar dissipar o ardor em seus olhos.

– Eu, certamente, odiaria perder isso.

Jessica voltou o olhar para o horizonte, para o sol brilhando sobre a água cristalina. Não admitiria que ele tinha se tornado quase insuportavelmente importante para ela. Estava cansada de desejar o impossível.

– Jess... – Stavros sussurrou, e ela se virou para olhá-lo.

A expressão dele fez o coração dela parar. Stavros parecia tão faminto, tão triste. E tão rápido quanto as emoções ficaram evidentes em seu rosto, elas desapareceram.

– Tenho algum trabalho para finalizar hoje, e depois gostaria de vê-la de novo. Depois do jantar?

Ela assentiu.





– Sim. – Estava grata por uma pausa, um indulto. Porque seu peito parecia tão apertado, mais do que apertado, e ela estava achando difícil respirar.

– Nós nos veremos mais tarde.

Ela assentiu.

– Isso parece bom.

Sim, ela precisava desesperadamente de uma pausa.

Tinha entrado em seu casamento como uma idiota ingênua, e aprendera muito sobre a realidade da vida desde então. Isso, aliado ao fato de que sabia que o relacionamento deles não duraria, deveria ser o bastante para manter sua cabeça no lugar.

Infelizmente, Jessica não estava certa disso.

– JESSICA?

A villa estava vazia quando Stavros voltou à noite. Era mais tarde do que ele pretendia. Principalmente porque passara a tarde sentado no escritório de Pireu, observando o oceano e tentando conter sua libido tumultuada.

E a estranha pontada em seu coração quando pensava no rosto de Jessica não ajudava. Stavros estava muito mais atrasado do que deveria, e esperava encontrá-la na cama. Rondou os corredores por alguns momentos, abriu a porta do quarto dela e confirmou que estava vazio.

Stavros sabia que Jessica não estaria ali; era como se estivessem ligados por um fio invisível. Era como se sentissem a mesma coisa, em corpos diferentes. Estranho sentir-se assim... E estranho que ele não estivesse lutando contra isso.

Apenas por este mês. Apenas por enquanto.

Foi até o terraço e olhou para a praia que ficava logo abaixo. Pôde vê-la na areia, sua silhueta delineada pelo tom prateado da lua. Desceu as escadas que o levariam até Jessica puxando o nó



da gravata e a deixando cair em algum lugar na areia. Descartou seu casaco e continuou andando.

Stavros podia sentir a ausência quase tão intensamente quanto sentia sua presença. E não tinha certeza do que isso significava. Apenas que precisava ficar perto dela. E que a força de seu desejo físico não era tão poderosa quanto a necessidade de estar com ela. Era mais do que a mera luxúria, e ele sabia disso, a cada passo que dava.

Stavros andou sem fazer barulho pela areia, atirando longe seus sapatos, não se preocupando com o destino deles.

Jessica se virou bruscamente, e ele se perguntou se ela poderia senti-lo também.

– Oi – cumprimentou ela, sua voz bem baixa sob o som das ondas quebrando na costa.

– Desculpe-me, estou atrasado.

– Você não marcou hora. Tudo bem.

– Ainda assim, é muito tarde.

Ela deu de ombros.

– Tudo bem. Tive uma ótima tarde. Telefonei para Victoria antes que ela pegasse o avião de volta para casa e disse-lhe para aguardar um convite para um evento em Kyonos. Espero que esteja tudo bem.

– Era a coisa certa a fazer. Não importa como me sinta em relação a isso.

– Não é exatamente ignorar isso, admito. Mas nós dois sabemos que você não pode apenas ligar para ela em um mês com um pedido de casamento.

O peito dele se apertou.

– Eu sei.



– Você não tem um baile de celebração chegando para quando Eva e Makhail voltarem da lua de mel? Está em uma cópia de sua agenda. Eu recebi e pensei que seria a oportunidade perfeita para você ser visto com Victoria.

– Ah, sim. Eu tinha esquecido.

– Ao serem vistos juntos em um evento como esse, vocês se estabeleceriam como um casal. E o noivado não seria surpresa para o povo.

Seu povo. Tudo isso era sobre seu povo. Seu país. Seu coração. Os motivos para seu casamento se perdiam quando ele tinha Jessica bem na sua frente, colorindo seus sentimentos.

Stavros passou os dedos pelos cabelos loiros e sedosos dela.

– Senti sua falta, Jess. – Ele não tinha certeza do motivo de ter dito isso, mesmo que fosse verdade. Não estava certo de que nível de honestidade era necessário no arranjo deles. Mas não sabia o que deveria dizer. Nem do que guardar e do que dar. – E, já que falei nisso, quero beijá-la.

– Hum... Boa ideia. Gosto dos seus beijos.

– Quero mais do que isso. Quero fazer amor com você esta noite. Mas não quero machucá-la, de jeito nenhum, nem por um segundo. Se isso acontecer, você me manda parar e eu paro. Não importa o quanto parar seja duro para mim, eu pararei. Nunca a machucaria. – Assim que ele disse as palavras, temeu não serem verdadeiras.

Ele pararia se a machucasse durante o amor, é claro. Mas havia outras formas de machucar Jessica. E Stavros não queria ser o homem a fazer isso.

Ela assentiu lentamente.

– Também quero você, Stavros. Muito. E nem mesmo estou nervosa. O que é insano, mas eu apenas... sei que será bom. E que me sairei bem.



– Algo sobre o que não tenho dúvidas.

Ela sorriu.

– Fico feliz.

– Oh, Jess, você é a mulher mais linda. A mais fascinante. – Stavros a tomou nos braços e a beijou.

Os lábios dela eram tão macios, tão quentes. Eles o aqueciam, todo o seu corpo, seu sangue queimava em suas veias, seu membro endurecia.

Ela entreabriu os lábios e mexeu sua cabeça, a mão contra o rosto dele.

Stavros deslizou a língua para dentro da boca de Jessica, acariciando-a, sentindo o desejo rugir dentro dele como uma fera, uma que exigia ser satisfeita. Que exigia que ele a deitasse na areia e tomasse aquilo que precisava. Que ele a usasse para preencher o vazio dentro de si. Porque Jessica poderia fazer isso. Ela era a única que poderia.

Stavros colocou as mãos nos quadris dela, para prepará-la. E então, ao puxar a barra do vestido dela, hesitou. Não faria isso com Jessica. Não iria amá-la pela primeira vez assim, com pressa, desespero, sem cuidar dos sentimentos e das necessidades dela.

Mas foi Jessica quem mudou o jogo. Foi Jessica que acariciou o peito de Stavros, escorregando as mãos até encontrá-lo túrgido, enrijecido, pronto para ela. Era um apanhado de contradições sua Jessica. Tão confiante em lhe dar prazer. Tão hesitante em se permitir sentir. Com tanto medo de perder o controle.

Ela o tocou, e ele quase perdeu a cabeça naquele momento, a mão doce dela sobre sua ereção, acariciando-o.

– Oh, sim... – sussurrou ela contra os lábios dele. – Eu quero você.

Tomando a mão dela, Stavros a afastou, apesar dos protestos de seu corpo.



Ele levou a mão até seus lábios e a beijou.

– Não desse jeito, Jess. Não desta vez.

– Stavros...

– Você não está no comando. Sei que não gosta de ouvir isso. Mas é assim que será.

Jessica fez uma careta, e ele se perguntou se exigira muito dela obedecê-lo. Mas ela não se afastou. Umedeceu os lábios e deslizou a mão ao redor do pescoço dele, seus dedos passaram por seu cabelo. Ela beijou o queixo dele, sua orelha. Ele sorriu quando sentiu os dentes dela arranharem-lhe o lóbulo.

– Sei como vai ser – disse ele.

– Sabe? – disse ela; sua voz tremia, traindo um pouco seus nervos.

– Bem, isso não é totalmente verdade. Não posso adivinhar como será. Porque nunca me senti assim em relação a uma mulher antes. – Logo que ele disse isso, percebeu como era verdade. – Nunca desejei uma mulher como desejo você.

– Fico feliz que seja recíproco. Nunca me senti assim também, nem mesmo antes... nem mesmo antes... nem nunca.

– Então somos dois. E fico feliz por isso. Odiaria ficar aqui, pronto para perder a cabeça desejando você, e você se sentindo calma e certa.

– Oh, não se preocupe comigo, Stavros. Estou tremendo – sussurrou.

Ele praguejou.

– Desculpe-me, estou perdendo minha boa educação.

– Bom. Não preciso de sua boa educação. Você é um homem muito charmoso. Quero o verdadeiro Stavros.

– Você o tem, minha querida.



Ele a beijou novamente, no meio da conversa. As palavras eram muito difíceis agora. Ele apenas tinha que mostrar a ela. Porque aquela era a coisa mais genuína que já fizera. Com Jessica, Stavros não se valia de nenhum artifício.

Ele entrelaçou os braços em volta dela, e a puxou contra seu corpo, suspirando quando os seios fartos roçaram seu peito. Ela era suave e perfeita, tudo que uma mulher deveria ser. Ele deslizou a mão pelas curvas de Jessica, pela extensão de sua cintura, por seus quadris fartos, a curva arredondada de seu bumbum. Stavros a percorreu com a palma da mão, enquanto seu corpo tremia.

– Botões – resmungou ele, tirando as mãos das costas dela e voltando sua atenção para a frente do vestido.

A maioria dos vestidos dela era de botões, e ele estava quase convencido de que ela escolhera este para atormentá-lo.

O sorriso perverso dela parecia confirmar sua suspeita.

Stavros se movia devagar, abrindo cada botão na metade da velocidade com que poderia ter feito isso. Provocando a ambos. Valia a pena.

Jessica mordeu o lábio e o observou trabalhar. Mesmo com a parca luz, ele pôde ver o rubor tomando conta do rosto dela. Pôde sentir sua respiração ficar mais curta, seus seios empinarem contra seus dedos quando ele desabotoou os botões ali.

Stavros estava excitado, queimando com o desejo de tomá-la, de sentir a pele nua de Jessica contra a sua. Ela usava um sutiã de renda, pequeno e sensual. Ele deslizou o dedão por um seio, sentindo o mamilo endurecer sob seu toque. Foi em direção ao próximo conjunto de botões até que a saia pudesse deslizar pelos quadris dela e cair na areia.

Ela já estava descalça, e agora vestia nada mais do que um conjunto de calcinha e sutiã de renda. Ele já a vira sem roupas antes, mas não daquele jeito. Stavros abriu seu sutiã em um só movimento hábil, e ele se juntou ao vestido na areia.



– Você é a perfeição – disse ele, tocando seus seios, provocando seus mamilos.

Ela fechou os olhos, entreabriu os lábios suavemente. Stavros a beijou e depois deslizou a boca pelo pescoço dela e seu colo, antes de tomar um mamilo enrijecido em seus lábios e deslizar a língua por ele.

– E seu gosto é incrível – afirmou ele.

Jessica estremeceu sob Stavros, e ele sentiu um tremor em resposta ecoar em seu próprio corpo.

Stavros se ajoelhou na areia, não se importando com seu terno, não se importando com nada, exceto a necessidade de prová-la. Deslizou a língua pela cintura da calcinha de Jessica e sentiu-a enrijecer.

– Vamos, Jessica, não seja tímida, querida.

Jessica apertou os ombros dele, o frio das pontas de seus dedos entrando por sua camisa. Ela não o impediu de continuar. Ele puxou a calcinha pelas pernas dela enquanto Jessica fazia movimentos imprecisos para ajudá-lo.

Stavros olhou para ela e viu um brilho de lágrimas em seus olhos. Quando olhou para baixo, não foi apenas o maravilhoso triângulo de pelos na junção de suas coxas que prendeu sua atenção, mas a cicatriz logo acima. Uma linha fina, uma imperfeição que, para ele, não diminuía em nada a absurda beleza daquela mulher.

Mas ele sabia que aquela cicatriz causara muita dor a Jessica. E ele não poderia permanecer indiferente a isso. Estava grato por estar de joelhos, porque a dura pontada que sentiu em seu peito poderia tê-lo derrubado.

Ela murmurou.

– Stavros...



– Oh, Jess... – Ele se inclinou e pressionou o rosto contra a barriga dela, beijando-a ali, logo abaixo de seu umbigo. – Você é maravilhosa para mim.

Ele baixou a cabeça e traçou a mesma linha que o bisturi do cirurgião tinha traçado. Não daria a ela chance de protestar. Desceu mais ainda e roçou a ponta da língua em sua região íntima.

Um som primitivo escapou dos lábios de Jessica, e as unhas dela afundaram nos ombros dele.

Stavros segurou-a fortemente pelos quadris e continuou sua exploração do corpo dela com os lábios e com a língua. Podia senti-la tremendo sob seu toque, e isso era bom, porque ele também tremia. Não conseguia se lembrar de desejar tanto uma mulher, não conseguia lembrar se o gosto de uma mulher fora essencial. Estava certo de que nunca tinha sido. Até aquele momento.

Jessica era absolutamente única. Compará-la a outras experiências, comparar esse momento com outras experiências era impossível.

Ele deslizou a mão entre as coxas dela e pressionou um dedo onde ela era mais sensível, massageando-a incessantemente.

Jessica ficou paralisada por um momento, suas mãos ainda agarradas a ele, e Stavros sentiu os músculos dela se contraírem ao seu redor conforme ela encontrava alívio.

Ele dava prazer a ela, e aquilo o satisfazia também.

Mas ainda assim precisava de mais. Estava tão excitado que seu corpo queimava.

Jessica se ajoelhou, beijando-o, seu corpo pressionado contra o dele, suas mãos abrindo os botões de sua camisa. Nada mais importava para Stavros. Nada além de se juntar a Jessica. Nada além de encontrar algum alívio para a dor. Para o vazio que ele nunca reconhecera até que Jessica entrasse em sua vida.





Stavros a ajudou, tirando sua calça o mais rápido possível. Jessica deslizou as mãos pelo peito dele, por seu torso, ao largo de sua ereção, provocando, mas sem excitá-lo demais.

– Cuidado – rosnou Stavros.

Jessica sorriu, um sorriso petulante de uma mulher que tinha sido satisfeita, mas que ainda estava faminta por mais. A maior diferença entre ambos agora era que Jessica tinha tempo para provocar. Ele temia não ter.

Jess se moveu e colocou as mãos dele em sua cintura. Stavros inclinou o rosto para colocar um mamilo em sua boca. Ela se arqueou para ele, e Stavros deslizou a mão pelas costas dela, guiando-a de modo que sua ereção pressionasse sua entrada úmida.

– Quando você estiver pronta, querida – disse ele tremendo.

Jessica mordeu o lábio; seus olhos estavam fixos nos dele. Stavros podia ver o medo dela e desejou ter algo que pudesse fazer para aliviar isso. Manteve seu domínio constante, e continuou parado, permitindo que ela controlasse o momento.

Stavros não queria fazer nada para arruinar aquele instante.

Ela desceu o corpo na direção dele, devagar, permitindo que ele entrasse nela um centímetro por vez.

Stavros precisou de toda a sua força para não puxá-la contra si e penetrá-la, afundando no calor do corpo dela.

Ele manteve a atenção no rosto dela. Seus lábios entreabertos, sua expressão intensa. E quando ela o teve totalmente daquele modo, deixou sua cabeça cair para trás, e um lento suspiro escapou de seus lábios.

– Oh, sim... – ela sussurrou.

– Bom? – perguntou ele.

Jessica olhou para baixo, um sorriso tocando seus lábios.



– Muito bom. E não o bastante. – Ela inclinou os quadris, e o prazer o trespassou como uma inundação, derramando sobre ele, tomando-o.

Ela estabeleceu o ritmo, mas ele se movia com ela, mergulhado em seu corpo, encorajado pelos sons de êxtase que vinham dos lábios dela. Jessica plantou as mãos sobre o peito dele, seu rosto inclinado para baixo, o cabelo cobrindo a ambos, blindando-os.

Ele podia sentir seu orgasmo chegando, levando-o ao limite.

Apegou-se a isso, toda sua força de vontade voltada para manter o autocontrole. Queria proporcionar mais a ela. Mais uma vez.

Mais um movimento gracioso e ela jogou a cabeça para trás, seus seios se empinaram para a frente. Ele capturou um deles com seus lábios e ela congelou, sua boca se abriu em um grito silencioso.

E, então, ele se permitiu esvair-se nela.

Oh, Deus...

E de repente, Stavros estava perdido, incerto se deveria voltar à Terra. Voltar a si mesmo. Mas Jessica estava lá. E isso significava que nada mais importava. Nada a não ser o prazer que os mantinha juntos, nada além da sensação que o tomava como uma onda, levando cada vez mais distante da costa.

Ela caiu sobre seu peito, sua respiração quente sobre a pele dele, seus seios pressionados contra sua barriga. Ele passou os braços ao redor dela e deslizou a mão suavemente por seus cabelos.

Ele pôde sentir as lágrimas dela nele, amortecendo sua pele.

– Jess... não chore.

– É bom chorar – disse ela, soluçando.

– Sem dor?



Ela balançou a cabeça.

– Sem dor. Você é incrível.

– Tudo culpa sua.

– Não acho. Nunca tinha sido assim para mim.

Ele enrolou uma mecha do cabelo macio dela em seu dedo, depois a soltou e observou como a brisa do oceano a pegava.

– Bem, nunca tinha sido assim para mim também.

– Você nunca precisou lidar com uma mulher neurótica que teve vários encontros sexuais e chorou depois?

Stavros riu. Ele não conseguiu se lembrar de alguma vez ter desejado rir depois do sexo. Dormir, voltar para sua própria cama, sim. Mas não rir.

Ele se sentou e a trouxe para junto de si, segurando-a em seu colo.

– Você é verdadeiramente única.

Stavros a beijou, bebeu dela. Alguma vez já se sentira como se não tivesse faminto por ela?

Ele se levantou e a tomou nos braços, olhando para as ondas, a brisa quente em sua pele nua.

– Que me diz de um banho? – Stavros correu para a água, e ela se segurou mais forte no pescoço dele, gritando quando eles bateram nas ondas, a água se espalhou em volta deles.

Ele caminhou por entre as ondas que quebravam na praia e rodou ao redor delas. Então, baixou-a gentilmente amparando-a mesmo depois que Jessica já estava com os dois pés plantados no chão. A água batia em seus quadris. Ela ria, sem fôlego. Ele estava chocado por descobrir que também ria sem reservas. Ela não apenas o fazia sentir. Fazia-o sentir tudo. Ao mesmo tempo. E de um modo avassalador. Realmente parecia que o peito dele poderia explodir.



– Você é louco – disse ela, beijando sua boca.

Os lábios de Stavros tinham gosto de água salgada e dela.

– Talvez um pouco. – Ele olhou para o rosto de Jessica, tão pálido, tão adorável ao luar. – Sim, talvez um pouco.

Ele não conseguia desfazer o sorriso que se espalhava por seu rosto, não conseguia lutar contra o estranho sentimento que se espalhava em seu peito.

Ela envolveu sua cintura com os braços.

– Você é como o primo sensual do príncipe encantado. Príncipe Sensual.

– Sem apelidos – disse ele.

Ela riu contra seu peito.

– Certo tudo bem. Sem apelidos. – Acariciou as costas dele. – Você tem areia nas costas, Príncipe Sensual.

– E de quem é a culpa disso?

Ela olhou para ele, a expressão travessa.

– Não faço ideia.

Algo em seu peito pareceu se estilhaçar. Como um pássaro escapando do confinamento de uma gaiola. Uma estranha sensação o tomou de assalto. Alívio. Felicidade. Liberdade. Coisas com as quais ele não tinha muita experiência.

Ah, se Stavros pudesse se apegar a isso... Ele faria com que aquelas quatro semanas mágicas o sustentassem para sempre.



## CAPÍTULO

## DEZ

– FIQUE COMIGO esta noite, Jessica. – Stavros apertou ainda mais a mão dela quando eles chegaram ao topo da escadaria ao voltarem para a villa.

– Quer que eu durma com você?

– Em algum momento – disse ele dando um sorriso travesso.

Ela deveria sentir algum tipo de estranheza, não deveria? Aquela era a sua primeira vez com um homem, depois de tanto tempo, de tantos tipos de dor...

Mas a lembrança de cavalgá-lo, de ser preenchida por ele, perder completamente a cabeça com o prazer a inundou.

E ela se sentia... surpreendentemente relaxada. E também excitada.

Com Stavros, Jessica não precisava se perguntar, a cada passo, se fazia a coisa certa. Ela sabia instintivamente como agir quando estava com ele.

– Só quero que você saiba, Stavros, foi o encontro mais maravilhoso de minha vida. Sem dúvida nenhuma, foi...

Ele sorriu.

– Você é muito boa para meu ego.

– Como se seu ego precisasse ser inflado.

– Vindo de você, significa muito. Não são elogios vazios.

Ela tossiu, tentando negar os sentimentos de ternura que se avolumavam em seu peito.

– Definitivamente ficarei em sua cama essa noite.

– Bom.



Eles caminharam pelo corredor de mãos dadas, e ele abriu a porta para seu quarto, tomando-a nos braços novamente assim como fez na praia.

– Mas preciso de um banho primeiro. Ainda estou cheio de areia. – Stavros carregou-a para o banheiro e a colocou sobre chão de mármore branco antes de abrir a torneira do chuveiro.

Ela se virou e viu seu reflexo no espelho. Tinha manchas vermelha por seu corpo, da areia e da barba por fazer dele. Seu rosto estava rosado, seu cabelo, mais bagunçado do que seria razoável, cheio de nós. A cicatriz continuava ali. Ainda impossível de ser ignorada. Mas seus olhos... Pareciam tão felizes.

Ela correu as pontas dos dedos sobre a linha abaixo de seu umbigo.

– Você é linda, Jessica – disse ele, passando os braços ao redor dela. – Você é linda.

– Sabe... Você é a primeira pessoa, além do meu médico, que me vê desde que consegui essa cicatriz.

– Eu não sabia – disse ele.

– Bem, isso foi... Foi o fim do meu casamento.

– Ele se divorciou de você por causa de uma histerectomia?

Ela mordeu o lábio e balançou a cabeça.

– Não. Eu me divorciei dele por ele não ter ido ao hospital me ver. Depois que voltei para casa, tudo que ele fazia era olhar para mim... Como se eu o tivesse traído.

– Canalha.

Ela balançou a cabeça.

– Não sei. Talvez... Eu tenha feito a coisa errada. Talvez, se nós tivéssemos continuado tentando, tivesse funcionado. Quem sabe os primeiros quatro anos de tentativas não tenham sido o bastante. Se tivesse mais quatro anos... Fui eu quem não aguentou



mais. Meu médico me disse que a histerectomia faria a dor desaparecer, então me agarrei a essa chance.

– E sobre adoção? Por que ele não adotaria uma criança?

– Não era o mesmo para ele. Isso... não era o que ele queria. – Ela teria feito isso. Com prazer. Feliz.

– Jessica...

Stavros se virou para ela, assim ela pôde encará-lo.

– Como você pode pensar que tomou uma decisão ruim? E sobre ele fazer você se sentir mal por lidar com a dor do modo como teve que lidar? Não era a dor dele. Ele não tinha o direito de fazê-la sofrer ainda mais.

– Algumas vezes penso assim também. Durante a maior parte do tempo penso assim. Nos últimos meses antes da cirurgia, eu estava tomando muitos analgésicos. Isso me fazia um pouco mais feliz, mas também me tornava sonolenta. Fazia com que meu cérebro ficasse nebuloso e me tornava incapaz de trabalhar.

– Isso é inaceitável. Não consigo acreditar que você sentisse tanta dor e que ele não se importasse.

A voz dele estava áspera.

– Eu sei – sussurrou ela. – E Gil nunca quis saber o quanto isso era ruim. Apenas não queria que as coisas mudassem. Não queria uma esposa doente que não conseguia suportar ser tocada.

– Ele nunca perguntou o quanto você estava mal? – Stavros afagou o rosto dela. – Ele não se importou?

– Não sei. Eu não... Estava tão convencida de que ele me amava. Era meu marido, afinal. Ele odiou toda a história da cirurgia desde o começo e disse que eu era uma ordinária. Mas eu não era. – A voz dela foi interrompida por um soluço preso em seu peito. – Eu não era. Ele era um canalha. E não me amava. Nem ao menos teve a decência de se divorciar de mim. Ele me fez tomar a decisão, para que assim pudesse me odiar por isso também.



– E você fez o que ele tinha que fazer. Você sabe disso, não sabe? – A expressão dele estava tão séria, tão incrivelmente sincera.

Isso fez o coração dela doer.

– Sei. Mas depois, algumas vezes, penso que desisti de tudo muito rapidamente. – Eu seria mãe. Suas próprias palavras ecoaram em sua mente. – Nunca saberei se eu poderia ter concebido uma criança se...

– E então teria ficado com um homem que amava mais um ideal do que você. Você merece algo melhor.

Ela riu.

– Engraçado você dizer isso. Sobre ideal. Sempre penso que a nova mulher dele é muito parecida comigo, para me confortar.

– Ele se casou novamente?

– Sim. E eles têm um bebê. A parte triste? Chorei por dois dias quando descobri que ela estava grávida. Eu a odiei. Eu a odiei muito. E isso foi tão errado...

Ele balançou a cabeça.

– Não foi errado. Você é humana.

– Sim. Sou. Muito humana. Mas você está certo. Eu mereço alguém melhor do que ele. Melhor do que ser o veículo para os sonhos dele. Melhor do que ser seu sonho fracassado. Ele foi capaz de seguir em frente e ter exatamente a mesma coisa. Eu não. Eu sou quem sou. Tenho o corpo que tenho.

– Você diz disso, que você não pôde deixar a si mesma, que ele pôde seguir em frente, mas está se esquecendo de algo.

– Do quê? – sussurrou ela.

Stavros tocou o rosto dela, seus dedos roçaram as laterais.

– Ele não pôde deixar a si mesmo. Gil é uma pessoa triste, egoísta. E é o que ele é. Ele não cresceu ou mudou. Nunca





compreenderá o que perdeu. Seu castigo é viver consigo mesmo. E viver sem você.

– Oh... – ela sussurrou, as palavras a abandonaram completamente.

– Venha aqui. – Stavros pegou a mão dela e a guiou para o chuveiro. Suas mãos deslizaram pelas curvas dela.

O toque dele era reconfortante, e depois do banho, secaram um ao outro e foram para a cama.

Stavros a puxou contra a curva de seu corpo, seus braços tão fortes, seu calor a aquecendo. Isso era tão íntimo. Jessica se aninhou contra ele. Parecia mais íntimo do que qualquer coisa que ela vivera. Porque, pela primeira vez, ela sentia como se o homem em sua cama a entendesse.

– Ele realmente a deixou passar por tudo sozinha? – Seus dedos roçaram a cicatriz dela.

– Sim. Gil não queria que eu fizesse a cirurgia.

Ele praguejou em grego e, pelo pouco que Jessica entendia do idioma, era algo impossível para seu ex-marido fazer consigo mesmo. Ela riu.

– Obrigada por tomar meu partido.

– Ele deveria ter estado lá por você.

– Ele não poderia fazer isso. Para Gil, eu estava matando nossos sonhos. E sem aqueles sonhos, nosso casamento não tinha sentido.

– Não acredito nisso, Jess. Você é o bastante para preencher os sonhos, de um homem por si mesma.

As palavras dele ficaram suspensas entre ambos. Jessica não conseguiu falar. Ela não se importava em secar as lágrimas que estavam rolando por seu rosto. Lágrimas que pareciam tão boas por finalmente ser capaz de chorar.



QUANDO STAVROS acordou na manhã seguinte, viu Jessica deitada aos pés da cama, jogando em seu computador.

Os lábios dela estavam contorcidos de concentração, sua atenção na tela.

Ela deveria ter voltado ao seu quarto para pegar o computador e colocar um pijama, que consistia em uma pequena camiseta e short muito curto. Mas voltara para o quarto dele, e esse pensamento trazia mais prazer a Stavros do que deveria.

– O que está fazendo? – Ele se sentou e se inclinou para ter uma boa visão da tela.

– Oh... – Ela se virou e olhou para ele, o impacto de seu sorriso carregando toda a força de um gancho de direita de um lutador premiado. – Esperando você acordar.

– Como se joga esse jogo?

– Você lança estes pequenos pássaros pelo estilingue e tenta acertar os porquinhos.

Ele sorriu ante o entusiasmo dela.

Você é um fraco. Está se apegando a esta mulher.

Stavros sempre temera ser um homem fraco, governado por suas emoções como seu pai, como seu irmão. Isso seria sua ruína, a ruína de seu país.

Mas olhando para Jessica agora, entendeu finalmente que, ao ficar com ela, sentia-se forte. Mais forte do que já se sentira em sua vida. Mais vulnerável de alguns modos também, mas ele se perguntava se isso não seria bom.

Dando-se conta do que estava fazendo, Stavros se perguntou sobre sua sanidade.

– Marquei! – comemorou ela.

Ele sorriu.



– Ei! Você não disse que dançava quando alcança pontuações altas?

– Eu lhe disse, não dançarei na sua frente.

– Então posso vê-la nua, mas não posso vê-la dançar?

Ela se levantou e olhou por cima do ombro.

– Não conte isso a ninguém.

– Eu não ousaria.

Jessica balançou os quadris de um lado para o outro e seus braços se moviam ao mesmo tempo enquanto ela fazia uma careta. Stavros ria, sentindo-se observador em vez de participante. Como se aquilo não pudesse ser real. Esse fragmento de felicidade, esse momento de pura conexão e tolice com outra pessoa. Ele nunca se sentira assim. Seu coração parecia se apertar em si mesmo e se enrijecer. O mesmo coração que ele afirmava não ter.

Ela se jogou de joelhos na frente dele.

– Pronto. Agora já fiz.

Ele se inclinou e a beijou, ainda rindo.

– Incrível.

Ela era incrível. O que ela o fazia sentir era incrível. Ele se sentia diferente. Desejava lutar contra isso ao mesmo tempo que desejava abraçar essa sensação.

Apenas aproveite a chance. Por um tempo.

Ele colocou toda sua emoção naquele beijo, perdendo-se nele. Nela.

Pela primeira vez, Stavros não queria pensar.

Queria apenas sentir.

STAVROS e Jessica passaram a semana seguinte na Grécia. Jessica lidou com os clientes remotamente, e Stavros foi para o



trabalho na cidade, ou trabalhou em seu escritório na casa.

E, principalmente, eles se amaram.

Jessica tinha certeza de que havia um sorriso permanente em seu rosto, depois de todo o prazer que sentira nos últimos sete dias.

Mas estava um pouco preocupada, porque não parecia estar ficando cansada de Stavros. Pior, sentia muita falta dele quando ele se levantava antes dela para trabalhar.

Depois de tanto tempo dormindo só, parecia tão fácil se acostumar a ter alguém novamente.

O rosto dele era a primeira coisa que Jessica via todas as manhãs, e ela adorava isso. Adorava que o rosto dele fosse a última coisa que via antes de dormir.

Teriam que imaginar como fazer isso funcionar em Kyonos, o que seria um problema.

Ela entrou no quarto de Stavros, agora era deles, a tempo de vê-lo sair do banheiro com uma toalha branca enrolada nos quadris.

– Ei, estranho – disse ela.

Ele se virou e a olhou; seu sorriso fazia o coração dela parar de bater por um momento.

– Você conseguiu trabalhar?

– Uh...Sim. Uma mulher me contatou da Índia. Ela é de uma família muito rica e quer usar meus contatos para achar alguém melhor do que o homem para o qual seus pais a estão empurrando.

– Ela estava ansiosa para achar casamento para qualquer pessoa que não fosse Stavros, na verdade.

– Você parece animada.

– Estou.

– Entendo se você tiver que trabalhar assim que voltarmos a Kyonos – disse ele. – E se precisar se encontrar com essa cliente.



– Provavelmente irei. – Ela realmente não gostava de pensar sobre isso. Não queria considerar passar noites longe dele quando o tempo que tinham juntos já era tão limitado.

– Você pode usar meu avião.

– Ah, não, não quero fazer isso.

Stavros colocou as mãos nos quadris, e os olhos dela percorreram as linhas trabalhadas que seguiam sob a toalha, indicando a parte mais interessante de sua anatomia.

– Jessica, não seja difícil.

O aborrecimento correu através dela, duelando com a excitação de estar perto dele, todo molhado, fresco e seminu.

– Azar, Príncipe Sensual, eu sou difícil, se você não notou. E não tirarei vantagem de você. Minhas despesas são todas bem explicadas para meus clientes. Sou uma empresária. Muito bem-sucedida. Talvez não do seu nível, mas eu me viro muito bem sozinha.

– Sei disso. Mas se usar aeroportos, demorará mais. Posso levá-la a qualquer hora, dia ou noite, com maior conforto e na metade do tempo.

– Bem. Sim. Mas ainda assim, não é meu avião.

– Então, venderei uma passagem para você.

Ela estreitou os olhos.

– Por...?

– Se eu disser favores sexuais, você me colocará de joelhos?

Ela mordeu os lábios para se impedir de sorrir e dirigiu a ele um olhar mortal.

– Sem chance. Sairei de Kyonos via aeroporto internacional. Lide com isso.



Ele estendeu o braço e a agarrou pela cintura, puxando-a para si.

– Você é tão teimosa.

– É, e daí? Você gosta disso. – Ela pegou a toalha dele e a puxou, deixando-a cair aos pés de Stavros.

Ele sorriu para ela, depois beijou seu nariz.

– Talvez.

– A que horas voltaremos para Kyonos?

– Esta tarde. – O seu tom de voz disse o que suas palavras não disseram. Que era muito cedo. Que mesmo se eles ainda tivessem tempo juntos, o mundo real seria intruso. Que ele não queria isso.

Ela também não queria. Queria parar o tempo e viver em uma bolha onde a realidade não os atrapalhasse. Onde a química fosse razão bastante para ficar com alguém. Onde ela pudesse conceber uma criança e ser a mulher especial na vida de um homem, na vida de Stavros.

Mas isso não era real. Não poderia durar. E os dois teriam que lidar com isso.

– Certo. Acho que deveria fazer minhas malas então.

Stavros beijou os lábios dela.

– Depois – disse ele, beijando seu pescoço, seus ombros.

– Sim. Depois.

A realidade poderia voltar mais tarde.

Mas agora, eles passariam outra hora na fantasia.





## CAPÍTULO

## ONZE

EM VÃO, Stavros desejou sentir como se estivesse de volta ao seu lar quando entrou no palácio kyonosiano. Mas não sentiu. Sentiu-se como se as paredes estivessem se fechando sobre ele. Uma sensação da qual não gostava muito. De alguma forma, até o teto alto parecia estar se aproximando e ficando mais baixo, como se tentasse esmagá-lo.

A qualquer momento, realmente.

Stavros caminhou pelo corredor vazio até o escritório de seu pai. Empurrou a porta, abrindo-a.

– Majestade – disse ele, inclinando a cabeça.

– Stavros. – Seu pai se pôs de pé, as mãos cruzadas às costas. – Como foi na Grécia?

– Tudo em ordem. Os hotéis estão indo bem.

– E seu casamento?

– Se eu o arranjei? É isso que o senhor quer dizer?

– Com todo o dinheiro que você gastou com a casamenteira, achei que já estaria resolvido a esta altura – disse seu pai, a voz ríspida, concentrando-se novamente nos papéis espalhados sobre sua mesa.

Ah, sim, sua casamenteira. Sua amante. A mulher que tinha seu corpo e sua alma cativos. A mulher que o fazia sentir mais emoções do que qualquer outra pessoa jamais fizera em sua vida. A mulher que fizera com que ele questionasse o centro de sua existência. Aquela casamenteira.

– A Srta. Carter me apresentou a algumas candidatas notáveis.

– E?

– E eu selecionei uma. – As palavras ameaçaram sufocá-lo.





– Nome?

– Victoria Calder. Ela é inglesa. Linda.

– Fértil?

Meu Deus.

– De acordo com seu histórico médico, sim. Foi por isso, em parte, que contratei Jessica. Ela cuidou de todo esse desagradável processo de triagem. Nada de potenciais escândalos. Nada de lamentável surpresa médica.

Dizer essas palavras o atormentava. Porque elas o faziam sentir-se igual ao ex-marido de Jessica. Um homem à procura de uma mulher que se encaixasse em suas condições. Um homem escolhendo uma mulher que seria mais um enfeite que uma pessoa.

Era nisso que ele se tornara? Era isso que estava fazendo?

Sim. Era isso mesmo.

– Excelente. Quando você vai anunciar?

– Não o farei por enquanto. – Não até que fosse obrigado. Não até que tivesse agarrado a chance de aproveitar cada momento com Jessica. – Nós vamos aparecer juntos no baile de Eva e Mak.

– Excelente. Seu casamento será uma boa coisa para Kyonos. Estou certo disso.

– Sim – disse Stavros, sem a menor certeza.

Cumprimentando o pai com um movimento de cabeça. Stavros deixou o escritório. E lutou contra o ímpeto de esmurrar a parede de pedra.

Claro que ele era o único dos filhos que nunca desapontara o pai. O único que nunca desonrara o nome Drakos. Ele jamais pudera se dar ao luxo de ter sentimentos. Ou de fraquejar, ou de enlouquecer e simplesmente seguir seu coração.



Mas Stavros queria fazê-lo agora. Queria se entregar. Queria seguir as emoções que Jessica trouxera de volta à sua vida. Queria se agarrar a elas para sempre.

Caminhou para fora do palácio e entrou em seu carro.

Stavros gostava de dirigir, sempre que podia. Precisava disso. Porque era um dos poucos momentos em que podia ficar sozinho. Quando lhe era permitido parar de representar.

Sozinho ou com Jessica. Esses eram os únicos momentos em que isso era possível. Ele balançou a cabeça e deu partida no motor.

As ruas em Thysius estavam cheias, mas não demorou muito para que Stavros chegasse a seu apartamento de cobertura. O lugar era cercado de alarmes e seguranças, é claro, mas ele não se preocupava muito com isso. Kyonos era um país pequeno, e ele sempre se sentira a salvo lá.

Em algum momento, teria que se mudar para o palácio. Mas, por enquanto, ele iria se deleitar com sua liberdade.

As portas do elevador se abriram e revelaram sua cobertura.

Stavros olhou para o sofá e viu uma manta felpuda, cor de creme, espalhada sobre o couro preto. Sorriu e a apanhou, passando os dedos pelo tecido macio. Havia um livro sobre a mesa de centro envidraçada. Ele o pegou e folheou as páginas, tomando o cuidado de não desmarcar a página em que o livro havia sido deixado aberto.

– Você chegou.

Ele ergueu os olhos e viu Jessica de pé na entrada da sala de estar, e sua respiração parou por um instante. Ela era tão linda e trazia algo a casa dele, algo suave e feminino, algo que estivera faltando.

– Sim. Como foi seu dia?



– Ótimo. Eu falei com Harneet, a cliente indiana, ao telefone por algum tempo, e foi bom. Pude ter uma ideia do tipo de homem que ela procura. Acho que vou voar até lá e almoçar com ela algum dia, neste fim de semana.

– O baile de Mak e Eva será em duas semanas.

Ela assentiu.

– Eu sei.

– Você estará lá?

– Eu... Provavelmente não.

– Gostaria que você fosse.

– Uau, não quero ferir seus sentimentos nem nada, Stavros, mas ver você fazer sua primeira aparição pública com Victoria seria um programa tão bom quanto enfiar vidro quebrado debaixo das unhas.

– Não é por isso que a quero lá.

– Não? Mas é isso que você vai fazer no baile. Eu sei... sei o que vai acontecer. Nós dois sabemos.

Ela se virou de costas para ele, e ele pegou seu braço.

– Por que ficou com raiva de mim de repente?

– Porque você tem a sensibilidade de um alce. O que quer que eu faça no baile? Que fique suspirando pelos cantos e olhando amorosamente para você?

– Não, eu quero que você fique pelos cantos para que eu possa suspirar e olhar amorosamente para você.

Ela franziu o rosto.

– Isso não faz o menor sentido.



– Nada disso faz. Nada. E não faz desde que eu a conheci. Você me faz querer coisas, Jessica. E não posso ter nenhuma delas.

Ela fechou os olhos.

– Nem eu, Stavros.

– Jessica...

– Quer saber? Acho que vou ligar para Harneet e perguntar se posso me encontrar com ela mais cedo. Eu posso ir amanhã. E poderia estar de volta para ajudar a arranjar quaisquer planos futuros com Victoria.

– Você vai continuar me ajudando com Victoria?

– É meu trabalho, Stavros. E nada muda isto. Porque nada muda o que tem que acontecer.

– É verdade.

Não importava o que acontecesse, ele tinha que se casar. E na verdade, dadas suas qualificações, Victoria era a mulher com quem ele devia fazê-lo.

– Eu tenho que trabalhar logo cedo.

Ele sabia o que ela estava fazendo. Colocando alguma distância entre os dois. E eles precisavam disso desesperadamente.

Jessica continuou:

– Creio que já terei ido quando você chegar em casa. – Ela inspirou profundamente. – E acho que deveria dormir no meu próprio quarto esta noite.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Durma comigo. – Porque mesmo que eles precisassem desse tipo de distância, ele não estava seguro de que poderia suportá-lo. – Por favor.



Jessica assentiu.

– Tudo bem.

Amanhã eles teriam uma folga. Ele poderia clarear a mente, poderia voltar a se concentrar no que tinha que ser feito, deixando um pouco de lado a fantasia que havia se infiltrado sob sua pele durante as últimas semanas.

Uma fantasia que era simplesmente impossível, não importava o quanto ele desejasse torná-la real.

QUANDO VOLTOU da Índia, poucos dias depois, Jessica se sentia como algo que tivesse sido jogado na praia pela maré da villa deles na Grécia. Definitivamente, sentia-se mais como uma gaivota enlameada do que uma sereia.

A villa deles na Grécia. Que jeito tolo de pensar nela. A villa era de Stavros. Jessica apenas dividira a cama com ele lá, por um tempo.

E agora a ideia era de que ela fizesse o mesmo na cobertura dele pelas próximas semanas.

Jessica suspirou. Ela havia pensado muito, durante os dias que passara longe dali, sobre se o que eles estavam fazendo seria ou não uma boa ideia.

A conclusão a que chegara era de que era uma ideia muito ruim, mas ela já sabia disso desde o primeiro instante. Os dois sabiam. Eles simplesmente não tinham conseguido ser mais fortes que o desejo.

As portas do elevador se abriram, e ela entrou na imaculada sala de estar do apartamento dele. Ela sabia que a faxineira tinha estado lá, porque se havia uma coisa que Jessica aprendera sobre Stavros era que suas casas de visual moderno, limpas e arrumadas, não eram mantidas assim por ele próprio.

Ele deixava as roupas no chão. E muito frequentemente largava os pratos sujos na pia.



Stavros não é perfeito.

Não, ele não era nem um pouco perfeito, mas ela não estava muito certa de que se importava com isso. A lembrança não significava nada, porque saber tão bem que ele não era perfeito apenas validava os sentimentos que a estavam corroendo por dentro.

Jessica foi até a geladeira e pegou uma garrafa de leite. Estava quase vazia. Ela podia acrescentar isto à lista de pecados de Stavros. Colocar uma garrafa de leite quase vazia de volta na geladeira. E, provavelmente, também teria esquecido de dizer à faxineira que precisava de leite.

Ela caminhou silenciosamente pelo corredor e empurrou a porta do escritório dele. Vazio. Ele não estava lá.

Era tão fácil fingir, na casa dele, andando por ali, que pertencia ao lugar. Como se eles pertencessem um ao outro. Mas Jessica tivera muito tempo para pensar enquanto esteve fora. Mesmo que ela pudesse tê-lo, mesmo se ele desistisse de tudo por ela... ela não poderia permitir.

Porque ela já havia sido o sonho destruído de outro homem. Stavros iria apenas se ressentir dela, também, enquanto ela tentava, mais uma vez, se adaptar a uma posição para a qual simplesmente não havia nascido.

Jessica tirou o telefone do bolso e viu que tinha três novas mensagens de texto. Havia colocado o celular em modo silencioso e se esquecido dele.

Ela abriu a primeira mensagem.

Você vai estar de volta a tempo para o jantar?

A hora do jantar já tinha passado havia muito tempo, então a resposta era não.

Ela abriu a mensagem seguinte.



Ligue-me quando o avião pousar, para que eu saiba que você está em segurança.

Um sorriso ergueu os cantos de seus lábios, e ela passou os dedos pela tela do telefone. Por que ele tinha que fazer coisas assim?

Ela passou para a próxima.

Jess sinto sua falta.

Uma lágrima escorreu por sua face. Teria ela realmente lamentado, havia apenas algumas semanas, o quanto era difícil para ela chorar? Agora parecia tão fácil. O que ele fizera com ela?

Apertou o telefone e pensou em ligar para ele. Não estava muito segura de que fosse uma boa ideia. Na verdade, estava quase certa de que era uma ideia ruim. Ela provavelmente ia acabar chorando. Talvez até dizendo coisas que não devia nem pensar, quanto mais dizer a ele.

Ela selecionou a opção responder e digitou:

Também sinto sua falta.

E deletou tudo. E respirou fundo.

Estou aqui. Onde está você?

O telefone fez um bipe pouco tempo depois.

Posso mandar um carro buscá-la em uma hora? Quero lhe mostrar uma coisa.

Ela queria descansar um pouco, mas por alguma razão isso não parecia mais ser importante. A única coisa que importava era vê-lo.

Claro. Só me dê algum tempo para tirar a viagem do corpo.

A resposta dele veio rápido:



Estarei esperando por você.





## CAPÍTULO

## DOZE

O CARRO parou em frente a um farol, junto ao mar. A torre estava escura, sem sinal de vida em nenhum lugar da pequena casa de pedra. Jessica ergueu a barra da saia do vestido branco que havia comprado na Grécia, com Stavros em mente, e saiu do carro para a noite quente.

Ela ergueu os olhos e viu Stavros parado na frente do prédio caído, as mãos nos bolsos, o primeiro botão da camisa aberto. Ele parecia diferente. E tão maravilhosamente o mesmo. Jessica experimentava a estranha sensação de estar em casa. Uma sensação que ela não tinha fazia tanto tempo que nem percebera sua ausência até agora.

– O que é isto? – perguntou ela.

– Um lugar de que eu quase me esquecera. O palácio está ali – disse ele, apontando para luzes que piscavam, em uma colina. – Tecnicamente, este lugar faz parte do complexo. Mas não é usado há anos. Eu costumava vir aqui sempre que podia escapar. Quis vê-lo de novo, e então, quando vi... Quis mostrá-lo a você.

– Por quê? – perguntou ela, o aperto em seu peito se espalhando, chegando à garganta, fazendo com que ficasse difícil respirar.

– Porque você... Venha comigo, talvez então eu consiga explicar. – Stavros estendeu a mão e ela a aceitou, os dedos dele quentes e fortes enquanto se fechavam em torno dos dela.

Stavros a conduziu até dentro da casa. Estava fresco lá dentro, as grossas paredes de pedra protegendo o interior contra o calor que ainda perdurava no ar noturno.

Não havia móveis ali. Nem mesmo uma cadeira.

– Ninguém mora aqui? – perguntou ela. E continuou: – Bem, na verdade, a resposta é óbvia.



– Ninguém mora aqui há anos. Está vazio desde quando eu era criança. Venha comigo.

Ele a levou até os fundos da casa, para uma porta pequena e de topo arredondado, com uma escadaria íngreme. Ela o seguiu pela escada curva acima, os dedos entrelaçados nos dele.

Eles acabaram no topo da torre, uma sala pequena e limpa com uma lanterna no centro. Ali havia uma cadeira. E cobertores estendidos no chão.

– Eu costumava vir aqui e ficar olhando os navios – explicou ele. – Imaginando onde eles tinham estado. Aonde iam. Sonhando que eu estava aqui evitando que eles batessem nas pedras. Ficando de guarda.

– Você sempre esteve protegendo as pessoas, não é? – sussurrou ela.

– Era diferente. Para começar, não era real. E depois... eu me lembro de me importar mais com os navios e os perigos imaginários que eles corriam do que com qualquer outra coisa desde então. Era uma brincadeira de criança. Tola. Mas eu era apaixonado. Eu sentia algo. E perdi aquilo. Perdi de propósito. Queria lhe mostrar, porque pensei que você poderia entender.

– Se eu fizer perguntas, isso significa que falhei no teste? – perguntou ela, o coração acelerado, sentindo um peso por dentro. O peso do desejo. Medo. Saudade.

– Quero sentir novamente, Jess. Pela primeira vez desde que eu era criança... Quero aquilo de volta. Quero me importar. Você trouxe isso de volta para mim. Paixão. Eu não sentia paixão por nada fazia tanto tempo...

– Claro que sentia. Eu sei que você teve várias amantes além de mim – disse ela, tentando desviar a conversa da direção para a qual parecia estar indo.

– Desejo não é a mesma coisa que paixão. Não é o mesmo que... Não é o mesmo que isto. Eu costumava pensar... Pensei por



muito tempo que emoção era fraqueza. Que me importar com alguma coisa, com alguém, me faria fraco. Então eu fiquei pensando neste lugar. No quanto eu me importava. No quanto eu levava a sério até mesmo uma responsabilidade imaginária... Por causa do amor, na verdade.

– Stavros...

Ele chegou mais perto, os olhos fixos nos dela.

– Você parece uma deusa. – Ele voltava a falar de coisas físicas.

E ela ficou feliz que ele o tivesse feito.

– Fiz uma escala na Grécia e me lembrei de você ter dito... de você ter dito que eu deveria usar um pallas. É bem antigo – disse ela, tentando forçar um sorriso –, quase cem anos de idade, pelo que me disseram.

Ele fechou os olhos e se inclinou, encostando a testa na dela. Ela pensou que seu coração fosse explodir.

– Eu preciso de você. Agora.

O corpo dele tremia de desejo, e isso era algo com que ela podia lidar. Era disso que os dois precisavam. Do que era físico. De lembrar que essa história era sobre desejo, sobre uma atração mútua que ambos estavam tentando satisfazer.

– Estamos sós aqui, não é? Ninguém nunca vem até aqui em cima, certo?

Ele moveu a mão até o quadril dela, e então a deslizou em torno da parte mais baixa de suas costas, até a curva de seu bumbum.

– Este vestido não serve para ser usado em público. É sensual demais.

– Não há um único botão neste vestido para instigar suas fantasias.



Uma expressão estranha cruzou o rosto dele.

– Não. Mas eu não acho que jamais tenha tido algo a ver com os botões.

Havia um significado oculto naquela frase que Jessica não queria investigar. Porque não adiantava.

– Acho que era só você, o tempo todo.

Jessica tomou fôlego, ignorando a dor que se instalou em seu peito. Isso tinha que ser a respeito de sexo. Apenas sexo.

– Você, por outro lado, tem botões. – Ela colocou as mãos no peito dele e começou a desabotoar sua camisa, revelando seus músculos peitorais, perfeitos. – Oh, Stavros, acho que eu nunca me cansaria disso.

As palavras foram muito sinceras, honestas demais, e Jessica não conseguiria ter se contido nem se quisesse. Eram palavras verdadeiras. Ela jamais poderia se cansar dele. Nem do seu corpo, nem do seu humor ou de sua determinação. Nem daquela centelha de rebeldia que havia nele. Aquela gloriosa parte dele que jamais poderia ser completamente domesticada.

Jessica engoliu em seco e afastou a camisa e o paletó dos ombros dele, não deixando nada além da calça escura.

Stavros se inclinou e beijou o ombro nu dela, suas mãos procurando pelo ponto, na cintura que mantinha todo o vestido no lugar, pegando a ponta do tecido e a puxando de onde estava presa. Ele deixou essa ponta cair e Jessica sentiu toda a parte de cima do vestido se soltar.

Ele deu um passo atrás, apreciando a vista.

Jessica colocou a mão no próprio ombro e empurrou o largo pedaço de tecido que cruzava seu corpo, expondo seus seios. Ela observou o rosto dele enquanto se despia, lentamente, memorizando a agonia e o êxtase que via ali. Ninguém jamais



olhara para ela dessa maneira. Ninguém a havia feito se sentir tão vulnerável e tão poderosa ao mesmo tempo.

Stavros fazia isso tão facilmente quanto as outras pessoas respiravam.

Ele tirou a calça e a roupa de baixo rapidamente e as empurrou para o lado, nu e excitado, para que ela desfrutasse da visão. E ela desfrutou. Ele era uma festa sensual, incrível para todos os sentidos. Tato, paladar, visão... Stavros nunca desapontava. Ela estava a ponto de ir até ele para tocá-lo, mas ele se moveu antes, caindo de joelhos à frente dela. Stavros beijou sua barriga, empurrou a calcinha para baixo e deslizou um dedo por suas partes íntimas molhadas, acariciando-a.

– Você é tão bom nisso – disse ela, segurando firme nos ombros dele. Era muito mais do que mera habilidade sexual, e ela sabia disso.

Porque sua resposta a ele ia muito além de uma simples reação física. Era algo que tomava conta dela, profundamente, e a mantinha presa, não importava o que estivesse acontecendo. Estivessem os dois nus e sozinhos em uma praia, ou completamente vestidos em um salão de baile, Stavros era dono dela. De seu corpo, de seu desejo.

– O prazer é meu – disse ele, ficando de pé e a beijando na boca. – Você não faz ideia do quanto.

Ele a conduziu até os cobertores que haviam sido colocados no chão, e a abraçou forte enquanto baixava os dois até a superfície macia.

– Eu fui calculadamente seduzida. Você planejou isto.

– Foi mesmo – disse ele, sem o menor rastro de desculpas na voz.

– Isso é uma das coisas em você que eu... – Jessica se interrompeu antes que pudesse dizer as palavras que estavam ecoando em sua cabeça, em seu coração. – Você e eu pensamos



de forma parecida. – Nada de sentimentos. Nada de amor. Oh, céus, por favor, nada disso.

Ele segurou seu rosto e a beijou novamente, enquanto a outra mão acariciava seus seios.

– Você não vai ficar com toda a diversão – disse ela, deslizando a mão até tocá-lo.

Ele fechou os olhos, sua expressão era a de um homem completamente entregue ao prazer, completamente perdido nele. Ela memorizou isso também.

Observou-o até que seu próprio prazer ficou tão intenso que ela teve que fechar os olhos. Jessica se agarrou à imagem do rosto dele. Certificou-se de que ela estava no palco principal de sua mente. Ela enlaçou seus ombros, envolveu seus quadris com as pernas, e ele se posicionou de forma a deslizar para dentro dela. Ela mordeu o lábio para não gritar. Para não chorar.

Stavros a colocou de costas e ela abriu as pernas. Ele entrou mais fundo e ela arqueou o corpo para ficar mais perto dele, entrando no ritmo de suas investidas.

Não havia nenhum outro som na sala além de suas respirações entrecortadas ecoando nas paredes de pedra. Ela enterrou as unhas nos ombros dele, tentando encontrar algo sólido que a mantivesse ancorada à terra. Para que ela não flutuasse para longe e se perdesse para sempre.

Se é que não era tarde demais.

Um soluço escapou-lhe da garganta quando ela caiu das alturas, o prazer tomando controle de tudo, afogando-a em êxtase. Ela não conseguia pensar, só conseguia se pendurar em Stavros, enquanto onda após onda de delírio quebrava sobre ela.

– Stavros – disse ela, lágrimas saltando de seus olhos.

Ele estremeceu em seu próprio clímax, os músculos tensos, o nome dela nos lábios.



Depois, Stavros a puxou para si, beijou-a no rosto, na testa, na boca. Suas mãos, que haviam sido tão exigentes em sua busca e entrega de prazer –, agora eram suaves enquanto ele acariciava suas curvas.

Ela descansou a cabeça em seu peito, as lágrimas secando em seu rosto, seus olhos ficando pesados com o alívio da tensão sexual.

– Amo você, Jess.

As palavras a atingiram feito um soco. Ela fechou os olhos para tentar fugir da dor. Do arrependimento. Da vontade de dizer o mesmo a ele. Mas não podia. E ele não estava falando sério. Não podia estar. Ele tinha responsabilidades que eram muito maiores do que levar navios imaginários em segurança até a costa, e ela sabia que cumprir com aquelas obrigações era tudo para ele.

E se Stavros tentasse colocá-la na posição de cumpri-las ao lado dele... ela não poderia fazer nada além de fracassar. Não poderia fazer nada além de observar enquanto a doce ternura nos olhos dele fosse se transformando em um ódio amargo e frio.

Você é uma cretina tão egoísta, Jessica.

As palavras estavam sempre ali. Tão fáceis de ouvir. Tão fáceis de lembrar.

Ela não o faria. Não agora. Não importava o quanto desejasse poder fazê-lo. Esta noite, no entanto... Ela teve que se permitir esta noite.

Jessica se encolheu mais dentro dos braços de Stavros e esperou que ele não percebesse as lágrimas que caíam em seu peito.

STAVROS SABIA que a revelação deveria apavorá-lo. Mas isso não aconteceu. Nem mesmo horas mais tarde, depois que eles voltaram para seu apartamento. Depois que ele a deitou em sua cama e fez amor com ela novamente.



E agora, enquanto ele estava na cama com Jessica aninhada a seu lado.

Ele a amava.

Esperou que algo dentro dele ruísse, se quebrasse e revelasse sua fraqueza. Mas nada disso aconteceu. Ele se sentia mais forte. Como se tudo em Jessica, como se seu amor por ela, na verdade, estivessem aumentando sua força. Alimentando-o.

Amar era diferente do que havia imaginado. Mas também, Jessica era uma mulher diferente do que ele jamais poderia imaginar.

Stavros acariciou seu cabelo loiro e sedoso e a observou enquanto dormia sua bochecha apoiada no peito dele, e se perguntou como poderia encarar um futuro sem ela.

E ele soube que se realmente fosse ser o rei e o homem que devia ser, precisaria dela a seu lado.

## **CAPÍTULO TREZE**

ESTA ERA a saída dos covardes. Escapar de fininho enquanto ele dormia. Enquanto os primeiros raios de luz começavam a surgir no horizonte. Mas os homens faziam isso o tempo todo, não faziam? E a ideia não era poupar todos os envolvidos de uma grande e emotiva cena dramática? Jessica certamente precisava se poupar disso.

Porque ele tinha dito que a amava. Amá-la, ficar com ela, iria impedi-lo de conseguir tudo o que ele dissera que desejava. Ela nunca, nunca se deixaria ser culpada pela vida arruinada de um homem e por seus sonhos despedaçados.

Não outra vez, nunca mais.





Ela segurou a mala perto do corpo e cruzou o apartamento em direção ao elevador.

– Aonde você vai?

Jessica se virou e viu Stavros, ainda nu, com a calça na mão.

– Eu... estou indo embora.

– Por quê?

Jessica suspirou.

– Porque será agora ou em algumas semanas, e eu decidi que deve ser agora. Nós dois sabíamos que isso não era permanente, e o intervalo de quatro semanas não funciona mais para mim.

– Ponha essa mala no chão, Jessica. Agora. – Stavros vestiu a calça rapidamente, deixando o cinto aberto.

Ela abanou a cabeça.

– Não. Eu vou embora.

– Eu amo você.

– Você não quer amor. Já me disse isso. Você não acredita em amor. Simplesmente não acredita.

– Eu amo você – repetiu ele.

– Pare com isso, pare agora mesmo.

– É a verdade. Eu te amo. Amo você, Jessica – ele soava atormentado, a voz rouca e dolorida.

E ela havia causado essa dor.

– Não faz diferença, não fale como se fizesse. Como se pudesse fazer. Então você me ama? E o que significa isso?

– O que significa? Você quer saber o que significa? Que meu mundo para de girar quando você não está nele, que quando eu a vejo sinto que posso respirar novamente. É isso o que significa. E que eu reencontrei minha paixão. Que não sou mais vazio.



Ela deixou a mala no chão, então, colocando a mão sobre o peito.

– Não. O que quer dizer mesmo? Na prática. No mundo real. Porque nós dois sabemos que você me amar não faz com que eu possa ter seus bebês reais, o que significa que não sou boa o suficiente para usar a coroa. Nós dois sabemos disso, então qual o motivo disso tudo?

– O motivo... – disse ele, dando um passo na direção dela, com expressão mortalmente séria – era me fazer esquecer-la. Fazer-me superar a necessidade que tenho de você. Para que a ideia de um futuro sem você não me fizesse sentir como se estivesse sendo eviscerado. Esse era o motivo. Nós falhamos em todas as tentativas. Tenho sentimentos, Jessica. Eu estava tão morto, e por tanto tempo, quando você entrou na minha vida... E não pude mantê-la a distância, e não pude me impedir de ser eu mesmo quando estava com você. Eu a amo, e isso não é simples, mas é tão incrivelmente importante porque você me mudou.

– Você só acha isso, Stavros. Por causa do sexo. Porque você adora se equilibrar à margem das convenções o máximo que puder, e... Não seria chocante ter uma rainha divorciada e infértil? Mas não é verdadeiro. É temporário. Victoria é a verdade. Ela pode ser sua princesa, sua rainha. E ela pode lhe dar tudo de que você precisa. Eu não.

– Isto é injusto, Jessica. Não me diga o que eu sinto.

– Você ia acabar me odiando, Stavros. Ia mesmo.

Ele ficou parado, seus olhos escuros fixos nela.

– Diga que você me ama também.

Ela balançou a cabeça, as palavras presas em sua garganta, tentando escapar. Não iria deixar que isso acontecesse. Ela não iria piorar tudo.

Ele atravessou a sala em três passos, segurou o rosto dela, com mãos tão suaves, com a expressão tão feroz e sombria.



– Diga.

– Não – sussurrou ela, recuando um passo e pegando a mala novamente. – Fico feliz que você tenha se encontrado comigo, ou seja lá como você queira chamar isso. Mas não precisa que eu sinta essa paixão. Você não precisa que eu tenha emoções. Espero que tudo corra bem com Victoria. Espero que você... Espero que venha a amá-la algum dia.

Aquilo era mentira. Jessica não queria que ele fizesse isso, nunca. Queria seu amor para sempre, e se isso a tornava mesquinha, ela não ligava a mínima. Mas iria mentir agora. Iria preservar qualquer migalha de orgulho que lhe sobrara.

– Por favor, não me pague. Por nada.

Ele não disse nada, só ficou lá, o corpo tenso. Parecia a ponto de tentar impedi-la fisicamente de partir. Mas não o fez. Ele só ficou olhando enquanto ela se virava e ia embora. E ela não olhou para trás. Não pôde fazê-lo.

Stavros só conseguiu ficar parado, observando enquanto Jessica entrava no elevador, enquanto as portas se fechavam atrás dela.

Ele só conseguiu se concentrar em continuar respirando, cada inspiração causando dor física e aguda.

Ela estava errada. Estava errada a respeito de tudo.

Pelo menos quanto a ele. Ele precisava dela de verdade. Precisava dela mais do que de oxigênio.

Ela trouxera algo de volta a ele. Algo que ele pensara estar morto havia muito tempo.

Algo que ele ficara feliz em ver partir.

Stavros não tinha se permitido sentir a dor da morte de sua mãe. As pessoas em torno dele desabaram, e seu país virara um caos. Ele se prometera nunca mais deixar que aquilo acontecesse.



Mas agora... Agora ele se sentia como se estivesse destruído por dentro, como se cada respiração enterrasse um estilhaço em sua carne.

Stavros olhou a taça de vinho sobre o balcão da cozinha. Algo que Jessica devia ter bebido mais cedo. Ele entrou na cozinha e soltou um grunhido enquanto pegava a taça e a arremessava contra a parede. Ela explodiu em um milhão de pedaços irrecuperáveis.

E isso não melhorou em nada o que ele sentia.

Temia que nada jamais fosse capaz de fazê-lo.

## **CAPÍTULO CATORZE**

STAVROS PAROU em frente à mesa de seu pai e olhou para o anel aninhado em uma caixa de veludo, brilhando para ele. O estilo vintage do velho mundo da joia parecia zombar dele. Fazia seu coração parecer estar se estilhaçando. O que era impossível, já que ele já tinha sido estilhaçado vários dias antes.

– Você já escolheu, então? – perguntou seu pai, olhando para Stavros, sem se levantar da cadeira, com as sobrelhas grisalhas erguidas.

– Victoria é uma escolha maravilhosa para Kyonos. Ela será uma boa rainha. – Ele estendeu a mão e pegou a caixa, erguendo-a de cima da mesa. Levou-a até a altura dos olhos e estudou o anel.

– O anel de sua mãe – disse seu pai. – Ela adorava o engaste antigo e incomum.

Stavros riu, um som amargo.



– Conheço uma mulher assim.

– E por que eu tenho a impressão de que não é a mesma mulher a quem você vai oferecer esta joia?

Stavros fez que não com a cabeça.

– Jessica Carter não serve para ser rainha de Kyonos. Não pelos padrões estabelecidos para mim. Se eu me casasse com ela, seria um grande escândalo. – Algo em seu peito queimou e se espalhou por seu sangue feito fogo. Era a ideia de uma vida sem ela, dia após dia, desbotada e quebradiça, desprovida de cor, de beleza.

– E se você não estivesse destinado a ser rei, Stavros?

Stavros olhou para o pai.

– Mas eu estou. E isso significa que não posso pensar apenas em mim.

O rei Stephanos fez uma pequena pausa, sua expressão grave.

– Se você não se importa com nada, jamais será capaz de se importar com seu povo. Não do jeito que deveria.

– O amor enfraquece as pessoas, eu já vi acontecer.

Ele nunca havia condenado o pai frente a frente. Por algum motivo o estava fazendo agora.

Sua paixão renovada veio com uma renovação de todas as emoções.

Alegria e raiva. Profunda e desesperançada tristeza.

– O que me fez fraco foi a ausência de amor, Stavros. Tudo perdeu a importância depois que sua mãe morreu. O país; até meus filhos. Então eu abandonei tudo. O que é fácil de fazer, quando você não se importa.

Stavros nunca havia visto as coisas assim antes. E, no entanto, sentiu em sua alma que aquela era a verdade. Jessica o fizera



sentir-se verdadeiro outra vez. Em contato com a realidade, como não estivera durante muitos anos. Ela havia feito ressurgir nele a paixão por ser melhor, por agir melhor.

Ele olhou para o anel mais uma vez e uma imagem espocou em sua mente. Uma imagem dele colocando o anel no dedo de Jessica. Tentou mudar a imagem, com Victoria no lugar de Jessica. Não conseguiu. Havia apenas uma visão para seu futuro. Apenas uma mulher que ele poderia ter a seu lado.

– Se eu me casar com Jessica, haverá escândalo – disse ele, a voz áspera. – Nós não teremos um herdeiro. O passado dela alimentará os tabloides. – Olhou para o pai, que o estava observando em silêncio. – E eu não ligo a mínima. Eu a amo. Isso é tudo o que importa.

Stavros se virou o coração batendo forte.

– E é por isso que você será um rei duas vezes melhor do que o que eu tenho sido, Stavros. Você é um homem que deve seguir seu coração. Porque seu coração é forte.

Ele apertou mais a caixa com o anel.

– Agora é. Por causa dela.

– JESSICA!

Ela ouviu a voz de Stavros através da porta de seu quarto de hotel e ficou paralisada.

Por que ele estava ali? Por que a estava atormentando? Ela estivera arrasada pelas últimas 48 horas. E planejava continuar arrasada no voo de volta para casa. E depois, estava planejando virar uma massa disforme, arrasada e ensopada em Dakota do Norte. E, para falar a verdade, ela não precisava da ajuda dele.

Todo o seu corpo parecia estar muito pesado. O esforço de se arrastar para fora da cama naquela manhã quase não tinha valido a pena. Vestir pijama na noite anterior não valera a pena, e ela ainda estava com as roupas que usara durante o dia, porque se vestir também não parecera valer a pena.



E agora ele estava ali. E ela queria tanto correr até ele e ignorar a realidade que era quase impossível se impedir de abrir a porta e se jogar em cima dele.

– O que você quer? – indagou ela, sabendo que sua voz soava chorosa e não se preocupando com isso. Ela se sentia chorosa. Sentia-se destruída.

– Você. Abra a porta.

Seu coração bateu mais forte.

– Por quê?

– Porque agora eu posso lhe dizer o que significa.

Ela engoliu em seco e foi até a porta, girando o trinco e tirando a corrente antes de abri-la.

– O quê?

Stavros segurou a beirada da porta e o batente.

– Eu não vou me casar com Victoria.

– O quê? – perguntou ela novamente, dando um passo atrás.

– Não posso. Não posso porque você é a única mulher que eu quero. Eu a vejo em meus sonhos, eu a vejo quando estou acordado e fecho os olhos. Não consigo esquecê-la. Não quero esquecê-la. Eu quero você.

– Mas você... Victoria é perfeita para você. Ela... Ela... – Jessica pegou seu computador de cima do sofá e passou por algumas telas até achar a ficha de Victoria. – Ela é graciosa e maravilhosa, e pode ter seus bebês. Ela é linda e faz caridade para crianças sem-teto. Ela é perfeita.

– Sim, ela é. Aí. – Ele apontou o computador. – Por escrito, sim, ela é perfeita para meu país. Mas você, Jessica Carter, você é perfeita para mim. E eu não me importo com o que você não pode fazer, só me importo com o que você faz por mim, o que você me dá. Eu me importo com o fato de que, quando estou com você, sou



um homem melhor. Tenho estado isolado por anos. O que importa se posso dar ao meu povo um sorriso charmoso e vazio se não puder dar nada mais profundo que isso? Não faz diferença. Mas você me faz sentir. Você me forçou a encontrar algo em mim o que é verdadeiro. A ser mais que uma casca vazia. Não posso voltar atrás. E não vou voltar.

– Stavros, eu... Você não pode fazer isso. Não pode. Você tem que ter essas coisas – disse ela, apontando novamente para o computador. – Você precisa. E se não tiver...

– Se eu não tiver, eu serei um homem melhor por causa disso. Por lutar pelo que quero. Por ter encontrado uma paixão verdadeira. Por reinar com tudo o que sou. Você me ajudou a encontrar isso. Sim, é esperado que eu tenha uma esposa que possa ter herdeiros, mas não terei. E isso terá que ser bom o suficiente, vai ter que ser perfeito, porque minha mulher será você. A não ser que você não me queira. Aí então... Bem, aí eu não sei o que vou fazer.

– Stavros... – A voz dela falhou. – Eu quero você. Mas não serei a causa de sua missão não se realizar. Você quer tanto isso. Ser a encarnação perfeita do líder para seu povo. E não posso ser a pessoa que vai impedi-lo de fazê-lo. Já fui a causa dos sonhos destruídos de um homem, e não farei isso novamente. Não posso ficar olhando o amor se transformar em ressentimento e raiva. Não posso ser mais do que sou. Só tenho este corpo, e não posso lhe dar mais do que ele é capaz.

Uma lágrima correu por seu rosto, depois outra. Lágrimas que ela percebeu que estivera segurando pelos últimos anos de sua vida. Raiva e dor, e a angústia de ser limitada. De não ser boa o suficiente.

Stavros chegou mais perto dela, enxugou suas lágrimas com o polegar.

– Você é tudo – disse ele, com voz rouca. – Você me deu tudo. Eu não queria amor. Porque tinha tanto medo dele, da dor que ele poderia causar. Perder minha mãe foi destruidor para mim. Eu simplesmente me fechei em vez de lidar com os sentimentos.





Fechei-me completamente. Mas você me trouxe de volta, você trouxe de volta esta parte de mim, e a restaurou. Falei com meu pai. Ele me disse que o motivo pelo qual deixou tudo à deriva foi que ele não se importava mais. Com nada. Eu queria tanto não ser como ele, não me perder por causa do amor, que não percebi que eu estava sendo igual a ele. Não me importando com nada, fazendo as coisas sem emoção. Mas não sou mais assim. Não desde que a conheci.

Ele a beijou no rosto.

– Talvez no papel isso não funcione. Mas não acho que casamento é tão simples quanto eu acreditava. Não posso simplesmente contratar uma esposa do jeito que eu contrataria uma assistente. Preciso de uma mulher que me desafie, que me incentive a ser melhor, a fazer melhor. Sei que esta mulher é você. Mais do que tudo, preciso da mulher que amo a meu lado.

– Eu amo você – disse ela, deixando as palavras saírem. Finalmente. Elas eram como um bálsamo para sua alma, curando antigas feridas que nunca haviam realmente cicatrizado. Até agora. Até que encontrara Stavros.

– Eu lhe disse uma vez que você era sonho suficiente para qualquer homem, e continuo achando a mesma coisa. Eu não quero mais nada. Quero você.

Ela mordeu o lábio.

– Tenho medo de que você venha a lamentar isso. Que você venha a olhar para mim todo dia e veja... falhas. Todas as coisas que me faltam.

– Jessica, há falhas em mim – disse ele, pondo a mão sobre o peito. – Eu não sou perfeito. Mas acredito que você é a pessoa que pode consertar essas falhas. Que pode me tornar mais forte. Certamente você é a pessoa que me traz alegria.

Ela deixou escapar um soluço.



– Tenho... Tenho medo de que você venha a lamentar não ter filhos.

– Nós podemos adotar.

O choque fez com que ela perdesse momentaneamente o fôlego.

– Mas crianças adotadas não podem herdar o trono. Isso não resolve a questão dos herdeiros, não...

– Não estou tentando resolver um problema com adoção. Se nós quisermos filhos, se quisermos aumentar nossa família, nós podemos adotar. Não seremos os produtores de herdeiros. Tudo bem. Não quero ter filhos com outra mulher, quero tê-los com você. E com isso eu quero dizer que é você que desejo a meu lado, criando meus filhos. É isso que importa, afinal. – Ele apoiou a testa na dela. – Porque se você realmente me ama, então nada mais importa.

– Eu te amo. Eu realmente te amo. Mas quando nós nos conhecemos você me falou sobre todas as coisas que desejava e...

– Porque eu estava apavorado. Era um covarde. Estava tentando facilitar as coisas para mim mesmo. Passar pela vida sem se importar com nada é vazio, mas é simples. Eu ia me casar com uma mulher que seria apenas uma figura decorativa, e você jamais será isso. Você me faz querer ser o rei, o homem que eu nem sabia que podia ser. Você me faz mais forte. Seja minha esposa, Jessica. Por favor.

Cada palavra, cada traço do rosto dele demonstrava claramente sua sinceridade. E se ela pensasse no começo, no momento em que eles haviam se visto pela primeira vez, saberia que tudo começara naquele instante. Que cada olhar, cada toque, cada beijo os havia trazido até ali.

Que toda a dor que eles haviam sentido antes de se conhecerem os havia fortalecido o suficiente para chegar ali, fortes o suficiente para fazer com que o casamento desse certo. Para ter um amor que duraria.



– Eu... Sim. – O coração dela ficou mais leve, a felicidade, a verdadeira felicidade, a inundando e transbordando. Cada parte de seu ser que havia parecido vazia, incompleta, agora parecia cheia de amor.

– Nunca se sinta como se você não fosse o suficiente para mim. Você me completa. Todos os lugares vazios em mim.

Ela assentiu.

– Eu acredito em você.

– Jessica, essa vida não vai ser sempre fácil. Haverá assédio da imprensa e grandes responsabilidades, longas horas de trabalho e muitas viagens. Mas eu quero você a meu lado o tempo todo. Minha rainha, minha amante, minha parceira.

– Sim – disse ela novamente, sua voz agora mais forte. – Stavros, eu já amei antes. Mas isto é diferente. Porque eu me sinto como se você fosse parte de mim. Sinto que você quer a mim, e não minha imagem envolta em um sonho, como parte de uma fantasia. Eu realmente acredito que você ame a mim, e não a quem você gostaria que eu fosse.

– É verdade. Você não é um sonho. Nem de longe.

– Ei! – Ela sorriu em meio às lágrimas.

– O que eu quero dizer é que você é especial demais, única demais para que eu conseguisse inventá-la. Escrevi tudo que achei que precisava em uma esposa, e obtive algo completamente diferente. De fato, não me conhecia nem um pouco, nem sabia do que eu realmente precisava. Não até conhecê-la.

– Devo ser a pior casamenteira do mundo. Eu combino uma mulher com um príncipe, e aí... Aí eu fico noiva dele. Nós estamos noivos, certo?

– Estamos sim. Na verdade... – Ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá uma caixinha de cetim branco. – Isto era da minha mãe.



Stavros abriu a caixa e revelou um anel com um diamante lapidado em forma de pera, com detalhes intrincados nas laterais de platina.

– Ele está em nossa família há centenas de anos. Quando eu o vi... Quando o vi eu soube que havia apenas uma mulher a quem poderia oferecê-lo. Ele é perfeito para você.

– Tem razão. Você tem toda a razão.

Ele pegou a mão dela entre as suas e colocou o anel em seu dedo.

– É como se ele tivesse sido feito para você.

Ela balançou a cabeça

– Não, eu acho que você é que foi feito para mim. – Jessica se inclinou e o beijou, colocando todo o seu amor no beijo.

Agora que Jessica tinha Stavros, ela se sentia como se não tivesse falha nenhuma.

– Você preenche todos os espaços em mim que pareciam vazios – sussurrou ela.

Stavros acariciou seu cabelo, o toque dele tão cálido e perfeito. Mais perfeito ainda agora que ela sabia que o teria para sempre.

– Você faz o mesmo por mim. Acho que você deve ser meu pedaço que faltava.

Jessica fechou os olhos e se encostou nele.

– Durante tanto tempo eu me sentia como se tivesse nascido errada.

– Não, agápe mou, você não nasceu errada. Você nasceu para mim.



## **VIDA EM SEGREDO**

### **CATHY WILLIAMS**

Raoul se virou na cama com cuidado, apoiou-se no cotovelo e observou a mulher que dormia ao seu lado. O ar opressivo da noite africana entrava pela janela e, ainda que o ventilador ronronasse em cima da cômoda, mal formava uma brisa úmida e quente. O mosquiteiro não conseguia protegê-los, e ele afastou um mosquito que acabara de pousar no seu braço e sentou-se. Sarah espreguiçou, abriu os olhos e sorriu.

Ele era bonito. Ela nunca imaginara que um homem pudesse ser tão bonito como Raoul Sinclair. Perdera a fala, desde que o conhecera há três meses, e o efeito ainda era o mesmo. Bem mais alto que os outros, ele sobressaía entre todos os jovens que, como eles, desfrutavam de um ano sabático, mas ela se prendera basicamente ao encanto da sua beleza exótica: a pele dourada, o brilho dos seus olhos negros, cabelos sedosos, que agora chegavam à altura dos ombros, a energia do seu corpo musculoso e esguio. Embora ele fosse só um pouco mais velho que o resto deles, era um homem entre garotos.

Ela estendeu o braço e passou a mão nas suas costas.

– Mosquitos. – Raoul sorriu, observando a pele dourada dos ombros de Sarah e dos seus seios. Apesar de terem feito amor há algumas horas, ele sentiu o corpo enrijecer. – O mosquiteiro não adianta, mas, já que estamos acordados...

Sarah suspirou de prazer, abraçou-o pelo pescoço, puxou-o e beijou-o. Quando o conhecera era virgem, e ele a libertara, revelando-lhe novas e deliciosas sensações a cada vez que a tocava.

Ele puxou lentamente o leve lençol que os cobria. O corpo dela estava quente e suado. Sarah tinha os seios mais belos que já vira, e ele se entristeceu ao pensar que sentiria falta do seu corpo. Não: era mais que isso. Sentiria falta dela.



Quando ele resolvera trabalhar como voluntário, durante três meses, em Moçambique, não previra aquela situação. Na hora, parecera-lhe um interlúdio adequado entre a conclusão da faculdade – ele se graduara em economia e em matemática – e o que pretendia que fosse o início do resto da sua vida. Antes de se lançar na conquista do mundo e de enterrar seus demônios pessoais, ele se dedicaria a ajudar pessoas mais pobres do que ele fora – embora sua pobreza fosse de outro tipo. Conhecer uma mulher e levá-la para a cama não estava nos seus planos. Sua libido, como tudo mais em sua vida, era algo que ele aprendera a controlar implacavelmente. Poderia controlá-la durante três meses.

Sarah Scott, com seus cabelos louros e seu rosto inocente, certamente não era o tipo de mulher por quem ele se sentia atraído. Geralmente, ele procurava mulheres mais fortes, experientes, mulheres cuja atração era mais óbvia e que, como ele, só desejavam um relacionamento breve e intenso. Mulheres que eram como navios que cruzavam o porto sem lançar âncora e, mais importante, que nada esperavam dele.

Bastara olhar para Sarah para perceber que ela era do tipo que lançava âncora, mas isso não fora suficiente para mantê-lo distante. Durante duas semanas haviam enfrentado circunstâncias tão diferentes da costumeira realidade, que era quase como se vivessem dentro de uma bolha, ele a observara pelo canto dos olhos e percebera que ela fazia o mesmo. Ao final da terceira semana, acontecera o inevitável.

### **329 – VIDA EM SEGREDO – CATHY WILLIAMS**

Sarah Scott foi seduzida pelo playboy Raoul, que a abandonou. Cinco anos depois, mãe solteira, Sarah trabalha como faxineira em um escritório. E seu novo chefe é o homem que ela nunca conseguiu esquecer... Raoul!

### **330 – LOUCO AMOR – SANDRA MARTON**

Jacob Wilde leva sua vida desvairada a mil por hora. Addison McDowell já ouviu falar muito sobre o passado de Jake. Porém,



uma atração incandescente por um homem incapaz de amá-la é algo com que Addison não sabe como lidar...

### **331 – ESCNDALO EM HOLLYWOOD – CAROLE MORTIMER**

Tudo na vida do infame ator e diretor Jaxon Wilder é motivo de fofoca. Stazy é o oposto das mulheres com quem ele costuma sair. Mas agora eles terão de trabalhar juntos em um filme sobre a avó dela... e acabarão atiçando os tabloides com um romance escandaloso!

### **332 – PRESENTE DE UMA NOITE – SANDRA MARTON**

Os anos de trabalho incessante endureceram o coração do advogado Caleb Wilde... Até uma noite em Nova York em que tudo mudou. Quando Caleb descobre que Sage Danton tem algo muito precioso que lhe pertence, nada o impedirá de reivindicá-lo

### **70 – BATALHAS DO AMOR – AIMEE CARSON**

Cutter Thompson e Jessica Wilson irão participar de uma competição de encontros com celebridades. Porém, essa guerra dos sexos se complica com a intensa e eletrizante atração que sentem um pelo outro! Eles formarão uma boa dupla no jogo do amor?

**Últimos****lançamentos****325 – PRESO NO HARÉM – CAROL MARINELLI**

O último caso do sheik Rakhil Alzirz rendeu a ele um olho roxo e uma noite na cadeia... Mas antes de voltar ao trono, ele tentará descobrir se Natasha é tão quente quanto o sol do deserto!

**326 – UM MUNDO À PARTE – MAISEY YATES**

Makhail Nabatov é contratado para proteger a princesa Evangelina Drakos. Porém ele deverá lutar contra os próprios impulsos de tomá-la em seus braços, em nome do dever!

**327 – AMOR FELINO – ANNE MCALLISTER**

Cat MacLean foi abandonada pelo sedutor Yiannis Savas no passado e jurou que não se deixaria mais ser usada. Agora ela está noiva. Mas o playboy reaparece em sua vida e coloca à prova suas convicções... e emoções!

**69 – SORTE DE PRIMEIRA – NATALIE ANDERSON**

Após muitas tentativas, Roxie finalmente está pronta para ter a sua “primeira vez”. E parece que seu mais novo vizinho – e gato! – Gabe irá ajudá-la com isso. Será que ela conseguirá resistir às investidas desse médico que faz acelerar seu coração?